

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS  
Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens

Thiago Madureira de Alvarenga

**MÁFIA AZUL: AS IMAGENS DISCURSIVAS DOS LÍDERES DA TORCIDA  
ORGANIZADA**

Belo Horizonte  
2018

Thiago Madureira de Alvarenga

**MÁFIA AZUL: AS IMAGENS DISCURSIVAS DOS LÍDERES DA TORCIDA ORGANIZADA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens.

Orientadora: Profa. Dra. Lilian Arão

Área de concentração: Tecnologia e Processos Discursivos

Belo Horizonte  
CEFET-MG  
2018

Alvarenga, Thiago Madureira de.  
A473m Máfia Azul : as imagens discursivas dos líderes da torcida organizada / Thiago Madureira de Alvarenga. - 2018.  
143 f. : il.  
Orientadora: Lilian Aparecida Arão.

Dissertação (mestrado) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Belo Horizonte, 2018.  
Bibliografia.

1. Futebol - Torcedores. 2. Torcidas organizadas. 3. *Pathos*. 4. *Ethos*. 5. Análise do discurso. I. Arão, Lilian Aparecida. II. Título.

CDD: 796.334



**Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais**  
**Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens**

Dissertação intitulada “*Máfia Azul: as imagens discursivas dos líderes da torcida organizada*”, de autoria do mestrando Thiago Madureira de Alvarenga, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Profa. Dra. Lilian Aparecida Arão – CEFET-MG – Orientadora

---

Profa. Dra. Carla Barbosa Moreira – CEFET-MG

---

Profa. Dra. Priscila Augusta Ferreira Campos – UFOP

---

Prof. Dr. RENATO CAIXETA DA SILVA  
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens  
CEFET-MG

Belo Horizonte, 29 de junho de 2018

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Adalberto Bicudo de Alvarenga Filho e Edirlene Maria Leite Madureira, pelo imenso amor, incentivo e apoio. Sempre serei grato a vocês! À minha irmã Thais, pelo carinho.

Às tias Margô e Thábata, por terem me abraçado em Belo Horizonte. Elas abriram a porta de suas casas para eu realizar o sonho de estudar. Agradeço de coração a gentileza e o afeto dedicado a mim. Espero um dia poder recompensá-las. Também tenho palavras de amor à tia Marlene, sempre muito preocupada e carinhosa.

À minha avó Carmita, pela dedicação à família e por representar os valores cristãos que nos guiam. Assim, agradeço também a Deus, pela oportunidade de chegar até aqui. Ao meu avô Betico, em lembrança, um abraço afetuoso. Do senhor, responsável por despertar em mim a paixão pelo futebol, carrego as melhores recordações. Também dedico esta dissertação aos meus avós Elita e João, e ao bisavô Caetano, que já partiram deste mundo terreno.

Aos amigos de Santa Maria de Itabira, cidade na qual aprendi a viver o melhor da rivalidade sadia do futebol, com brincadeiras e gozações de crianças apaixonadas pela bola. São muitos os que fizeram parte daquela época, aqui cito alguns: Marcos e Márcio Martins Alves, Mozert Dutra, Marcus Vinícius Lage, Gustavo Assis, Thiago Vieira (*in memoriam*), Edy Soares, André Assis, Diogo Oliveira, Gabriel Lott, Ramon Taffarel e Robson Cruz.

Aos companheiros que passaram pelo *Estado de Minas* e que muito me incentivaram: Luana Cruz, Gilmar Laignier e Rafael Passos. Se não fossem os conselhos de vocês, talvez não seguisse esse caminho. Ao amigo André Luiz Silva, agradeço a atenção e os ensinamentos na profissão e no CEFET-MG. A todos os colegas de trabalho, em especial ao chefe Bruno Furtado, pela oportunidade de viver o *Superesportes* e pela constante compreensão e parceria no dia a dia.

Agradeço aos professores que participaram decisivamente da minha formação. À orientadora Lilian Arão, pela atenção e pelos direcionamentos à pesquisa. Aos amigos que fiz no CEFET-MG: Letícia, Marco Túlio, Lilian, Jéssica, Luciana e Andrey.

## RESUMO

Nesta dissertação, temos por objetivo analisar as imagens de si - o *ethos*, segundo Maingueneau (2008) e Amossy (2005) - no discurso de líderes da torcida organizada Máfia Azul, maior organizada ligada ao Cruzeiro Esporte Clube, a partir do depoimento do fundador, Eder Toscanini, do líder nos anos 2000, o francês Jean Marc Gougeuil, e do mandatário atual, Daniel Sales. Como as organizadas têm espaço escasso na mídia (LOPES, 2012), entendemos que era necessário dar voz aos dirigentes da Máfia Azul, entrevistando-os, reconstituindo momentos de suas vidas. Os líderes do passado e do presente foram selecionados porque os principais membros da organizada são referências, tendo forte ascendência sobre os outros integrantes. Com os dados coletados, os discursos foram divididos em cinco eixos: violência, representação midiática dos torcedores organizados, elitização do futebol, afirmação de identidades e ideologia e doutrina. O quadro teórico-metodológico utilizado foi constituído de acordo com as contribuições da Teoria Semiolinguística, de Patrick Charaudeau (1983; 1996; 2001; 2004; 2008), e no entendimento da pesquisadora mineira Ida Lúcia Machado (2009; 2014; 2019; 2017) sobre a união desta teoria à *Narrativa de Vida*. Para análise, três operadores foram selecionados: (i) imaginários sociodiscursivos, cuja função é a representação dos acontecimentos da vida, segundo o pesquisador Charaudeau (2007); (ii) efeitos patêmicos, com o objetivo de identificar as emoções como uma estratégia discursiva, também com base em Charaudeau (2010); e (iii) subjetivemas (afetivos e axiológicos), para pontuar as marcas e avaliações dos sujeitos no discurso, por Kerbrat-Orecchioni (1997). A junção dos três conceitos contribuiu para pensar os possíveis *ethé* dos líderes da torcida organizada. Por meio da análise, apesar da diferença entre as gerações, encontramos imagens em comum dos torcedores em cada um dos eixos de análise. Os líderes da Máfia Azul sugerem imagens de agressivos e viris (embora em muitas vezes preguem a paz) no eixo violência, prejudicados e vítimas da cobertura midiática, frustrados com a elitização do futebol, fanáticos quando observamos o segmento afirmação de identidades e fieis à torcida organizada e aos seus valores na parte ideologia e doutrina.

**Palavras-chave:** Torcida organizada. Futebol. Narrativas de vida. Análise do Discurso. *Ethos*

## ABSTRACT

In this dissertation, we aim to analyze the ethos, according to Maingueneau (2008) and Amossy (2005) in the speech of leaders of the organized Máfia Azul, the best of organized by Cruzeiro Esporte Clube, based on the testimony of the founder, Eder Toscanini, the leader in the 2000s, the french Jean Marc Gougeuil, and the current representative, Daniel Sales. As the organized ones do not have space in the media (LOPES, 2012), we understood that it was necessary to give voice to the leaders of the Máfia Azul, interviewing them, reconstituting moments of their lives. Past and present leaders were selected because the main members of the organization are referrals, having strong ascendancy over the other members. With the data collected, the discourses were divided into five axes: violence, media representation of organized fans, elitism of football, affirmation of identities and ideology and doctrine. The theoretical-methodological framework used was constituted according to the contributions of the Semiolinguistic Theory, by Patrick Charaudeau (1983; 1996; 2001; 2004; 2008) and in the understanding of the researcher Ida Lúcia Machado (2009; 2014; 2019; 2017) about the union of this theory with the Narrative of Life. For analysis, three operators were selected: (i) sociodiscursive imaginaries, whose function is the representation of life events, according to researcher Charaudeau (2007); (ii) pathetic effects, with the objective of identifying emotions as a discursive strategy, also based on Charaudeau (2010); and (iii) subjectivemes (affective and axiological), to punctuate the marks and evaluations of subjects in discourse, by Kerbrat-Orecchioni (1997). The combination of the three concepts contributed to thinking about the possible ethé of the leaders of the organized ones. Through the analysis, despite the difference between the generations, we find common images of the fans organized in each of the axes of analysis. The leaders of the Máfia Azul demonstrated aggressive images (albeit often preaching peace) on the axis of violence, harmed and victims of media coverage, frustrated with the elitism of soccer, fanatics when we observed the affirmation segment of identities and loyal to organized fans and their values in the ideology and doctrine part.

**KEYWORDS:** Organized fan group. Football. Speech analysis. Narratives of life. Ethos

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Imaginários sociodiscursivos dos líderes da Máfia Azul.....	122
TABELA 2 – Subjetivemas no discurso dos líderes da Máfia Azul.....	123
TABELA 3 – Efeitos patêmicos no discurso dos líderes da Máfia Azul.....	125
TABELA 4 – Imagens de si no discurso, o <i>ethos</i> .....	125

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Constituição do ato de linguagem.....	49
FIGURA 2 – Constituição do <i>ethos</i> discursivo.....	58

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1 PELAS ARQUIBANCADAS DO BRASIL: CONSIDERAÇÕES SOBRE AS TORCIDAS ORGANIZADAS E A MEMÓRIA DA MÁFIA AZUL.....</b>	<b>20</b>
1.1 Considerações iniciais.....	20
1.2 As torcidas organizadas no Brasil.....	20
1.3 A violência, um triste capítulo.....	30
1.4 Máfia Azul, de amigos do bairro Floresta à maior organizada do Cruzeiro.....	34
<b>2 O DISCURSO NA PERSPECTIVA DA SEMIOLINGUÍSTICA: IMAGENS DE SI EM NARRATIVAS DE VIDA.....</b>	<b>46</b>
2.1 Considerações sobre os caminhos teóricos.....	46
2.2 Teoria Semiociuolinguística.....	46
2.2.1 <i>Narrativas de vida e Semiociuolinguística.....</i>	<i>50</i>
2.3 A reconstrução da vida e a identidade.....	52
2.4 Imagens de si projetadas no discurso.....	55
2.5 Imaginários sociodiscursivos.....	61
2.6 Efeito patêmico.....	64
2.7 Subjetivemas.....	68
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>71</b>
3.1 Considerações metodológicas.....	71
3.2 Entrevista como técnica de coleta de dados.....	71
3.3 A seleção dos torcedores organizados.....	75
3.4 Modelo de análise.....	77
3.5 Documentário.....	78
<b>4 ANÁLISES DAS ENTREVISTAS.....</b>	<b>80</b>
4.1 Considerações analíticas.....	80

<b>4.2 Os sujeitos e o contrato de comunicação.....</b>	<b>80</b>
<b>4.3 Os torcedores selecionados e o processo de entrevistas.....</b>	<b>83</b>
<b>4.4 Nível prévio.....</b>	<b>88</b>
<b>4.5 Análise: <i>ethos</i>, imaginários sociodiscursivos, subjetivemas e efeitos patêmicos.....</b>	<b>89</b>
<b>4.5.1 Eixo da violência.....</b>	<b>90</b>
4.5.1.1 Depoimento de Eder Toscanini.....	91
4.5.1.2 Depoimento de Jean Marc Gougeuil.....	93
4.5.1.3 Depoimento de Daniel Sales.....	96
4.5.1.4 As imagens de si no discurso sobre violência.....	98
<b>4.5.2 Eixo da representação midiática dos torcedores organizados.....</b>	<b>99</b>
4.5.2.1 Depoimento de Eder Toscanini.....	99
4.5.2.2 Depoimento de Jean Marc Gougeuil.....	100
4.5.2.3 Depoimento de Daniel Sales.....	102
4.5.2.4 As imagens de si no discurso sobre a representação midiática do torcedor organizado...102	
<b>4.5.3 Eixo da elitização do futebol brasileiro.....</b>	<b>103</b>
4.5.3.1 Depoimento de Eder Toscanini.....	104
4.5.3.2 Depoimento de Jean Marc Gougeuil.....	106
4.5.3.3 Depoimento de Daniel Sales.....	109
4.5.3.4 As imagens de si no discurso sobre a elitização do futebol brasileiro .....	110
<b>4.5.4 Eixo da afirmação de identidades .....</b>	<b>111</b>
4.5.4.1 Depoimento de Eder Toscanini.....	112
4.5.4.2 Depoimento de Jean Marc Gougeuil.....	113
4.5.4.3 Depoimento de Daniel Sales.....	115
4.5.4.4 As imagens de si no discurso sobre a afirmação de identidades.....	116
<b>4.5.5 Eixo doutrina e ideologia.....</b>	<b>117</b>
4.5.5.1 Depoimento de Eder Toscanini.....	117
4.5.5.2 Depoimento de Jean Marc Gougeuil.....	119
4.5.5.3 Depoimento de Daniel Sales.....	120
4.5.5.4 As imagens de si no discurso sobre doutrina e ideologia .....	121
<b>4.6 Quadro comparativo.....</b>	<b>122</b>

<i>4.6.1 Imaginários sociodiscursivos</i> .....	122
<i>4.6.2 Subjetivemas (Axiológicos e afetivos)</i> .....	123
<i>4.6.3 Efeitos patêmicos</i> .....	125
<i>4.6.4 Imagens de si no discurso, o ethos</i> .....	125
<b>4.7 Balanço Interpretativo</b> .....	126
<b>CONCLUSÃO</b> .....	130
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	135
<b>ANEXOS</b> .....	141

## INTRODUÇÃO

Eles pulam, cantam, vibram, choram, brigam. São responsáveis por belas festas nas arquibancadas, com faixas, bandeiras, pó de arroz e sinalizadores. Mas também, por ação de determinados grupos, protagonizam atos de violência em torno do futebol, assustando a sociedade. É praticamente impossível ir a uma partida de futebol de um time grande e não notar os torcedores organizados, que despertam os mais diversos sentimentos: da admiração, pela doação ao clube de coração, ao medo, pela forma agressiva com que alguns deles se comportam.

O espetáculo das torcidas de futebol sempre me fascinou. Não por acaso fui filiado a este mundo desde a infância: primeiro, como torcedor de arquibancada; depois, como jornalista esportivo do portal *Superesportes*, do jornal *Estado de Minas*; e, nos últimos anos, como pesquisador do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG).

Essa trajetória levou-me a buscar alternativas para entender melhor o fenômeno das torcidas organizadas. Além de ler artigos midiáticos e estudos acadêmicos sobre o assunto, assistir a documentários e presenciar no estádio a energia dos torcedores organizados, precisava ouvi-los. Mas não escutar a cantaria, o grito de incentivo, e sim abrir uma janela de diálogo, através deste trabalho, para que eles pudessem contar suas respectivas histórias e opinar sobre temas sensíveis, transportando para o discurso as avaliações, os valores, os sentimentos e as memórias, construindo, assim, uma teia de identidades.

Esta proposta carrega um valor simbólico: ser um espaço no qual uma minoria – especificamente a torcida organizada Máfia Azul – possa validar suas experiências. Marginalizadas, as organizadas não têm voz em ambientes tradicionais como a grande mídia. Como evidencia pesquisa de Doutorado de Lopes (2012), os torcedores organizados não são fonte de informação nem de reflexão na imprensa tradicional, onde a opinião pública é construída, gerando, assim, um vazio representativo.

Esses torcedores praticamente não possuem voz na mídia nem em outros lugares onde é realizado o debate público em torno das questões relativas ao futebol profissional. Não é difícil inferir que o descrédito estabelecido em relação a eles subtrai seu 'direito à palavra': faz dele uma fonte de informação e reflexão ilegítima e, por isso, não consultada. (LOPES 2012, p. 318).

Como escolha do *corpus*, entrevistamos os torcedores organizados de gerações distintas da torcida organizada Máfia Azul. Essa associação foi escolhida por sua relevância, pois se trata

da maior torcida organizada ligada ao Cruzeiro Esporte Clube - clube mineiro com maior torcida no Brasil, segundo pesquisa do Datafolha<sup>1</sup> - e uma das mais tradicionais do Estado de Minas Gerais, com 41 anos completados no dia 22 de julho de 2018<sup>2</sup>.

Mas a escolha não foi eminentemente técnica como parece. Como é sabido e trabalhado por autores de diversas áreas do conhecimento, é impossível um ser social completamente neutro e objetivo. Como um fã de futebol não teria um time de coração? Sou cruzeirense de herança paterna. Da infância, rememoro a imagem do meu avô Betico escutando no rádio as transmissões esportivas na sala da casa dele, em Santa Maria de Itabira, na região Central de Minas Gerais. Por causa da incompletude da mensagem sonora, criávamos o jogo na nossa imaginação. Quando vi, já estava envolvido. Foi dessa forma romântica, no carinho do velho de cabelos brancos com o neto, que cresceu em mim o amor pelo Cruzeiro. Esse é um dos motivos pela seleção de uma torcida ligada ao clube celeste.

Feita essa explicação afetiva, voltemos aos contornos da pesquisa. Em um primeiro momento, tentamos mapear as publicações acadêmicas sobre as torcidas organizadas. Observamos que há lacunas nos estudos acerca desses grupos de torcedores, que começaram a ganhar força no Brasil a partir da década de 1990. “Nas duas últimas décadas, é possível notar um movimento incipiente de estudos sobre as TOs, mas ainda há escassez de produção acadêmica sobre tal tema, sobretudo em Minas Gerais.” (PRAÇA; SILVA, 2009, p. 2). Na busca em banco de dados na internet, como a Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), notamos que a maioria dos trabalhos é publicado no Rio de Janeiro e em São Paulo, sob a lente da Antropologia e da Sociologia.

No tocante aos estudos voltados à Análise do Discurso dos torcedores organizados, não são numerosos os registros, provando que ainda há muito a se caminhar nesse sentido. A despeito de ainda não se ter grande volume, encontramos publicações que dialogam com esta dissertação e representam alguns dos trabalhos nessa área<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> A pesquisa foi realizada pelo instituto Datafolha em 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/04/nordeste-e-norte-dao-lideranca-ao-flamengo-em-pesquisa-datafolha.shtml>>. Acesso em: 05 de jun. de 2018.

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://mafiaazul.com.br/historia-da-mafia-azul/>> Acesso em: 02 de jun. de 2018.

<sup>3</sup> Chamou a nossa atenção a dissertação de Marcelo Fadori Soares Palhares, que estudou os discursos de torcedores organizados do Estado de São Paulo sobre a violência. O pesquisador entrevistou os torcedores e analisou a produção de sentidos nos enunciados. A partir do Mestrado, com orientação de Gisele Maria Schwartz, surgiu o livro *Não é só a torcida organizada: o que os torcedores organizados têm a dizer sobre a violência no futebol?*, da Cultura Acadêmica Editora.

Em relação à Máfia Azul, não encontramos nenhum trabalho dedicado a analisar os discursos dos representantes da maior torcida organizada do Cruzeiro. Fizemos pesquisas no banco de dados da Capes e também consultamos o Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcida (GEFUT)<sup>4</sup>, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que se dedica ao estudo multifocal do esporte bretão e seus fanáticos seguidores. Assim, ressaltamos o caráter inédito desta dissertação e o seu esforço de auxiliar, apesar das suas limitações, a compreender, no âmbito do discurso, a maior torcida organizada ligada ao Cruzeiro.

Tendo em vista o reduzido interesse intelectual sobre essa torcida organizada específica, buscamos também resgatar o passado da Máfia Azul, como uma forma de celebrar as suas mais de quatro décadas de fundação. Entendemos que seria necessário não só descrever, genericamente, a trajetória já documentada das torcidas organizadas no Brasil e suas formas de sociabilidade, mas nos centrar em contar o percurso das torcidas organizadas mineiras, em especial da Máfia Azul. Em relação à memória da maior organizada ligada ao Cruzeiro, foram poucos os materiais encontrados em pesquisas acadêmicas. Por isso, recorreremos-nos a algumas matérias de jornais, a artigos em sites e, em especial, aos depoimentos dos próprios torcedores. Desses muitos retalhos, buscamos tecer uma colcha de lembranças e momentos importantes.

Citamos, anteriormente, de forma sucinta, o *corpus*, mas entramos em detalhes agora. Ao todo, são cinco líderes da torcida de diferentes gerações que narram suas histórias dentro da Máfia Azul e opinam sobre temas pertinentes às organizadas. Gravamos os relatos em vídeo e, para a análise, utilizamos o discurso de três organizados: o fundador, Eder Toscanini, o presidente nos anos 2000, Jean Marc Gougeuil, e o atual líder, Daniel Sales. Os três têm prestígio dentro da organizada e foram marcantes em períodos distintos, sendo possível, assim, observar o discurso de forma diacrônica. Portanto, a história da Máfia Azul foi dividida em três momentos: a fundação (Eder Toscanini), o momento central (Jean Marc Gougeuil), e o hoje, a organizada nos dias atuais (Daniel Sales).

A coleta dos dados se deu por meio da entrevista semiestruturada. Já o método de análise utilizado foi a pesquisa intensiva - ou qualitativa. Segundo Bogdan e Biklen (1994), o termo qualitativo se refere a diversas estratégias de investigação que compartilham determinadas características, como pormenores descritivos, sendo de complexo tratamento estatístico. Trazendo para a nossa pesquisa, queremos observar a riqueza do discurso e o que ele revela sobre

---

<sup>4</sup> Parte das pesquisas do GEFUT está presente na internet. Disponível em: <[www.gefut.com.br](http://www.gefut.com.br)>. Acesso em: 04 de fev. de 2018.

os torcedores organizados. Não consideramos as opiniões curtas e fechadas para interpretação dos dados, já que não é o nosso objetivo.

Quanto ao arcabouço teórico, ao depararmos com o material colhido, percebemos a necessidade de trabalharmos com o conceito de imagens de si no discurso, pois observamos a construção do *ethos* como uma estratégia discursiva dos torcedores organizados. Assim, o objetivo desta dissertação é analisar as imagens discursivas dos líderes da torcida organizada Máfia Azul. Algumas perguntas foram suscitadas: é possível observar um *ethos* (ou *ethé*<sup>5</sup>) em comum desses torcedores organizados de gerações diferentes? Quais serão os traços particulares de cada torcedor organizado? Há imagens que validam estereótipos sociais sobre os organizados? Procuramos responder a essas questões na análise.

Para a conceituação do *ethos*, recorreremos aos analistas do discurso Maingueneau (2008) e Amossy (2005). Trata-se, segundo eles, da imagem que o locutor constrói em seu discurso em busca de estabelecer uma influência sobre o interlocutor. Para se apreender o *ethos*, vários estudos consagrados na Análise do Discurso fazem o uso dos imaginários sociodiscursivos, trabalhados por Charaudeau (2007) e que serviram como uma categoria de análise. Os imaginários são um processo de simbolização representativa da realidade, com procedimentos de ordem afetiva, racional e social. Dessa forma, os imaginários sociodiscursivos dão sentido ao mundo como o conhecemos. Eles são resultados das atividades de pensamento que se propõem a explicar os fenômenos e os comportamentos.

A escolha dos imaginários também se explica por outro motivo, já que o nosso *corpus* é formado por narrativas de vida dos torcedores organizados. Por isso, seguimos os caminhos de Ida Lúcia Machado (2016), uma das especialistas brasileiras nesse tipo de relato à luz da Análise do Discurso. No artigo “*Nos bastidores da Narrativa de Vida e Análise do Discurso*”, a autora entende que, no processo discursivo, as memórias criam vários imaginários que serão utilizados como forma de comunicação pelo ser pensante.

Notamos, também, que o nosso *corpus* possui outras características que precisavam ser observadas. Então, acrescentamos outras duas categorias de estratégias discursivas que nos ajudaram a encontrar as imagens dos torcedores no discurso. O efeito patêmico, conceito trabalhado por Charaudeau (2010), é um deles. Trata-se de uma estratégia de persuasão, até porque nada expressa tão bem os torcedores organizados como as emoções. O autor recupera uma

---

<sup>5</sup> *Ethé* é o plural de *ethos*.

noção aristotélica dos efeitos retóricos, uma tentativa de conquistar o orador tentando despertar nele alguma paixão. No viés discursivo, as emoções são identificadas por meio de aspectos linguístico-discursivos capazes de influenciar o interlocutor através de alguma reação afetiva.

O outro operador são os subjetivemas, de acordo com Kerbrat-Orecchioni (1997), para se observar as marcas do sujeito no discurso. Destacamos os julgamentos e as avaliações dos torcedores organizados da Máfia Azul. Segundo a autora francesa, o sujeito utiliza linguagens semânticas e lexicais para se mostrar de forma objetiva, na tentativa de ‘ocultar’, e subjetiva, demonstrando avaliações. Os subjetivemas são organizados em quatro tipos: os axiológicos, os não-axiológicos, os afetivos e os modalizadores. Vamos nos centrar em dois deles: (i) axiológicos, que exercem a função de apreciar ou depreciar, pelo contexto do discurso ou por alguns termos específicos, como substantivos e adjetivos. Mas, vale ressaltar que, qualquer “palavra neutra” pode adquirir um traço axiológico dependendo da forma como é usada. E os (ii) afetivos, que determinam uma propriedade do objeto e uma reação emocional, dialogando com os efeitos patêmicos.

Essas categorias de análise são aplicadas nas narrativas dos torcedores organizados, que foram separadas em três eixos relacionados a temas de relevância para os organizados (violência, elitização do futebol e representação midiática dos torcedores organizados) e outros dois tópicos, não necessariamente ligados a assuntos específicos, mas a discursos que marcam identidades, além de valores que podem demonstrar certas ideologias e poder doutrinário. Em cada eixo, consolidamos as imagens de si (o *ethos*) dos três torcedores organizados, finalidade central deste trabalho, comparando-as, sempre observando o que é possível encontrar de similar entre os torcedores, mas ressaltando também suas peculiaridades. Na consolidação dos dados, tentamos identificar os possíveis *ethé* capazes de representar as diferentes gerações da torcida organizada Máfia Azul, por meio dos discursos dos três torcedores organizados selecionados.

Toda a investigação foi sustentada pela Análise do Discurso, especificamente pela Teoria Semi linguística (CHARAUDEAU, 1983, 1996; 2004; 2008; 2013). Para Charaudeau, é um equívoco pensar o discurso como um fenômeno genuinamente linguístico. Além das palavras, há o cunho social e as representações dos mundos que são criados pelos sujeitos, donos de diferentes subjetividades. Tendo isso em vista, a Semi linguística analisa o discurso de forma multidimensional.

O autor francês também ressalta que toda comunicação (ato de linguagem) é configurada dentro de um pacote de regras denominado contrato de comunicação. De acordo com a Semiologia, são quatro sujeitos dentro do processo de produção e interpretação, que possuem dois circuitos: externo, no qual estão os seres empíricos: sujeito comunicante (EUC) e sujeito interpretante (TUi); e o interno, no qual estão os seres de palavra: o sujeito enunciador (EUe) e o sujeito destinatário (TUD). Assim, demonstramos como o contrato de comunicação é configurado nas entrevistas com os torcedores organizados e quais são os sujeitos envolvidos nos atos de linguagens.

A estruturação da dissertação compreende quatro capítulos:

O capítulo 1, intitulado *Pelas arquibancadas do Brasil: considerações sobre as torcidas organizadas e a memória da Máfia Azul*, abordou o processo histórico e de socialização das organizadas no Brasil, com as transformações sofridas ao longo dos anos e o universo de códigos (cantos, roupas, expressões verbais). Também fizemos um breve resumo da trajetória da Máfia Azul, utilizando relatos dos torcedores organizados e materiais da mídia impressa. Relembraremos episódios marcantes, momentos de violência<sup>6</sup>, os cantos da arquibancada e a localização espacial dentro do estádio Mineirão, entre outros pontos.

O capítulo 2 – *O discurso na perspectiva Semiológica: imagens de si em narrativas de vida* foi dedicado à teoria e aos conceitos trabalhados. Começamos abordando a Teoria Semiológica, nossa base para pensar o discurso. Depois, explicamos a ligação desta teoria com as narrativas de vida. Mais à frente, demonstramos como a reconstrução de uma vida por meio do discurso está ligada à identidade, outro aspecto que será incluído nas análises. Por fim, fizemos uma explicação dos conceitos: *ethos*, efeito patêmico, subjetivemas e imaginários sociodiscursivos.

No capítulo 3 – *Procedimentos metodológicos*, demonstramos a utilidade da entrevista como coleta de dados e o porquê da pesquisa qualitativa se encaixar com perfeição no que buscamos na dissertação. Além disso, evidenciamos como foi realizada a seleção dos torcedores organizados. Apenas os líderes do passado e do presente foram considerados. Definimos que três

---

<sup>6</sup> Entre os acontecimentos mais marcantes está a condenação pelo Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG) do ex-presidente da Máfia Azul Alexandre Mendes da Silva, o Tuté, a 16 anos de reclusão em maio de 2013. Disponível em: <<https://tj-mg.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/122351573/apelacao-criminal-apr-10024058233073002-mg/inteiro-teor-122351625>>. Acesso em: 03 de fev. de 2018.

deles (cada um representando um período da organizada) teriam as narrações analisadas. Também dedicamos espaço ao modelo de análise, explanando sobre a junção dos conceitos.

No capítulo 4 – *Análises das entrevistas*, por sua vez, está o resultado da nossa pesquisa. Começamos por mostrar como o contrato de comunicação é ordenado dentro das entrevistas e os sujeitos (reais e fictícios) presentes. Para encontrar o *ethos*, buscamos qual seria a imagem prévia do torcedor organizado hoje. Para isso, levamos em consideração o material bibliográfico utilizado no capítulo 1. Em seguida, analisamos as entrevistas dividindo-as em cinco grandes zonas: (i) violência; (ii) representação midiática dos torcedores organizados; (iii) elitização do futebol brasileiro; (iv) afirmação de identidades; (v) doutrina e ideologia. Observamos os *ethé* em cada um dos eixos e fizemos, também, um balanço interpretativo.

Por fim, na *Conclusão*, sintetizamos os principais *ethé* observados na análise, expondo as imagens semelhantes dos líderes da Máfia Azul, assim como o uso da emoção e as marcas no discurso. Como possibilidade de novas pesquisas, destacamos a necessidade de um estudo comparado entre os discursos das duas maiores torcidas organizadas de Minas Gerais: a Galoucura, do Atlético, e a Máfia Azul, do Cruzeiro.

Para além da dissertação em si, prestaremos um tributo à torcida do Cruzeiro – representada aqui pela Máfia Azul –, produzindo o documentário: *Máfia Azul: memória e perspectiva*<sup>7</sup>. Graças aos longos encontros com os líderes da organizada, conseguimos insumos para organizar um pequeno filme. O vídeo não é o *corpus* estudado, mas nasceu do esforço desta pesquisa.

O documentário pode guardar histórias que ficariam perdidas no tempo. Com uma estrutura precária, a Máfia Azul não conta com um trabalho de memória. Em visitas à sede e em conversas com os líderes atuais, fica evidente a ausência até mesmo do pensamento de valorização da manutenção e preservação do passado da torcida organizada. A administração da organizada não guarda fotos, vídeos, faixas, bandeiras. Mas esse não é só um problema apenas das torcidas. Ribeiro (2015) explica que a maior parte dos registros preservados sobre o futebol em Belo Horizonte sobreviveu por puro acaso, a exceção de alguns poucos acervos públicos. Nem os grandes clubes de futebol de Belo Horizonte, América Futebol Clube, Clube Atlético

---

<sup>7</sup> O documentário está disponível no *Youtube*. Além das imagens das entrevistas, inserimos cenas antigas da torcida do Cruzeiro cedidas pela *TV Alterosa* e fotos raras da Máfia Azul do arquivo do jornal *Estado de Minas*. Disponível em: <<https://youtu.be/LhGXHoB4FGM>>. Acesso em: 05 de jun. de 2018.

Mineiro e Cruzeiro Esporte Clube, possuem museus para celebrar as glórias passadas. Em especial, o autor comenta a situação das organizadas:

Outras organizações que tem um nível de baixa formalização mais ou menos similar a dos clubes de futebol são as torcidas organizadas. No caso desses grupos, situação parecida se identifica, com acervos dispersos e precariamente mantidos. Contudo, por disporem de itens de difícil guarda, como bandeiras e faixas, observa-se que muito desse material se perde, seja pelo uso até a deterioração seja por se considerar que não se trata de item a ser conservado. (RIBEIRO, 2015, P.184).

Embora seja um documentário amador, sem nenhuma pretensão profissional de exibições em salas de cinema, ele pode ser um catalisador para despertar nas torcidas organizadas, em especial na Máfia Azul, a importância de se manter viva a memória.

## **CAPÍTULO 1 - PELAS ARQUIBANCADAS DO BRASIL: CONSIDERAÇÕES SOBRE AS TORCIDAS ORGANIZADAS E A MEMÓRIA DA MÁFIA AZUL**

### **1.1 Considerações iniciais**

Neste capítulo, buscamos traçar uma história acerca das torcidas organizadas no Brasil. De forma cronológica, expusemos como os aspectos culturais, sociais e políticos contribuíram para o surgimento e a transformação desses grupos de torcedores. Do início quixotesco do amor genuíno aos clubes às práticas violentas de uma minoria agressiva, as torcidas organizadas de futebol se resignificaram. Para fazer esse percurso, nos apoiamos na bibliografia específica, em especial em estudos antropológicos e sociológicos. Dedicamos um tópico à Máfia Azul. Apresentamos os símbolos, hinos, mascote e outras representações que se referem à maior torcida organizada do Cruzeiro.

### **1.2 As torcidas organizadas no Brasil**

A partir da popularização do futebol no Brasil, em especial com o rompimento do amadorismo na década de 1930, tem-se sedimentado o terreno para o surgimento das organizadas. O futebol se abre, suplantando a barreira elitista, e se torna, no decorrer das décadas seguintes, uma paixão nacional. De acordo com Pimenta (1997, p. 65) “não há uma cronologia exata de surgimento de grupos de torcedores organizados em torno do futebol no Brasil; no entanto, tem-se uma unanimidade entre os estudiosos em apontar a década de 1940 como marco inicial desses movimentos”.

Os grandes centros urbanos, em especial as cidades de São Paulo e Rio Janeiro, foram os ambientes nos quais os primeiros grupos de torcedores se organizaram. Essa ocorrência pode ser explicada porque as duas maiores cidades do Brasil representavam o desenvolvimento mais expressivo do futebol no país. Na década de 1930, por exemplo, a então capital nacional tinha mais de uma dezena de times de futebol na disputa do Campeonato Carioca<sup>8</sup>, com destaque para Flamengo, Fluminense, Vasco, Botafogo, Andarahy e Bangu – lista esta que inclui equipes

---

<sup>8</sup> O Campeonato Carioca de 1930 foi disputado por 11 clubes de várias partes da cidade do Rio de Janeiro. O torneio começou em março e terminou em dezembro daquele ano. Ao todo, 110 jogos foram disputados. Disponível em: <<http://futpedia.globo.com/campeonato/campeonato-carioca/1930>>. Acesso: 06 de jun. de 2018.

consideradas de elites e de operários. Por consequência, o esporte bretão já arrebatava e mexia com residentes de todos os cantos da cidade.

A primeira torcida organizada na então capital federal foi a chamada Charanga do Flamengo, fundada em 1942 pelo torcedor Jaimes Rodrigues de Carvalho (PIMENTA, 1997; TOLEDO, 1996). Carvalho era o que se convencionou chamar de torcedor-símbolo, grande referência para a torcida e de confiança dos clubes, além de ter prestígio também na mídia, como demonstra trecho extraído da revista Placar.

(...) Houve um tempo em que chefes de torcida como Jaime R. de Carvalho, o líder da Charanga rubro-negra, mantinham seus comandados sob uma disciplina quase severa. O objetivo da torcida organizada era apenas o de incentivar seu time. E do outro lado do estádio ninguém via inimigos, mas apenas adversários que deveriam ser superados não na força, e sim na festa das bandeiras, na animação das batucadas (...). (JOÃO AREOSA, *APUD* TOLEDO, 1996, p. 21).

A partir desse momento, as charangas foram se popularizando e viraram animadoras dos estádios do Brasil. O termo charanga refere-se a pequenas bandas que, munidas por instrumentos de sopro e percussão, entoam músicas em incentivo ao time de coração. Do Rio de Janeiro se expandiram para parte do território nacional. Em Minas Gerais, surgiram a Charanga do Galo<sup>9</sup> e a Charanga do Aldair Pinto<sup>10</sup>, também conhecida como Charanga do Cruzeiro.

Em São Paulo, as primeiras torcidas surgiram por iniciativa de torcedores ligados aos clubes. Em 1940, Laudo Natel, então com 20 anos, fundou, ao lado de Manoel Portírio da Paz, a Torcida Uniformizada do São Paulo (TOLEDO, 1996). Posteriormente, Natel seria governador de São Paulo e presidente do São Paulo Futebol Clube. Ainda no início dos anos 1940, há um aumento considerável no número de uniformizadas na cidade de São Paulo. Prova disso é que, em 1942, setores da imprensa criaram uma espécie de competição entre torcidas uniformizadas

---

<sup>9</sup> A Charanga do Galo, também conhecida como Charanga do Júlio, foi financiada pelo empresário Júlio Firmino da Rocha, dono de armazéns em Belo Horizonte, e atleticano influente, conselheiro do clube. A Charanga do Galo tornou-se uma das mais conhecidas do Brasil. Nas últimas décadas, perdeu força e afastou-se dos estádios. Disponível em: <[https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/atletico-mg/2011/02/20/noticia\\_atletico\\_mg,177587/especial-a-charanga-do-mais-amigo-nos-tempos-de-paz.shtml](https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/atletico-mg/2011/02/20/noticia_atletico_mg,177587/especial-a-charanga-do-mais-amigo-nos-tempos-de-paz.shtml)>. Acesso em: 02 de fev. de 2018.

<sup>10</sup> Felício Brandi, presidente do Cruzeiro de 1961 a 1982, queria uma banda que animasse a torcida e resolveu arcar com os custos. Para comandá-la, o dirigente contratou Aldair Pinto, radialista de grande renome na capital que tinha relação próxima com o samba e o carnaval. O radialista revelou, entre outros, os cantores Luis Claudio, Silvinha, Clara Nunes e Aguinaldo Timóteo. Aldair Pinto concedeu entrevista a um canal de *Youtube* e comentou o passado como chefe da Charanga do Cruzeiro. Os vídeos foram postados em 2011. Disponíveis em: 1- <<https://www.youtube.com/watch?v=H67ITKyYSEo>> 2- <<https://www.youtube.com/watch?v=hppETKLGTXw>> 3- <<https://www.youtube.com/watch?v=pM42Kw9QeIM>> 4 - <<https://www.youtube.com/watch?v=EbCHdYhbqSw>>. Acesso: 02 de fev. de 2018.

da capital paulista. “[...] o jornal a Gazeta Esportiva e a rádio Gazeta promoveram o primeiro torneio entre torcidas uniformizadas de São Paulo” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 109).

De forma geral, as uniformizadas foram pioneiras em trajar todos os seus componentes em uma época em que camisas esportivas eram raridades. Reuniam-se somente em dia de jogos, com o objetivo primordial de torcer. Segundo Lopes (2012), embora fosse notável essa questão estética do uniforme, as dimensões social e política das uniformizadas também devem ser consideradas, pois eram fontes de lazer, identidade, socialização e participação política. Podemos considerar que as torcidas uniformizadas são anteriores às organizadas, embora as duas formas de organização em determinados momentos coexistiram. Vale ressaltar que alguns meios de comunicação de São Paulo se referem às torcidas organizadas de forma indiscriminada como torcidas uniformizadas em razão do histórico construído por esta última na capital paulista.

Até fim dos anos 1960 e início de 1970, as torcidas ainda eram restritas e, por isso, não mobilizavam grandes massas. Por serem formadas de grupos pequenos, as uniformizadas e as charangas ainda tinham um sentido fraternal, com grande identificação entre os membros. Em especial as charangas demonstravam uma ligação carnavalesca pelos cânticos, alegorias e todos os tipos de festejos. Nesse período, a relação entre as torcidas era marcada por um clima amistoso. Murad (2017) traz um episódio que evidencia a amizade e o respeito entre as torcidas rivais: “Nos primeiros anos, algumas vezes, a torcida (agrupamento relativamente pequeno à época) do time que ganhava a partida pagava o jantar à torcida do time derrotado” (MURAD, 2017, p.111).

Os pesquisadores (TOLEDO, 1996; PIMENTA, 1997) estabelecem o fim dos anos 1960 e início dos anos 1970 como ponto de inflexão na história das torcidas. Esse período marca o surgimento de uma série de organizadas - dentre elas a Máfia Azul - que vai assumir o protagonismo nas arquibancadas. Com essa ascensão, constata-se uma alteração no comportamento e no *status* do torcedor organizado, que deixa a condição de coadjuvante e passa a dividir com jogadores e dirigentes o protagonismo do espetáculo.

Para entender esse fenômeno, é preciso contextualizar o momento do país e do futebol brasileiro. Os governos militares, como demonstram algumas pesquisas (CALDAS, 1994; GUTERMAN, 2004), utilizaram-se do futebol como estratégia política. Em especial nos anos 1970, o esporte mais popular do Brasil recebeu grande investimento público, tornando-se uma das ferramentas da busca pela integração nacional, assunto muito destacado naquela época.

Os anos 1970 marcam um período crucial para a consolidação do futebol como mania nacional. Obviamente que o futebol despertou a atenção em outros momentos, sendo apropriado e ressignificado de maneiras diferenciadas. Porém, é a partir desta década que ele extravasa domínios mais locais, tornando explicitamente um fator de agenciamento de interesses políticos, econômicos e sociais mais abrangentes. (TOLEDO, 1996, p. 24).

Em 1971, foi criado o primeiro Campeonato Brasileiro de futebol, com dimensões nacionais, abrigando de forma mais significativa clubes de todos os estados. Havia um interesse do governo federal na promoção do futebol como uma forma de propaganda governamental. Nesse período, ficou conhecida a frase “onde a Arena vai mal, mais um time no Nacional”, nome, inclusive, do livro de Daniel de Araújo dos Santos<sup>11</sup>, que retrata a direta interferência política no maior campeonato de clubes do país, com aumento dos participantes de acordo com as conveniências dos militares. O Campeonato Brasileiro começou com 20 participantes e teve seu auge em 1979, atingindo a marca de 94 equipes competindo pela taça.

Outro ponto relevante foi a construção de 30 estádios de pequeno e grande porte, bancados pelo poder público entre 1972 e 1975 (TOLEDO, 1996). Neste período, ocorreu a criação da *Placar*, a única grande revista esportiva no Brasil e da *Loteria Esportiva*, mania entre os torcedores de futebol e adeptos das “fezinhas”, que chegou a ganhar um quadro no programa *Fantástico*, da TV Globo. “O futebol, definitivamente, torna-se um esporte de massa largamente incentivado pelo Estado, pela mídia, vindo a sofrer um refluxo em termos econômicos apenas na década de 80” (TOLEDO, 1996, p.20). Todos esses aspectos evidenciaram o fortalecimento do futebol em diversos níveis.

Os mesmos militares que se utilizaram do futebol para promover o regime desmobilizaram organizações sociais e movimentos populares de diversas naturezas. Essa é a leitura sociológica de Pimenta (1997), segundo a qual a ditadura instalada no Brasil contribuiu para a ausência de referências aos jovens que, reunidos nas novas torcidas organizadas, fizeram da violência uma constituição identitária.

No encaminhamento das políticas públicas pelo Estado Militar brasileiro viu-se o esvaziamento do sujeito social, no sentido coletivo do termo, e a desarticulação das

---

<sup>11</sup> Daniel de Araújo dos Santos, na dissertação *Futebol e política: a criação do Campeonato Nacional de Clubes de Futebol*, mostra como a criação do Campeonato Brasileiro está intimamente relacionada à busca de legitimidade popular do regime militar. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/10367>> . Acesso em: 03 de fev. de 2018. Do mestrado de Santos, nasceu o livro *Onde a Arena vai mal, um time no Nacional: a criação do Campeonato Brasileiro de futebol de 1971* (Editora Luminária).

relações na esfera do público, reforçando as individualizações e as atomizações dos movimentos sociais, incluindo os movimentos de jovens e transformando-os em acontecimentos ora de busca de pertencimento ora de autoafirmação, onde a violência norteia a constituição da identidade e das identificações dos membros desses grupos. (PIMENTA, 1997, p. 8).

O surgimento das novas torcidas ocorre por uma confluência de fatores que se materializa de maneira específica em cada grupo e região do país, e as explicações são muitas. De acordo com entrevistas de vários representantes ligados ao meio esportivo – jornalistas, dirigentes de clubes, membros da polícia e próprios torcedores –, Toledo (1996) levanta algumas possibilidades. Segundo as fontes ouvidas, as organizadas seriam braços armados de dirigentes e cabo eleitoral de políticos em um momento de maior visibilidade no futebol; ou fruto de mobilização política e oposição ao período da ditadura militar; ou necessidade de envolvimento social de alguns jovens, que fizeram delas gangues para promoção do caos urbano.

Embora sejam controversas as origens dessas agremiações, podemos afirmar que foi na cidade de São Paulo que prosperou com maior rapidez. O Grêmio Gaviões da Fiel de torcedores do Sport Club Corinthians Paulista surgiu em 1969, no mesmo ano da Torcida Jovem do Santos Futebol Clube. A Camisa 12 do Corinthians nasceu em 1971. Um ano depois, é fundada a Tricolor Independente, do São Paulo Futebol Clube, assim como a Leões da Fabulosa, da Associação Portuguesa de Desportes. Santos (2004) identifica a criação de organizadas também em outras regiões do Brasil ainda na década de 1970, como a Super Raça Gremista, Garra Tricolor e Máfia Força Azul, todas do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense; a Fanáticos, do Clube Atlético Paranaense; a Bafo de Leão e Gang da Ilha, do Sport Club do Recife; e a Máfia Vermelha, do América Futebol Clube, de Natal.

Para os estudiosos das torcidas de futebol, há diferenças consideráveis entre os primeiros grupos de torcedores fundados nos anos 1940 e as grandes organizadas que surgiram no início da década de 1970. Lopes (2012) elenca quatro aspectos que, segundo ele, definem bem as distinções entre as torcidas uniformizadas/charangas e as torcidas organizadas:

1 - Estrutura interna: nos primeiros agrupamentos de torcedores não havia estrutura burocratizada, cabendo a poucos comando e decisão. Atualmente, as organizadas contam com estrutura burocratizada, com cargos como presidência, diretorias e conselhos deliberativos, além de grupo de associados.

2 - Figura do líder: antes, as torcidas tinham os chamados torcedores-símbolo, que praticamente detinham o monopólio da organizada. Em geral, esses líderes nutriam forte respaldo do restante dos torcedores do grupo, sendo altamente respeitados. Por outro lado, também gozavam de prestígio nos clubes e na mídia. Nas organizadas de hoje, a liderança é desempenhada por um presidente eleito por um colégio eleitoral. Em muitas organizadas, há uma sucessão no cargo de presidente, mudando, assim, as lideranças.

3 - Identificação clube/organizada: as torcidas ganharam uma proporção que não tinham. Se antes elas eram limitadas, hoje chegam, em muitas situações, a criar uma crise de identidade entre os torcedores, que representam não apenas o clube, mas também a organizada.

4 - Violência: eram raros os envolvimento de torcidas em distúrbios ou ações violentas. A Charanga do Flamengo, por exemplo, “... condenava com veemência possíveis atos de violência nas arquibancadas e procurava evitar o uso de palavrões nos campos de futebol” (PIMENTA, 1996, p.66). Atualmente, as organizadas aparecem envolvidas, representadas por determinados grupos, em todo tipo de violência.

Acrescentamos outros pontos que distanciam as primeiras torcidas (charangas e uniformizadas) das organizadas formadas a partir dos anos 1970, conforme a leitura de alguns autores (TOLEDO, 1996; MURAD, 2017).

5 - Caráter extralocal: as torcidas romperam o caráter regional que tinham. Com o crescimento nas décadas de 1980 e 1990, as organizadas passaram a possuir sedes em diferentes regiões da cidade e até mesmo em outros estados. Essas filiais são subordinadas e correspondem às respectivas matrizes. Nas arquibancadas, são identificadas com os mesmos símbolos, porém acrescenta-se a região ou a cidade daquele agrupamento de torcedores nas faixas e bandeiras.

6 - Símbolos: tamanho é a ligação com os clubes que muitas das torcidas do passado não tinham símbolos, apenas se valiam das cores das agremiações de coração. As organizadas sustentam seus símbolos, conhecidos como mascotes ou marcas distintivas; ou seja, marcas de identificação e visibilidade entre as torcidas organizadas. Toledo (1996) divide os símbolos em três categorias: animais (leão, gavião, urubu, raposa, galo, entre outros), personagens de gibis, quadrinhos ou ficção (irmãos Metralhas, Zé Carioca, Mancha, Pirata...) e entidade fantástica ou divindades (santos, seres antropomórficos). A maioria dos símbolos é escolhido de acordo com os imaginários aos próprios times, como a Raposa é associada ao Cruzeiro e o Periquito ao Palmeiras.

7 - Entidades jurídicas: se antes existia uma informalidade, hoje as organizadas devem ser registradas como pessoa jurídica. No Estatuto do Torcedor<sup>12</sup>, de 27 de julho de 2010, encontramos a seguinte definição: “Art. 2º- A. Considera-se torcida organizada, para os efeitos desta Lei, a pessoa jurídica de direito privado ou existente de fato, que se organize para o fim de torcer e apoiar entidade de prática esportiva de qualquer natureza ou modalidade. (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010)”. Hoje, existe uma legislação específica que está ligada à organizada.

Enfatizando o novo padrão de sociabilidade assumido pelas organizadas, Toledo (1996) faz, de forma resumida, uma reflexão importante sobre a nova dimensão das torcidas.

[As torcidas organizadas] Inauguraram, portanto, um novo padrão de sociabilidade entre torcedores de futebol expresso nos comportamentos, na estética, na manipulação de um instrumental simbólico, enfim, num determinado estilo de vida. Estas agremiações torcedoras passam a ter influências na escolha e na demissão de jogadores, técnicos e dirigentes. Chegam às páginas dos jornais responsabilizadas por inúmeros atos de vandalismo e incidentes graves. Participam, muitas delas, dos espetáculos carnavalescos oficiais da cidade, transformaram-se em grandes blocos e escolas de samba, constroem patrimônio e arregimentam milhares de sócios em torno de suas práticas. (TOLEDO, 1996, p. 33).

Se há muitas distinções, também podemos estabelecer alguns pontos em comum. Eles estão relacionados ao amor incondicional ao time do coração. No geral, as “torcidas do passado” (uniformizadas e charangas) e as organizadas possuem a característica de empenho e dedicação no que diz respeito aos afazeres festivos em prol do espetáculo da arquibancada. Entre outras medidas, produzem faixas, reúnem a bateria para selecionar e ensaiar as músicas, organizam mosaicos, colorem os estádios com balões, rolos de papéis, pó de arroz. Tudo isso na tentativa de criar um ambiente propício para os jogadores se sentirem motivados durante o jogo, além de pressionar e inibir o adversário. Em jogos em casa ou no estádio do adversário, a presença da organizada é certa. “As torcidas uniformizadas, até a década de setenta, tinham em comum com as organizadas atuais o fato de acompanharem o time onde quer que ele fosse, planejar o espetáculo com antecedência, entre outras práticas” (SANTOS, 2004, p.79).

As novas organizadas cresceram rapidamente. Como a maioria das pesquisas e estudos ocorre em São Paulo, os dados disponíveis são das organizadas da capital paulista. A década de 1990 foi a que registrou maior expansão desses grupos de torcedores. De 1991 a 1995, as

---

<sup>12</sup> A Lei 10.671/03, conhecida como Estatuto do Torcedor, foi criada em 2003 com o objetivo de proteger os interesses dos torcedores de esporte no Brasil. A íntegra do documento pode ser lida no site do governo federal. Disponível em: <[http://www.esporte.gov.br/arquivos/ESTATUTO\\_DO\\_TORCEDOR.pdf](http://www.esporte.gov.br/arquivos/ESTATUTO_DO_TORCEDOR.pdf)>. Acesso em: 03 de fev. de 2018.

principais organizadas de São Paulo aumentaram consideravelmente o número de associados: a Mancha Alviverde, de torcedores do Palmeiras, passa de 4 mil para 18 mil; a Tricolor Independente, de torcedores do São Paulo, pula de 7 mil para 28 mil; e a Gaviões da Fiel, de torcedores do Corinthians, vai de 12 mil para 46 mil (PIMENTA, 2000; 2003).

Dentro dos estádios, as organizadas se estabelecem sempre no mesmo setor da arquibancada, é uma espécie de identidade (PIMENTA, 1997). Na mureta que separa as cadeiras do campo, colocam as faixas de identificação com os respectivos nomes. As camisas são personalizadas, as bandeiras carregam diversos símbolos: emblema da organizada; imagens de ex-jogadores que marcaram história no time, grandes personalidades identificadas com as torcidas; provocações aos rivais, entre outros.

As canções, em sua maioria, exaltam, além do time, as próprias organizadas e demonstram alguns valores subjacentes, em geral, uma carga de machismo, homofobia e incitação à violência nas letras, recheadas de palavrões. Toledo (1996) classifica as composições em quatro tipos: incentivo ao time e aos jogadores, autoafirmação das torcidas, protesto e intimidações. Os dois primeiros possuem palavrões que exaltam masculinidade e virilidade. Já os outros expõem de maneira preconceituosa os rivais, dirigentes e até jogadores do próprio time quando são alvos de reclamação.

Em 2017, o jornal *Folha de S. Paulo*<sup>13</sup> acompanhou os jogos dos clubes do Campeonato Brasileiro e observou em comum nos gritos de guerra das torcidas a onipresença de xingamentos homofóbicos, a incitação à violência e a adaptação de músicas famosas para cânticos. De acordo com o jornal, “rotular um jogador ou uma agremiação como homossexual é uma prática encarada como ofensa entre os torcedores”, demonstrando o ambiente machista em que está instalado o futebol brasileiro.

Pesquisas comprovam esse preconceito, como demonstrado por Bandeira (2010), cuja dissertação abordou a construção da masculinidade em estádios de futebol do Rio Grande do Sul. O autor afirma que as torcidas separam os heterossexuais, ou os “machos”, como dizem os torcedores, dos homossexuais, ou “bichas e putos” – termo este em castelhano muito ouvido no Sul do país. Os homossexuais são considerados inferiores em relação aos heterossexuais,

---

<sup>13</sup> O especial multimídia foi publicado pela *Folha de S. Paulo* em junho de 2017. A reportagem esteve presente em pelo menos um jogo de cada um dos times da Série A do Campeonato Brasileiro de 2017 e gravou o que as torcidas cantaram. Disponível em: <https://arte.folha.uol.com.br/esporte/2017/voz-arquibancadas/introducao/>. Acesso em: 3 de fev. de 2018.

conforme a lógica das arquibancadas. “Nos estádios de futebol, os gritos homofóbicos aparecem para hierarquizar a nossa torcida em relação à torcida deles. Eles (os outros) são menos justamente porque são ‘putos’” (BANDEIRA, 2010, p. 111). Essa violência simbólica, contudo, não é tida como uma forma de agressão pelos próprios torcedores organizados, como explica Bandeira (2010): os cantos homofóbicos são “lidos como uma prática ‘saudável’, o que ‘dá graça’, ‘faz parte do futebol’. Em outras palavras, estes gritos parecem ser, de algum modo, ‘naturalizados’” (p.112).

Em um movimento corajoso, as primeiras torcidas organizadas gays foram fundadas no Brasil na década de 1970, num contexto marcado por fortes restrições às liberdades individuais. As pioneiras foram a Coligay e a Flagay, com o propósito de conclamar os gays a frequentarem os estádios. Ambas, contudo, foram sufocadas, sendo vítimas de hostilidades pelas organizadas mais numerosas dos próprios times, que não admitiam qualquer ligação do time do coração com a homossexualidade, “[...] como já fizeram algumas torcidas organizadas do Flamengo em relação a um grupo denominado Flagay, torcida que foi extinta pelos próprios flamenguistas após a sua fundação” (MONTEIRO, 2003, p. 71). Embora haja essa flagrante aversão ao grupo LGBTs (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros), não há relação com casos de mortes no futebol<sup>14</sup>.

O fato de os torcedores organizados estarem em grande número e por quase toda cidade não gera um movimento de agressões físicas contra grupos minoritários como os LGBTs. Quando há brigas, os inimigos costumam ser os rivais de outras organizadas. Isso ocorre, em especial, nos dias de grandes clássicos, quando o ritmo das cidades é alterado, instalando uma nova ordem, como descreve Toledo (1996). “Exposição de cores exuberantes e contrastivas, símbolos e marcas, rostos pintados com as cores de preferência alusivas aos clubes; cantos e gritos de guerra ecoam pelas ruas e bares, nos ônibus e estações de metrô. Ainda, ânimos notadamente alterados, consumo de bebidas alcoólicas” (TOLEDO, 1996, p.39).

A rua se torna, sobretudo para os torcedores organizados, um espaço de perigos e disputas, conforme Toledo (1996). A violência entre os agrupamentos de torcidas se banalizou de tal forma que um mero encontro casual pode adquirir contornos dramáticos, causando mortes e

---

<sup>14</sup> Organizador de levantamento anual com todos os episódios de violência contra homossexuais no Brasil, o GGB (Grupo Gay da Bahia) não registrou ocorrência de assassinato contra LGBTs ligada ao esporte. Informação publicada pelo jornal *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <<https://arte.folha.uol.com.br/esporte/2017/voz-arquibancadas/homofobia/>>. Acesso em: 03 de fev. de 2018.

danos ao patrimônio público e privado. Por isso, é comum que o deslocamento entre casa e sede da organizada seja feito com um grupo numeroso ou, caso não haja companhia, a orientação, muitas vezes, é vestir roupas que camuflam os símbolos das organizadas, usando, por exemplo, uma jaqueta por cima da blusa da organizada. Muitos, contudo, preferem correr os riscos e não abrir mão do direito de ir e vir como queiram, se abrindo e estando preparado para todo tipo de enfrentamento.

Por causa desse risco, os órgãos públicos passam a ter uma agenda diferenciada em grandes jogos, como os clássicos entre clubes da mesma cidade. As linhas de ônibus são alteradas para servir os torcedores, metrô tem o horário ampliado em jogos à noite, equipes médicas e agentes de trânsito são deslocadas. A Polícia Militar faz o escoltamento das organizadas até o estádio, criando uma segregação espacial. Mas essa medida de segurança vai além das organizadas. Em Belo Horizonte, por exemplo, nos clássicos entre Atlético e Cruzeiro já existe uma definição de trajeto para as torcidas: os cruzeirenses se deslocam pela Avenida Presidente Carlos Luz até o Mineirão, enquanto os atleticanos passam pela Avenida Antônio Carlos.

Os jogos em outras cidades trazem consigo outro tipo de comportamento das organizadas visitante. Geralmente, as torcidas organizadas fretam ônibus e se deslocam em caravanas, ao lado de outros automóveis, dependendo do nível de interesse da partida. Quando se trata de um jogo decisivo, maior será o número de torcedores que se deslocarão para a cidade onde ocorrerá o cotejo. A Polícia Militar do Estado onde a partida será realizada é informada pelas próprias organizadas do número de torcedores que estão se deslocando para fazer a segurança desde o ponto de chegada até a entrada no estádio. Como existe uma rede de parcerias entre as organizadas, ocorre, muitas vezes, de membros das torcidas irmãs receberem as organizadas visitantes de outros Estados. São as chamadas alianças, formadas pela identificação e reconhecimento entre as torcidas, amplamente duradouras.

Segundo Toledo (1996), o processo de aproximação e distanciamento das organizadas é pautado pelas disputas de ocupação de espaço político junto aos clubes e frente às torcidas de outros Estados, formando os arranjos em termos de prestígio, conflitos, territorialidade, identificação. Esses relacionamentos são, geralmente, mediados mais pelo empenho pessoal dos líderes e menos pela preferência coletiva. A relação entre as origens dos clubes passa ao largo dessa decisão. Prova disso é que as torcidas Máfia Azul, do Cruzeiro Esporte Clube, e a Mancha Alverde, da Sociedade Esportiva Palmeiras, não são aliadas mesmo com a história de

irmandade dos clubes. O Cruzeiro e Palmeiras têm origem italiana e sustentaram a mesma denominação (Palestra Itália) no passado. Em relação às grandes organizadas do mesmo clube (Máfia Azul e Mancha Alviverde), elas ou têm relações diplomáticas, mas distantes, ou são rivais, já que disputam o bem simbólico do prestígio de ser a maior representante daquele time de futebol.

### 1.3 A violência, um triste capítulo

A violência é capítulo à parte (e triste) no futebol. Esse tema tem mobilizado pesquisas no mundo todo, uma vez que não se trata de um problema de determinados países, mas algo mais abrangente<sup>15</sup>. Segundo Lopes (2012), no fim da década de 1960 a violência entre os torcedores de futebol passou a mobilizar fortemente a opinião pública em função dos diversos episódios de agressões no Reino Unido, que estava sendo constantemente monitorado pela mídia internacional por causa da Copa do Mundo de 1966. A partir disso, os estudos sobre violência no futebol cresceram na Inglaterra, influenciando outros países.

De acordo com os sociólogos ingleses Elias e Dunning (1992), autores influentes na Sociologia do Esporte, o contexto do jogo de futebol aparece como local propício para excitação de embates, uma área masculina reservada na qual o homem manifesta suas emoções, muitas delas violentas. A violência, então, surge como principal meio de afirmação da masculinidade entre os torcedores organizados, afirma Monteiro (2003), que reflete a realidade brasileira inspirada na obra da dupla britânica. “Mostrar-se mais forte, mais valente, mais macho e mais brigão é uma característica marcante dos membros das torcidas organizadas” (MONTEIRO, p. 110). Assim, parte dos organizados age agressivamente no sentido de adquirir respeito e poder sobre outros torcedores.

No Brasil, a violência verbal foi a primeira a atingir grandes proporções. Um artigo da revista *Placar* de 1974 demonstra que os palavrões já começavam a tomar os estádios de futebol naquela época, e então nascia um padrão de comportamento verbal que vigora nos estádios esportivos.

---

<sup>15</sup> Franco Júnior (2007) elenca casos de violência em diversos países e diferentes épocas: "Em fins de 1926 uma partida em Odessa, entre a equipe local e uma de Moscou, terminou em enorme tumulto. (...) Em 1964, no último minuto de uma partida entre os selecionados de Peru e Argentina, um tumulto provocou a morte de 318 torcedores, além de quinhentos feridos, na maior tragédia do futebol. (...) Em 1946, durante partida entre Bolton Wanderers e Stoke City, uma briga resultou em 33 mortos e dezenas de feridos". (p.190 e 191).

(...) Outro tipo de violência - menos grave - que se torna mais intenso de jogo para jogo é o palavrão. Não o palavrão gritado em numa explosão de raiva contra o juiz, o beque que dá uma canetada ou o atacante que perde um gol feito, mas o palavrão gritado em coro durante a partida inteira, por qualquer motivo - ou até sem motivo, só para fazer graça. Mesmo pessoas que não ligam muito para o linguajar já começam a não levar suas mulheres para o estádio. (JOÃO AREOSA, *apud* TOLEDO, 1996, p. 67).

Essa violência é considerada simbólica, conceitualmente separada da violência física ou real pela pesquisadora Heloisa Reis: “a violência real, que é perceptível pelas agressões físicas de contato, enquanto a violência simbólica é visível pelas agressões verbais e/ou gestuais” (REIS, 2005, p. 114). Além dos xingamentos, como abordado anteriormente, as canções das torcidas organizadas são compostas por muitas letras homofóbicas e de incitação às brigas, reforçando essa violência simbólica nos estádios de futebol.

Em especial na década de 1990, as agressões físicas, antes menos usuais, aumentaram. Atualmente, o Brasil ocupa o primeiro lugar no ranking mundial de mortes de torcedores. Quem traz esse dado estarrecedor é o sociólogo Maurício Murad (2017), no livro *a Violência no Futebol*. De 2010 a 2016, ocorreram 117 homicídios comprovados no país relacionados ao futebol, média de 17 por ano (MURAD, 2017). Houve um aumento considerável em relação aos anos anteriores. De 1999 a 2008, foram 42 mortes de torcedores comprovadas por inquérito policial. Dessa forma, em dados globais, de 1999 até dezembro de 2016, foram computadas 176 mortes no Brasil. Dessas, 90% ocorreram distantes dos campos de futebol, seja em uma estação de trem, seja em uma briga marcada por alguma avenida da cidade.

Murad (2017) afirma que os vândalos dentro das torcidas organizadas são uma minoria: 5% a 7% dos organizados. Do total de torcedores organizados, entre 2 milhões e 2,5 milhões, os criminosos estariam na faixa de 100 mil a 175 mil no Brasil. Para conhecer melhor os violentos, Murad (2017) traz um perfil desses organizados. Historicamente, são jovens entre 15 a 29 anos. Dentro do grupo, predominam os homens – apenas 15% dos torcedores organizados são mulheres.

Alguns desses torcedores organizados fazem do corpo uma máquina para brigar: músculos definidos em corpos sarados; especialistas em artes marciais; geralmente agressivos, pois não admitem o contraditório, já que preferem resolver qualquer divergência de forma viril. Além do mais, são vaidosos: tatuagens espalhadas pelo corpo, assim como brincos e *piercings*. Pertencem a todas as classes sociais – média baixa e baixa, sobretudo. Estão conectados em redes

sociais, que possibilita marcar as brigas. Murad (2017) ressalta que uma parte dos organizados tem ligações com drogas e gangues urbanas, além de não ter orientação familiar.

Para se entender a violência desses jovens, faz-se necessário uma contextualização da realidade brasileira, resumida por Murad (2017) no seguinte excerto:

A situação da sociedade brasileira atual é problemática. Ela ajuda a gerar indivíduos (jovens em maior frequência) sem perspectiva pessoal e profissional, sem horizontes existenciais efetivos. E vemos a consequência disso a todo momento, muita gente frustrada, desiludida e descontente, indivíduos a um passo da agressividade e a dois da violência (...) Ainda somos uma sociedade muito excludente, hierarquizada, com baixo nível de educação, conscientização e de cidadania, além de preconceituosa, violenta e com grandes diferenças - um problema estrutural e histórico do país, infelizmente. (MURAD, 2017, p. 85-86).

Poderíamos associar as torcidas organizadas brasileiras aos *hooligans*? Não, garantem os principais autores. Há muitas distinções entre esses grupos. O termo *hooligans* está ligado ao nome de uma família irlandesa que viveu em Londres no fim do século XIX. A família Houlihan tinha características agressivas e de pouca sociabilidade. Os membros dessa família estavam envolvidos em confusão pela cidade e, por causa dessa característica pouco nobre, os grupos urbanos violentos de Londres receberam o apelido de *hooligans*, uma adaptação do sobrenome irlandês.

Logo, não apenas os grupos ligados ao futebol eram chamados de *hooligans*. Jovens como *mods*, *rockers* e *teddy boys*<sup>16</sup> faziam parte de um ambiente de crise econômica na Inglaterra nos anos 1960, período no qual o país passou por uma transformação no setor industrial (TOLEDO, 1996). Até os *skinheads* passaram a ser denominados de *hooligans*. Então, o termo é ligado mais a uma postura do que aos torcedores violentos.

Um *hooligan* inglês adepto de futebol resume da seguinte forma o comportamento de seu grupo:

Alguém que trabalha a semana inteira num emprego maçante e mal pode esperar para sair numa tarde de sábado. (...) Então você imagina que somos movidos a quê? (...) Se a gente não fizesse isso [as práticas violentas e transgressoras] nos jogos de futebol, acabaria fazendo em algum outro lugar. Acabaríamos fazendo no sábado à noite no pub.

<sup>16</sup> *Mods*, *rockers* e *teddy boys* são grupos que tinham estilos de vida diferentes e costumeiramente brigavam em bares e festas da Inglaterra nos anos 1960. Faremos aqui uma explanação geral de cada um deles. Os *mods* usavam terno e gravata, pilotavam lambretas e eram influenciados pelas músicas norte-americanas, em especial *jazz* e *blues*. Já os *rockers* usavam jaquetas de couro, eram centrados em motocicletas de velocidade e escutavam *rock*. Por sua vez, os *teddy boys* usavam calças justas e jaquetas eduardianas e também ouviam *rock*. Ver filme *Quadrophenia*, baseado na música homônima da banda *The Who*, que retrata esse período da juventude inglesa.

É o que tá na gente, né? A violência. Todos nós temos por dentro (...). (BUFORD, 1992, p.109).

Separamos os principais pontos de distinção entre as torcidas organizadas e os *hooligans*, com base em Toledo (1996):

1– Estrutura: as torcidas organizadas são entidades jurídicas que seguem regras burocrático-administrativas. Já os *hooligans* estão longe de qualquer oficialismo, mantendo-se no anonimato. São organizados em firmas, denominação dadas pelos próprios, que possuem um chefe com autonomia sobre os comandados;

2 - Ligação política: as organizadas brasileiras refletem e admitem os mais variados espectros político, sem ligação partidária definida. Já os *hooligans* têm íntima relação com partidos fascistas e ultranacionalistas;

3 - Sociabilidade: os *hooligans* buscam forma de transgressões violentas pelas sombras, se escondendo no anonimato, deixando o futebol, muitas vezes, em segundo plano. Reúnem-se em bares antes dos jogos e fazem desses *pubs* o principal local de encontro. As torcidas organizadas brasileiras são reconhecidas nas arquibancadas, com bandeiras, faixas e roupas. Muitas são ativas também no carnaval e prestam trabalho beneficente à sociedade, como doação de sangue e cesta básica. Também apresentam atos violentos, embora em outros termos;

4 - Vestimentas: os *hooligans* não podem ser identificados com facilidade, pois não possuem camisas, bonés, bermudas que os identifiquem. Também não levam faixas, bandeiras, instrumentos musicais, como os torcedores organizados, que se vestem e fazem questão de demonstrar que são organizados.

Embora estejam associadas a fatos violentos, as pesquisas (MURAD, 2017; PIMENTA, 1997) comprovam que a maior parcela das organizadas é pacífica, além de democrática e popular, expressão da cultura do futebol brasileiro. Segundo Murad (2017), as organizadas são importantes para reforçar os laços de identidade cultural, coletiva, de pertencimento e inclusão para jovens. Destacam-se também as ações beneficentes das organizadas, que se reúnem em torno de projetos importantes para minorias (crianças carentes e idosos), como doações de alimentos,

vestimentas, brinquedos, materiais escolares para diversas instituições de caridades, por exemplo, asilos e creches.

Na tentativa de combater a criminalização das torcidas organizadas, as maiores torcidas do Brasil criaram a Anartog (Associação Nacional das Torcidas Organizadas) em 2014. No trecho de apresentação no site da associação<sup>17</sup>, são assim descritos:

E é com orgulho que informamos oficialmente que fundamos no dia 13/12/2014 a Associação Nacional das Torcidas Organizadas com o intuito de trabalhar em prol desse segmento abandonado pelos governantes e pela sociedade Brasileira. Seguindo um conceito do movimento ultras que vem da Alemanha fica aqui o nosso recado: ‘Fale conosco e não sobre nós’.

A Anartog promove eventos anuais para discutir os rumos do futebol e a ação das torcidas organizadas. De acordo com informação do site da Anartog, uma das discussões presentes é a da violência do futebol:

Não prometemos o fim das brigas e das mortes, pois isso é um serviço do Estado também – e não apenas nosso -, já que segurança pública e educação são coisas raras e que afetam o nosso segmento e não somos nós que vamos erradicar tal problema nas torcidas organizadas. Porém, vamos trabalhar e articular sim com a responsabilidade a nós exercida, na tentativa da diminuição de tais problemas.

#### **1.4 Máfia Azul, de amigos do bairro Floresta à maior organizada do Cruzeiro**

Grande parte das informações sobre a Máfia Azul foi coletada em entrevistas com fundador, ex-presidentes e atual membro da organizada, cujo procedimento metodológico está detalhado no capítulo 3. Além das memórias dos torcedores organizados, alguns dados foram selecionados em pesquisa bibliográfica, em especial na mídia impressa e em páginas da internet da própria torcida organizada.

No momento em que desabrocham as grandes organizadas do país (TOLEDO, 1996), ocorre o surgimento da Máfia Azul. Em 1977, Eder Toscanini, então com 15 anos, propôs ao irmão mais velho, Henri, 16, a criação da Máfia Azul. A fundação ocorreu porque Tosca, como é conhecido o mais novo, queria uma torcida para chamar de sua e sentiu a necessidade de uma organização para abrigar os amigos em um período de brigas de bairros entre adolescentes em

---

<sup>17</sup> Disponível em: <<http://anartog.com.br>>. Acesso em: 02 de fev. de 2018.

Belo Horizonte<sup>18</sup>. Antes, Toscanini ia ao Mineirão e ficava pulando e cantando ao lado das torcidas Jovem, Cru-Chopp e Raposões Independentes, as mais numerosas naquele momento, embora ainda pequenas, com dezenas de torcedores.

Eu pensei em criar a Máfia Azul em 1976, mas estava sozinho. Em 1977, através das brigas de bairros, Floresta, Prato, Cidade Nova, Jaraguá, eu tive a ideia de criar a torcida, a Máfia da Floresta, onde as pessoas falavam de mim. 'Tosca da Máfia, Tosca da Máfia', aí surgiu a Máfia Azul, em 1977. Até o fim de 1977, quando o meu irmão chegou de Água Boa, minha cidade maravilhosa, ele chegou e me ajudou. (TOSCANINI, 2017).

Em relação ao nome da organizada, o termo máfia significa, de acordo com o dicionário *Houaiss*<sup>19</sup>, “qualquer associação ou organização que, à maneira da Máfia siciliana, usa métodos inescrupulosos para fazer prevalecer seus interesses ou para controlar uma atividade”. O azul tem ligação com a cor predominante do Cruzeiro. A nomenclatura da torcida, somada à explicação de brigas feita por Eder Tocasnini, já sugere uma disposição para transgressões. Veremos, mais adiante, como a violência, segundo a avaliação dos próprios membros, foi um dos fatores que ajudou no crescimento da torcida, que se tornou a maior organizada ligada ao Cruzeiro e uma das maiores do Brasil. O saldo desse tipo de comportamento é negativo, com mortes registradas e um ex-presidente da Máfia Azul preso.

Ainda no início, como toda torcida que se preze, era necessário se fazer conhecer pelos outros torcedores. A primeira medida foi fabricar, em casa e com poucos recursos, a faixa com o nome da organizada. Ela foi feita com um lençol da casa da avó dos irmãos Toscanini. Eles compraram uma tinta e pintaram: “Máfia Azul”. Os irmãos, que gostavam mais da bola do que dos livros, erraram o próprio nome da organizada. Tosca afirma que a responsabilidade pelo erro foi do irmão Henri:

Ele pintou a primeira faixa no Mineirão ‘Máfia Azul’, com r. Não vou discutir com meu irmão, né! Era mais velho, eu falei ‘Ôh, Pipa, está errado. Não existe Máfia não, é Máfia’. ‘É Máfia’, ele disse. Ficou uns seis meses assim no Mineirão, com um lençol da minha avó. A gente não tinha dinheiro. Pegamos o lençol da minha avó, compramos a tinta, uma tinta bem ruim, e levamos para o Mineirão, colocamos a faixa lá, devia ter uns dois metros, dois metros e meio. (TOSCANINI, 2017).

<sup>18</sup> Além de nos confirmar essa informação na entrevista, Eder Toscanini fez um post sobre a fundação da Máfia Azul na página do Facebook da torcida. Disponível em: <<https://www.facebook.com/MafiaAzulRevolucão/posts/1356941577715472:0>>. Acesso em: 25 de fev. de 2018.

<sup>19</sup> Todas as citações ao dicionário *Houaiss* nesta dissertação se referem à sua versão digital. Disponível em: <<https://houaiss.uol.com.br>>. Acesso em: 03 de fev. de 2018.

Mas a faixa era quase imperceptível pelo tamanho e, por isso, pouca gente deve ter notado a inadequação ortográfica. Toscanini explica que, quando rodava o estádio, não enxergava a única manifestação visível da Máfia Azul no Mineirão. O primeiro espaço ocupado pela torcida foi atrás de uma das bandeiras de escanteio ao lado da lagoa, na área Sul das arquibancadas do estádio da região da Pampulha, em Belo Horizonte. “Eu dava a volta toda no Mineirão para ver a faixa e não conseguia ler a faixa, de tão pequena. Aos poucos, a gente foi chamando os amigos, o pessoal do bairro Colégio Batista, nós começamos a criar um vínculo dentro do bairro” (TOSCANINI, 2017).

Nos primeiros anos, outros torcedores ajudaram a Máfia Azul a crescer, como informa o site da organizada<sup>20</sup>. Os amigos se encontravam nas proximidades de onde moravam, nos bairros Colégio Batista e Floresta. Nesse primeiro momento, quem tinha tempo colaborava em determinadas demandas da organizada. A presença nas partidas ainda era tímida, não existindo uma assiduidade plena da Máfia Azul. Os integrantes revezavam quem levava a faixa da torcida para o estádio. Nessa fase inicial, os depoimentos dos torcedores são unânimes em dizer que a torcida não passava de uma dezena de amigos da região do bairro Floresta presentes em jogos do Cruzeiro no Mineirão.

A criação do principal símbolo da organizada tem relação íntima com o Cruzeiro: uma raposa estilizada com o rabo trançado para a esquerda. A inspiração veio da mascote do clube celeste, que foi representado nos desenhos do jornalista Fernando Pierucetti, o Mangabeira, como explica o pesquisador da UFMG Marcelino Rodrigues da Silva: “O Cruzeiro, que tinha dirigentes italianos de incomparável esperteza para o negócio, virou Raposa...” (SILVA, 2015, p.145). Os torcedores queriam buscar elementos que ligassem ainda mais a organizada ao clube, até por isso nada muito estranho ao ambiente dos cruzeirenses foi adotado.

No início da década de 1980, um fato marcante impactou a torcida: Antônio Torrão, um dos grandes incentivadores desde os primeiros anos, que assumiu a coordenação da organizada, morreu em um acidente automobilístico, enfraquecendo a Máfia Azul, que chegou a praticamente sumir dos estádios por alguns meses. Em 1985, a Máfia Azul renasceu e ganhou impulso quando

---

<sup>20</sup> A relação de nome que ingressaram na torcida organizada nos primeiros anos de atividade, segundo a página da Máfia Azul: Alexandre Bastão, David Tanure, Caquinho Ornelas, Reginaldo Lima, Lincoln Mialarett, Antônio Leite Patola, Emílio Messias, Tônico Rocha, Alexandre Porcão Valadares, Ricardo Gati, Chicô Gati, Sérgio Braga, Pedro Fiorini, Disnô Risne, Rômulo Menezes, Ricardo Gueibe, os irmãos Sérgio, Wilson e Roberto Colares, Sulaiman Matos, Frederico Avelar, Leonardo Starling, Juninho Afonso, Estavão Rodrigues Cuspe e Torrão Ferreth. Disponível em: <<http://mafiaazul.com.br/historia-da-mafia-azul/>>. Acesso em: 05 de fev. de 2017.

se fundou à Cru-Fiel Floresta, outra torcida de cruzeirenses do bairro Floresta. Como eram todos da mesma região, resolveram se unir para formar uma torcida com número maior de componentes, que pudesse representar e levar o nome do bairro ao Mineirão. Dessa forma, a torcida adotou por um longo tempo uma denominação que agregasse e representasse as duas organizadas. Máfia Azul Cru-Fiel Floresta foi o nome escolhido. Paulo Augusto da Cunha Fonseca foi um dos primeiros integrantes da Cru-Fiel Floresta e explica essa opção pela fusão com a Máfia Azul:

A Cru-Fiel foi fundada para ter uma frequência no estádio de torcedores do Cruzeiro do bairro Floresta. Posteriormente, juntou-se com a Máfia, que voltou ao estádio. Como era todo mundo do mesmo bairro, teve essa junção. E essa junção fortaleceu, teve uma frequência maior. (FONSECA, 2017).

Paulo, conhecido como Paulinho Popeye, dividia a paixão pelo Cruzeiro com outros amigos que formavam a cúpula da Cru-Fiel Floresta, casos de Alexandre Aguiar, Tuña Mendes e Leonardo Borges. Todos eles adolescentes, entre 14 e 17 anos.

Apesar dessa união entre Máfia Azul e Cru-Fiel Floresta, ainda assim o número de torcedores associados era pequeno. No ano seguinte, em 1986, desembarca no Brasil Jean Marc Gougeuil, nascido em Turim, na Itália, mas francês de coração, que mais tarde viria a presidir a organizada. Conheceu os organizados por meio de uma namorada que morava no bairro Floresta. O Francês, seu nome de guerra das arquibancadas, logo se entrosou com os “mafiosos”, que ainda eram poucos, como ele conta: “Máfia Azul era uma torcida, Cru-Fiel Floresta era outra torcida, mas eram dois de um lado e três do outro, para dar um exemplo, porque o povo imagina que tinha centenas de torcedores. Elas se juntaram e formaram uma só” (GOUGEUIL, 2017).

Sem poder financeiro para investir na festa da torcida na arquibancada, os integrantes da Máfia Azul faziam mutirões e recorriam a doações. Além de faixas e bandeiras, era necessário muito papel picado, papel higiênico e pó de arroz para colorir e deixar um visual bonito, comum em todas as torcidas da época. Sobras de papel picado eram doadas por gráficas, o papel higiênico saía direto das casas dos integrantes e de bares e restaurantes - todo lugar que tivesse um rolo sobrando virava ‘presente’ para a Máfia Azul. E até pó de cimento surgia no meio disso tudo – o destino dele era, costumeiramente, a cabeça dos rivais. Eder Toscanini conta sobre a acumulação de itens para as festas:

Tinha pó de arroz, até cimento a gente levava para o Mineirão. A gente não podia ver construção na Antônio Carlos que a gente levava saco de cimento para o estádio. E não tinha tanta frescura para entrar, chegava no Mineirão com saco de cimento. A gente ia em todas as gráficas para pegar papel picado, e ganhava. Papel higiênico, a gente ficava a semana inteira sem fazer nada para levar o papel higiênico para o estádio [risos]. Era uma festa bacana, era muito bacana. Papel picado, papel higiênico, talco, cimento, fazia isso direto. É uma festa diferente da de hoje. (TOSCANINI, 2017).

Para ir aos jogos, o meio de transporte era o ônibus. Os que moravam nos bairros Floresta e Colégio Batista pegavam bandeiras e faixas e seguiam caminho. Outros esperavam no Mineirão, no bar 22, ponto de encontro da Máfia Azul, como explica Paulo Fonseca. O espaço se localizava em uma das curvas do estádio, bem nas proximidades da bilheteria. Antes da reconstrução do estádio da Pampulha para a Copa do Mundo de 2014, o Mineirão tinha dezenas de bares na entrada e barracas nas ruas próximas.

A gente tinha [o ônibus] bairro-Mineirão. Eram especiais que saiam, e eu sempre fui em ônibus. A gente sempre se encontrava no bar 22 que era o bar tradicional da Máfia Azul. Depois, começamos a encontrar na barraquinha do Lourinho, que era o nosso ponto. Antigamente, Belo Horizonte tinha menos gente, pouca gente tinha carro. Já saímos várias vezes da sede do clube da Guajajaras, sempre teve aquele ponto da Rio Grande do Sul. Já saímos de especial do colégio Batista também. (FONSECA, 2017).

Até então, os integrantes da Máfia Azul se localizavam na arquibancada no espaço perto de uma das curvas do Mineirão, mas esse posicionamento mudou com o tempo algumas vezes. A torcida que começou escanteada mudou-se para a região central da arquibancada por causa da torcida rival. Em dia de jogos entre o Atlético e Cruzeiro, a separação das torcidas era feita por uma corda bem na reta da linha que divide o gramado ao meio. A corda deslocava para um lado ou para o outro de acordo com o número de torcedores de cada clube. A Galoucura, maior torcida do Atlético, também ficava naquele espaço. Como a torcida do Atlético era maior na década de 1980, conforme indica pesquisa Placar-Gallup, que será explorada mais adiante, os cruzeirenses eram empurrados em direção a uma das curvas do estádio, como descreve Paulo Fonseca:

A gente ficava lá na divisa, e fomos responsáveis por arredar a divisa, porque era um absurdo, porque a torcida do Cruzeiro, torcida grande espremida lá, e a Máfia Azul fez essa divisa arredar. Fizemos essa divisa arredar cantando muito, muita bandeira, até que a Polícia Militar resolveu pôr as torcidas meio a meio, até que as torcidas que fossem enchendo mais, eles iam cedendo a corda. (FONSECA, 2017).

Há uma unanimidade nos relatos dos integrantes da Máfia Azul de que a torcida do Cruzeiro era conhecida antes da década de 1970 por ser “pacata”, “sem empolgação”, “quieta” –

termos usados pelos torcedores entrevistados, que sustentam a tese de que a organizada criada no bairro Floresta ajudou a mudar essa característica da torcida do Cruzeiro. A Máfia Azul ficou conhecida pela forma vibrante e, muitas vezes, violenta de torcer. Três passagens das entrevistas realizadas nesta pesquisa expõem essa visão:

A torcida do Cruzeiro era pacata até o extremo. Às vezes, na vida, você precisa reagir. O cara te xinga de 30 e 40 e você não falar nada, você fica engolindo sapo. A Máfia Azul chegou e falou, não é assim não, nós vamos mostrar que cruzeirense não é assim não, não é tomar tapa na cara e falar nada não, nós vamos reagir, e vai ver, vai ver mesmo, nós vamos mostra que a torcida do Cruzeiro é uma torcida forte, vibrante, capaz de encarar qualquer torcida do Brasil, encarar qualquer pessoa e nós conseguimos isso. (GOUGEUIL, 2017).

A torcida do Cruzeiro era uma torcida que, não era uma torcida tímida, era uma torcida muito - faltando o termo aqui - uma torcida que não empolgava, empolgava só quando era um time bom. E, posteriormente, com a Máfia, não. Com a Máfia, começou a ser uma torcida que apoiava o time 90 minutos, e isso foi inflamando a torcida, foi uma coisa muito importante. Isso ninguém pode tirar da Máfia. (FONSECA, 2017).

Era uma torcida mais quieta, não é calada, não. Era uma torcida mais quieta. A gente era um pouco menor que a torcida do Atlético, isso é fato consumado. Era menor em Belo Horizonte, porque no estado sempre foi cinco para um desde que eu me conheço como gente. Na capital, a torcida do Atlético era maior, uma torcida mais fanática. Era? Era, tá, passado. Aí, quando a Máfia Azul surgiu em 1977, a torcida do Cruzeiro realmente cresceu assustadoramente, ficou uma torcida fanática, e a torcida do Cruzeiro no final dos anos 1980 virou uma religião, virou uma religião mesmo, uma loucura. (TOSCANINI, 2017).

A Máfia Azul começou a ganhar corpo e se fazer notar no Mineirão no fim da década de 1980 e início da década de 1990. Coincidiu com o período de forte crescimento da torcida do Cruzeiro como um todo. Em pesquisa da revista *Placar* em parceria com o instituto Gallup, de 1983, o Cruzeiro figurava com 1 milhão e 900 mil torcedores<sup>21</sup>. Por sua vez, o Atlético, o maior rival, tinha 2 milhões e 670 mil, diferença de quase 1 milhão de adeptos. Dez anos depois, em 1993, em outra pesquisa Placar-Gallup, os cruzeirenses já somavam 4 milhões e 676 mil<sup>22</sup>. A diferença para o número de atleticanos (4 milhões e 823 mil) praticamente sumiu. Não à toa, o atleticano Roberto Drummond, escritor de prestígio e colunista de esportes de jornais mineiros,

<sup>21</sup> A edição de *Placar* de 17 de junho de 1983 veiculou a pesquisa das maiores torcidas do Brasil. A revista, com todos os números levantados pela *Gallup*, pode ser acessada pela internet. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=U2aK4LIHCv8C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=U2aK4LIHCv8C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em: 03 de fev. de 2018.

<sup>22</sup> A edição de *Placar* de outubro de 1993 veiculou a pesquisa. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=cOJoyS11NSAC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=cOJoyS11NSAC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em: 03 de fev. de 2018.

apelidou a torcida do Cruzeiro de “China Azul”, tamanho o crescimento no início dos anos de 1990.

Mas por que a Máfia Azul cresceu e não outra torcida mais antiga, como a Torcida Jovem, por exemplo? A explicação dos membros da organizada passa pela energia nas arquibancadas, engajamento com o time e, também, pela demonstração de força e agressividade. A Máfia Azul passou a disputar espaço dentro do estádio com a maior organizada do Atlético, a Galoucura, despertando a admiração de muitos que viam naquilo um ato de coragem em defesa do Cruzeiro, segundo relatos dos torcedores organizados entrevistados. Outros fatores também devem ser levados em consideração: presença da organizada em jogos fora de casa, fato raro naqueles tempos; boa relação com a diretoria do clube, o que facilitava auxílios que eventualmente a torcida recebia, e com empresários cruzeirenses, que passaram a auxiliar em compra de bandeiras, entre outros.

Quando passou a ser uma referência para a torcida do Cruzeiro e viu seu número de filiados aumentar, a Máfia Azul se estruturou. Um estatuto foi concebido, no fim dos anos 1980, dando origem ao Grêmio Recreativo e Cultural Torcida Organizada Máfia Azul e Cru-Fiel Floresta. Diretorias foram criadas, assim como um sistema eleitoral que privilegiava os fundadores, que formavam o conselho, cujos membros eram os únicos eleitores possíveis. Os sócios da organizada não tinham direito a nenhum tipo de decisão.

Com mais recursos, a Máfia Azul começou a padronizar os sócios durante os jogos. Mesmo antes, já existia essa preocupação dos líderes da organizada. Os primeiros uniformes eram peças simples, camisa branca e o nome da organizada. Depois, como o número de participantes aumentou, a empresa Nemer Esportes assumiu a fabricação. A mudança mais efetiva ocorreu quando Jean Marc Gougeuil resolveu criar um modelo, com um desenho baseado na camisa do Paris Saint-Germain, adotado até os dias de hoje.

Tem uma coisa que ninguém sabe, coisa interessante. A camisa da Máfia é uma camisa branca com uma faixa listrada azul que desce. De onde veio isso? Quase ninguém sabe. Se perguntar até para um torcedor da Máfia, não sabe, não. Foi uma camisa minha do PSG; eu trouxe uma camisa do PSG e dei para um dos fundadores da Máfia, que se chama Fred. Não era a primeira, mas a terceira camisa [do PSG], a camisa que virou a camisa oficial da torcida foi feita em cima de um modelo do PSG, que jogou com uma lista comprida na década de 1980. (GOUGEUIL, 2017).

A Máfia Azul viu nesse filão um negócio lucrativo e lançou linhas de bonés, calças e bermudas. Os patrocinadores, vendo esse crescimento da organizada, passaram a apoiá-la. A

Energil C, empresa farmacêutica, estampou seu nome na camisa da Máfia. A Finta, fornecedora de material esportivo do Cruzeiro de 1990 a 1996, resolveu estender seus braços e envolver também a maior organizada do clube. Membros da Máfia Azul sustentam que, naquele momento, a organizada comercializava mais camisas que o próprio Cruzeiro, em razão do preço mais barato e da facilidade de encontrar o produto. No entanto, não foi encontrado números de venda de camisas da Máfia e do Cruzeiro para comprovar tal possibilidade.

A Máfia Azul foi a primeira torcida organizada a fechar com uma empresa de material esportivo, porque na época a Finta fazia material para o Corinthians, Vasco e Cruzeiro. Então, você vê a importância que a empresa deu à Máfia Azul. Até em termos de custos, a camisa do Cruzeiro era muito cara, então nós atingimos uma faixa da torcida que ficou acessível de ter o produto. O produto foi muito bonito, a coleção foi muito bonita, outra coleção dificilmente vai atingir o sucesso que ela atingiu, e foi um tiro certo que a Máfia deu. (FONSECA, 2017).

Muito dinheiro também trouxe desentendimentos na organizada<sup>23</sup>, que criou uma empresa para administrar o negócio envolvendo a Máfia Azul. Nessa fase financeira positiva, abriu-se a possibilidade de financiar os bandeirões, uma das maiores manifestações da Máfia Azul dentro do Mineirão. A primeira vez que um bandeirão foi desfraldado ocorreu no dia 20 de outubro de 1993, no jogo entre Cruzeiro e Nacional, do Uruguai, pela Supercopa da Copa Libertadores da América, no Mineirão. “Bandeirão azul, com a logomarca da Máfia, escrito Máfia Azul Cru-Fiel Floresta e embaixo uma grande torcida” (FONSECA, 2017). O material foi pensado pela organizada e encomendado a uma fábrica têxtil. A Kaiser auxiliou com recursos financeiros – a frase “uma grande torcida” fazia analogia ao *slogan* da cervejaria: “Uma grande cerveja”. Os bandeirões criaram uma rivalidade à parte entre Máfia Azul e Galoucura. Enquanto a Kaiser patrocinava os cruzeirenses, a Brahma fez parceria com os atleticanos. O material da torcida rival vinha com a frase “torcida número 1”, uma propaganda para a bebida “número 1”.

A rivalidade entre as torcidas tem diversos episódios interessantes. Um dos mais curiosos remete aos símbolos. A Máfia Azul adotou Che Guevara como ícone, mas a decisão não partiu da diretoria. Como a organizada possuía ‘filiais’, o que ocorria em outros grupos nem sempre tinha que ter a anuência dos líderes. A ala da torcida Comando Guerreiro do Eldorado (CGE) resolveu

---

<sup>23</sup> Lúcio França, que presidiu a Máfia no início dos anos 1990, sofreu *impeachment*, recaindo sobre ele a acusação de improbidade administrativa. Para administrar os negócios da organizada, foi criada a Lusa Oriental, empresa que se manteve ativa até início dos anos 2000, segundo relato dos líderes da organizada. O resultado de todos os ganhos era dividido entre os donos da marca Máfia Azul, patenteada pelos fundadores e membros mais antigos.

adotar a imagem de Che Guevara, um símbolo de heroísmo para muitos. Em entrevista ao jornal *Hoje em Dia*, o então presidente da CGE, Washington Silva, o Xará, disse que a decisão tinha um caráter ideológico e outro de rivalidade clubística.

A decisão de colocar o Che Guevara como o símbolo da CGE tem um misto de ideologia e identificação. Ele foi o grande guerrilheiro. Não fizemos a escolha de forma aleatória, sem saber de quem se tratava. Conhecemos a história do Che e sabemos que há uma grande identificação dos brasileiros com ele. Além de toda a história de luta do Che, ele ainda nasceu em Rosário, na Argentina, onde o Atlético tomou uma surra na final da Copa Conmebol<sup>24</sup>.

A Máfia fez imensas bandeiras com o rosto do guerrilheiro, que caiu no gosto da torcida celeste. A Galoucura, por sua vez, respondeu com a imagem do ditador boliviano René Barrientos, que teria dado a ordem para matar Che Guevara. A imagem do militar foi usada em camisas, faixas e até músicas<sup>25</sup>.

Com grande prestígio com os cruzeirenses, a diretoria do clube e o mercado, a Máfia Azul se tornou uma das maiores torcidas organizadas do Brasil. Os organizados dizem que já atingiram a marca de 80 mil sócios, mas não sustentam esse número com nenhuma prova documental. Nunca houve um banco de dados confiável para armazenar essas informações. Já em grande proporção, a organizada deixou a informalidade das ruas do bairro Floresta. A primeira sede fora do bairro foi um espaço cedido pela diretoria do Cruzeiro no Barro Preto, onde se localiza o parque esportivo do clube, de acordo com Fonseca.

A primeira sede, o Cruzeiro cedeu uma sala dentro do Barro Preto. A gente tinha confecção de carteirinhas e reuniões. Posteriormente, passou para Olegário Maciel, que foi a primeira sede da torcida na rua. Depois, passou para Araguari; de lá, foi para a rua Ouro Preto; depois para Timbiras, praticamente em frente à sede administrativa do Cruzeiro. Passamos pelo Centro e agora na rua Tupis, sempre privilegiando a região do Barro Preto e do Centro. (FONSECA, 2017).

A relação com os dirigentes do Cruzeiro foi construída com entendimento e colaboração. O envolvimento se estreitou a partir da década de 1990, quando César Masci, presidente do clube entre 1991 e 1994, se atentou para a força política da Máfia Azul. Prova disso é que passou a financiá-la. A organizada, então com um jornal circulando, recebeu verbas de patrocínio do

<sup>24</sup> Entrevista de Washington Silva ao jornal *Hoje em Dia* em 12 de outubro de 2007.

<sup>25</sup> Artigo do colunista Chico Maia no jornal *O Tempo* traz relato sobre a escolha de René Barrientos como um símbolo da Galoucura em razão da rivalidade com a Máfia Azul. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/opini%C3%A3o/chico-maia/chico-maia-o-pa%C3%ADs-imita-o-futebol-1.203674>> Acesso em: 06 de fev. 2018.

presidente e publicou em uma edição do periódico que apoiava Ademir Lucas e Cesar Masci em eleição para a Câmara Federal e Assembleia Legislativa, respectivamente, em 1994<sup>26</sup>. O mesmo ocorreria com Zezé Perrella, anos depois<sup>27</sup>.

Em função do tamanho e de sua organização, a Máfia Azul tornou-se a regente da torcida do Cruzeiro nas últimas décadas, determinando o que é cantado nas arquibancadas. As principais composições glamourizam a violência, explica Toscanini: “Os gritos de guerra era uma coisa de louco. Parece que as crianças gostavam de ouvir aquilo. ‘Sou um guerreiro que sozinho mato mil’. Parece que o pessoal gostava daquilo” (TOSCANINI, 2017).

*Guerrilheiros*<sup>28</sup> é o nome da música citada por Toscanini. Entretanto, não é a mais impactante. “*Cerveja e maconha*”, uma das composições da organizada, faz apologia às drogas, ao homicídio de atleticanos e de policiais<sup>29</sup>.

Se ficasse presente apenas nas letras, a violência não causaria tanto espanto e medo. São muitos casos de enfrentamento com participação de membros da Máfia Azul. Um deles implicou diretamente um dos ex-presidentes e ex-diretores da Máfia Azul. Em 2005, Alexandre Mendes da Silva, o Tuté, então o mandatário máximo da organizada, participou, ao lado de Warley Alves dos Santos, o Gordo, e Francisco Onofre de Souza, conhecido por Chikin, dois ex-integrantes da organizada, da morte do atleticano Washington Sebastião Teixeira, de 26 anos<sup>30</sup>. Outro caso,

<sup>26</sup> O site da Máfia Azul de Bom Despacho guardou a primeira edição do jornal da Máfia Azul, que traz um editorial em apoio às candidaturas de Cesar Masci e Ademir Lucas. Disponível em: <<https://www.flogao.com.br/mafiaazulbd/86346376>>. Acesso em: 12 de fev. de 2018.

<sup>27</sup> Outro membro da diretoria do Cruzeiro apoiado pela Máfia Azul foi Zezé Perrella, que assumiu a presidência do clube em 1995 e ficou até 2002. Perrella fez uma gestão vitoriosa no Cruzeiro. Conquistou grandes títulos, como a Copa Libertadores, a Recopa Sul-Americana, a Supercopa, a Copa do Brasil, entre outros. Os grandes feitos dele à frente do Cruzeiro o levaram para a política em 1999. Pelo Partido Frente Liberal (PFL), concorreu a uma vaga à Assembleia Legislativa e, com o apoio da Máfia, atingiu a segunda maior votação de um deputado na ocasião. Como político, Perrella se aproximou da Máfia Azul e de seus líderes, fez amizade com todos que exerciam algum papel de relevância na organizada. De tão próximo, Perrella foi padrinho de casamento de Paulo Fonseca e o responsável por empregar Eder Toscanini na Toca da Raposa I. Essas informações foram confirmadas por ambos nas entrevistas. Por muito tempo, Perrella concedeu entradas e ajudou em viagens da organizada. Seja pelos títulos, seja pela habilidade política, Perrella não enfrentou oposição no Cruzeiro.

<sup>28</sup> “Sou um guerrilheiro que sozinho mato mil/Sou Máfia Azul, a mais temida do Brasil/ Se é pra matar, se é pra morrer/ A Máfia Azul está botando pra foder!”

<sup>29</sup> A letra da música “Cerveja e Maconha”: “Cerveja e maconha me sobem a mente/ E a cocaína cheiro loucamente/ Chapado e drogado Cruzeiro te sigo/ Nós vamos matar um puto alvinegro/ Nós vamos acabar com toda polícia/ A bala e o doce meu Deus que delícia/ De 6 a 1 nós te vimos perder/ Se não bastassem jogaram a B/ A barra do Cruzeiro acabou de chegar/ E o descontrole vai começar”

<sup>30</sup> A vítima, Washington Sebastião Teixeira, estava em um ponto de ônibus na Avenida Silviano Brandão, no Bairro Horto, em Belo Horizonte, quando foi atingido por tiros. O crime aconteceu depois da partida entre Atlético e Cruzeiro pela final da Taça BH de futebol júnior. Em 2013, Alexandre Mendes da Silva foi condenado a 13 anos de prisão, ao passo que Francisco Onofre de Souza pegou 10 anos. Já Warley Alves dos Santos não foi julgado porque

anterior a este, ocorrido em 1997, também chocou quem frequentava o Mineirão<sup>31</sup>. A violência, aos poucos, foi afetando fortemente a imagem da Máfia Azul. O negócio rentável com a marca caiu consideravelmente. Os cruzeirenses não organizados ficaram temerosos de usar camisas da Máfia Azul, pelo risco de virarem alvos de ataques de rivais, afirmam os próprios líderes da organizada nas entrevistas.

A Máfia Azul, que antes era absoluta em relação às organizadas do Cruzeiro, viu surgir concorrência. O Pavilhão Independente e a Fanati-Cruz, duas torcidas criadas no fim da década de 1990, tiraram membros da Máfia, enfraquecendo-a. Outra mais recente, a torcida Geral Celeste também ganhou apelo entre os torcedores celestes. Praça (2010) já evidenciava a perda da força da Máfia Azul: “Já nas TOs<sup>32</sup> do Cruzeiro, existem agrupamentos com números intermediários de associados, o que pode indicar um equilíbrio de forças nas relações entre essas TOs” (PRAÇA, p. 6, 2010).

Sob a administração do então presidente Gilvan de Pinho Tavares (presidiu o clube de 2012 a 2017), o Cruzeiro tomou algumas medidas contra a Máfia Azul em razão da violência. Em 2013, na última partida do Campeonato Brasileiro, a diretoria do clube contratou banda e trio elétrico para animar a torcida nos arredores do Mineirão, pois comemorava o título nacional que não vinha desde 2003. A alegria pela conquista acabou em confusão, já que uma briga entre integrantes das torcidas organizadas Máfia Azul e Pavilhão Independente cancelou a festa. Em reação, o conselho deliberativo do clube, com o apoio de Tavares, proibiu as duas torcidas citadas de usarem o nome e o escudo do Cruzeiro em suas camisas<sup>33</sup>.

Em 2018, a Máfia Azul está sediada na rua Timbiras, 2878, no bairro Barro Preto. O local, onde funciona a administração e ocorrem as reuniões da entidade, é alugado. No espaço, também há aulas de artes marciais e transmissões de jogos do Cruzeiro para os torcedores que não viajam para as partidas fora de casa. A organizada ainda é custeada pela venda de camisas,

---

morreu em 19 de julho de 2012. Disponível em: <<https://tj-mg.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/122351573/apelacao-criminal-apr-10024058233073002-mg/inteiro-teor-122351625>>. Acesso em: 03 de fev. de 2018.

<sup>31</sup> Em um jogo entre Cruzeiro e Vasco, no dia 8 de outubro de 1997, o torcedor do Atlético Claudemir da Silva Reis, de 16 anos, filiado à Galoucura, morreu no Mineirão após ser atingido por uma bomba lançada por Múcio dos Reis Ribeiro, membro da Máfia Azul. Múcio foi condenado a 15 anos de reclusão. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2003-ago-22/torcedor-condenado-15-anos-reclusao-morte>>. Acesso em: 02 de fev. de 2018.

<sup>32</sup> TOs é a abreviação de torcidas organizadas.

<sup>33</sup> Conselho do Cruzeiro proibiu a Máfia Azul de usar o escudo e o nome do clube nos uniformes da organizada. Disponível em: <[https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/futebol-nacional/1,168,1,10/2013/12/20/noticia\\_cruzeiro,271930/cruzeiro-proibe-organizadas-de-usarem-nome-e-escudo-do-clube-na-camisa.shtml](https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/futebol-nacional/1,168,1,10/2013/12/20/noticia_cruzeiro,271930/cruzeiro-proibe-organizadas-de-usarem-nome-e-escudo-do-clube-na-camisa.shtml)>. Acesso em: 09 de fev. de 2018.

bonés e calças, entre outros itens. A torcida criou a TV Máfia Azul no *Youtube*<sup>34</sup>, canal de vídeos atualizado semanalmente pelos integrantes da torcida cobrindo jogos e eventos ligados ao clube. Outra novidade foi o bloco de carnaval da Máfia Azul, que saiu pelas ruas do Barro Preto pela primeira vez em 2015.

Nas arquibancadas do Mineirão, a Máfia Azul fica na curva sul do estádio. Agora, com a companhia das outras organizadas do clube. Isso evidencia a queda da torcida, que costumava ocupar o espaço apenas com seus membros e outros seguidores não associados<sup>35</sup>. A Máfia Azul é estruturada em dez diretorias e departamentos: vendas, arquibancada, patrimônio, caravana, sócios, comandos e filiais, comunicação, financeiro, jurídico, eventos e ação social e bateria. A diretoria executiva é composta pelo presidente, Diego Dias de Castro, e pelo vice, Washington Ladislau. A organizada ainda possui diretoria-geral e tesoureiro, além de conselho fiscal e deliberativo.

Até março de 2016, segundo o site da Máfia Azul, eram oito os comandos - termo que está ligado às forças armadas e presente em várias organizadas, remetendo ao regime militar brasileiro, como explica Toledo (1996): Itabira, Comando, Zona Norte, Uberaba, Pitangui, Nova Lima, Ouro Branco, Valadares, 8 Comando, Samonte, Comando Noroeste e Comando Guerreiro Eldorado.

---

<sup>34</sup> Em fevereiro de 2018, a página da Máfia Azul no *Youtube* contabilizava 19 mil inscritos. Disponível em: <[https://www.youtube.com/channel/UC\\_BA6MmVJXZfXrQ4ck0YXyg?pbjreload=10](https://www.youtube.com/channel/UC_BA6MmVJXZfXrQ4ck0YXyg?pbjreload=10)>. Acesso em: 08 de fev. de 2018.

<sup>35</sup> Em entrevista em maio de 2017, o então diretor de marketing do Cruzeiro, Marcone Barbosa, explicou a ideia de unir as torcidas organizadas em um único setor do Mineirão. Assim, as organizadas que antes estavam por todas as partes do estádio ficaram reduzidas a um único espaço. Disponível em: <[https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/cruzeiro/2017/05/23/noticia\\_cruzeiro,403678/cruzeiro-realiza-mudancas-no-programa-de-socio.shtml](https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/cruzeiro/2017/05/23/noticia_cruzeiro,403678/cruzeiro-realiza-mudancas-no-programa-de-socio.shtml)>. Acesso em: 08 de fev. de 2018.

## **CAPÍTULO 2 - O DISCURSO NA PERSPECTIVA DA SEMIOLINGUÍSTICA: IMAGENS DE SI EM NARRATIVAS DE VIDA**

### **2.1 Considerações sobre os caminhos teóricos**

Neste capítulo, apresentamos o arcabouço teórico que guiou esta dissertação. Em razão do nosso *corpus*, o relato das experiências e visões de mundo de líderes de três gerações da torcida organizada Máfia Azul, fizemos uma integração de pressupostos teóricos da Teoria Semiociológica, de Patrick Charaudeau (1983; 1996; 2004; 2008; 2013), com as Narrativas de Vida. Esse caminho já foi pavimentado por diversos escritos da pesquisadora Ida Lúcia Machado, que utiliza a noção de imaginários sociodiscursivos como um dos operadores para este tipo de estudo. Trabalhamos o conceito de *ethos*, segundo Ruth Amossy (2005) e Dominique Maingueneau (2008), além de abordar aspectos sobre a identidade narrativa. Auxiliando no entendimento das estratégias discursivas dos torcedores organizados, utilizamos outros dois operadores de análise: os efeitos patêmicos, segundo Charaudeau (2010), para observar a emoção, e os subjetivemas, de acordo com Kerbrat-Orecchioni (1997), para analisar as marcas do sujeito no discurso.

### **2.2 Teoria Semiociológica**

A Teoria Semiociológica, que nasceu do esforço intelectual do pesquisador francês Patrick Charaudeau, será a base para o desenvolvimento desta dissertação. Ela está inserida na Análise do Discurso, disciplina que dialoga com outras áreas do conhecimento, em especial as Ciências Sociais.

Seguindo esse rastro, Charaudeau propõe uma teoria que permanece aberta a metodologias e conceitos vindos de diferentes áreas, demonstrando sua abrangência e adaptação aos diferentes tipos de objetos de estudos e ferramentas de análise. Um exemplo disso é a articulação entre a Semiociológica e as narrativas de vida, vertente desta dissertação.

Na obra *Langage et Discours* (1983), Charaudeau discorre sobre a onipresença da interdiscursividade, destacando o diálogo entre diversos tipos de teorias e, em especial, o fato de todo ato de linguagem remeter sempre a outro ato de linguagem. Em livros mais recentes,

Charaudeau se coloca, considerando a Semiologia, como um autor que entrelaça metodicamente as linguagens, a Semiótica, a Filosofia, Sociologia e Psicologia, entre outras.

Um semiólogo, analista do discurso que, tendo atravessado as ciências da linguagem da época do estruturalismo até os dias de hoje, se confrontou com os pensamentos e os trabalhos de semanticistas em torno de Bernard Pottier, com os semioticistas em torno de Algirdas Greimas, de narratologistas em torno de Genette, se viu diante de uma certa filosofia em torno de Michael Foucault, de uma semiologia polivalente em torno de Roland Barthes, e que foi levado a colaborar com sociólogos e psicossociólogos em seus trabalhos sobre a mídia e sobre o discurso político. (CHARAUDEAU, 2013, p. 20).

Dessa forma, Charaudeau ressalta a relação dialógica que é criada na Semiologia. Essa integração de conhecimentos se faz necessária pelas facetas do discurso. Pensá-lo como um fenômeno meramente linguístico se configura um erro. Para além das palavras, do objeto textual, sintático ou semântico, existe o cunho social, o universo de sentidos, de saberes e crenças, além das representações que são criadas pelos sujeitos dentro de suas culturas e individualidades.

Tendo isso em vista, a Semiologia analisa o discurso de forma multidimensional, resultante da interação da dimensão linguística e de certos fenômenos psicológicos e sociais - em especial a identidade, os papéis sociais dos interlocutores, as relações sociais e históricas em que estão envolvidos, os objetivos, as representações e as expectativas dos parceiros.

A abordagem de Charaudeau, diferentemente de outras vertentes da Análise do Discurso, busca um equilíbrio entre com os planos linguístico e situacional. De acordo com críticas do próprio autor, outras propostas não foram tão eficientes ao pensar “o espaço externo como fundador do espaço interno e, ao mesmo tempo, construído por este” e de “problematizar a linguagem num modelo que constrói o social em sociolinguagem e o linguístico em sociodiscursivo” (CHARAUDEAU, 1996, p. 21).

A articulação entre os campos linguísticos e situacional ocorre por meio da noção de contrato de comunicação. Segundo Charaudeau, para que haja entendimento e que a comunicação se efetive, é necessário que o contrato de comunicação vigore, respeitando as estratégias, convenções e restrições entre os parceiros de produção e recepção. Assim, todo ato de linguagem se desenvolve dentro de um tipo de relação contratual reconhecida – mesmo que implicitamente – , pelos sujeitos inseridos no contrato.

O conjunto das condições nas quais se realiza qualquer ato de comunicação (qualquer que seja sua forma, oral, escrita, monolocutiva ou interlocutiva). É o que permite aos parceiros de uma troca linguageira reconhecerem um ao outro com os traços identitários

que os definem como sujeitos desse ato (identidade), reconhecerem o objetivo do ato que os sobredetermina (finalidade), entenderem-se sobre o que constitui o objeto temático da troca (propósito) e considerarem a relevância das coerções materiais que determinam esse ato (circunstâncias). (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 132).

De acordo com Charaudeau (1983), o contrato de comunicação funciona por meio de parâmetros já estabelecidos socialmente, em função da expectativa compartilhada sobre o funcionamento de cada situação de comunicação e os prováveis discursos usados em cada caso. Em relação às entrevistas sobre história de vida analisadas nesta dissertação, espera-se que os entrevistados (os torcedores organizados da Máfia Azul), quando questionados, demonstrem uma identidade social específica, valendo-se dos limites de tempo e do espaço que a entrevista permite, além de se expressar de forma apropriada dentro daquele contexto social.

Para que a relação contratual exista, o sujeito comunicante deve ter o direito de fala reconhecido pelo sujeito interpretante. São três as condições fundamentais para o direito à fala: reconhecimento do saber (os conjuntos de significados e representações usados pelo sujeito comunicante devem ser reconhecidos pelo interpretante para que o sentido seja entendido e avaliado; do poder (a identidade social deve legitimar o discurso em questão); e do saber fazer (capacidade em conquistar a credibilidade do sujeito destinatário por meio de uma eficácia por meio do ato de linguagem).

Considerando os pontos levantados, Charaudeau, de forma metafórica, trata o ato de linguagem como encenação ou *mise-em-scène* que, segundo ele, da mesma forma que um ator se utiliza do espaço cênico, da iluminação, da sonorização, de um texto, para produzir os efeitos de sentido para convencer um público que projeta, o locutor se utiliza dos componentes do dispositivo de comunicação em função dos efeitos que ele quer produzir sobre seu interlocutor (CHARAUDEAU, 1992).

Charaudeau (1983) traduziu o ato de linguagem na seguinte fórmula: A de L = [Explícito x Implícito] C de D. Para melhor entendimento, explicamos: o A de L é o ato de linguagem; C de D, as circunstâncias do discurso, que levam em conta os saberes compartilhados e os filtros de sentidos entre os sujeitos. Por esse viés, o ato de linguagem é produto de um contexto em que participam emissor e receptor. O explícito, o que está dado no material verbal, deve ser acrescido ao implícito, as intenções que estão encobertas, considerando todo o contexto sócio-histórico vivido e articulado no momento da comunicação.

O modelo de Charaudeau (1983; 2008) apresenta outras novidades à análise discursiva, como a divisão do ato de linguagem em dois circuitos e quatro sujeitos no processo de produção e interpretação. Serão dois os circuitos: externo, o material psicosocial, onde estão os seres empíricos: sujeito comunicante (EUC) e sujeito interpretante (TUi); e o interno, o material verbal, onde estão os seres de palavra: o sujeito enunciador (EUE) e o sujeito destinatário (TUD).

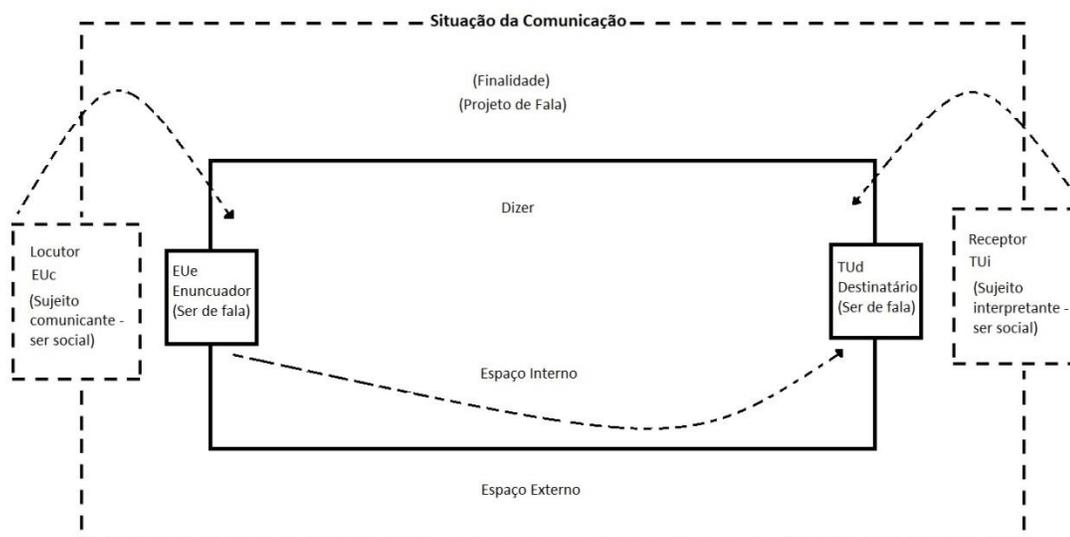


FIGURA 1 – Constituição do ato de Linguagem em Charaudeau (2008).

O sujeito comunicante responsável pelo processo de produção projeta dois outros indivíduos no e pelo discurso: EUE, imagem do enunciador construída pelo produtor da fala, que demonstra suas intenções, e o TUD, seria o destinatário ideal, uma imagem do TUi. Por sua vez, o TUi é condutor do processo de interpretação, que resulta em uma imagem do EUE, independente da construída pelo EUC.

Para a nossa análise, não utilizaremos todos os quadros e ângulos possíveis pela Semiologia, pois se trata de uma teoria ampla, mas flexível, que permite recortes e aplicação de acordo com o *corpus* trabalhado. O que nos interessa, como exposto nas últimas linhas, é como a Semiologia concebe o discurso. Por isso, utilizamos a noção de contrato de comunicação com mais profundidade, mas não contemplamos outras questões, como os modos

de organização do discurso, por entender que os operadores acionados já nos levam ao objetivo maior, que são as imagens no discurso (*ethos*). Com o auxílio dos estudos de Charaudeau, caminharemos por um percurso que considera duas ferramentas analíticas: imaginários sociodiscursivos e efeito patêmico. Como já foi exposto anteriormente, à Semiologia podem-se agregar outros conceitos. Trabalharemos também com a categoria de subjetivemas, em especial os axiológicos e os afetivos.

### 2.2.1 Narrativas de vida e Semiologia

As entrevistas dos torcedores organizados da Máfia Azul apresentadas como *corpus* nesta dissertação são consideradas narrativas de vida, gênero esse estudado, em especial, nas Ciências Sociais. Essas narrativas são envolvidas por ideologias, práticas culturais que expressam os sujeitos de mundo que mobilizam o discurso. Para trabalhar a relação das narrativas de vida com a Semiologia, seguiremos um percurso já pavimentado pela professora Ida Lúcia Machado, da UFMG, uma das pioneiras nessa relação entre a Análise do Discurso e as Narrativas de Vida no Brasil.

Machado (2013) explica que se interessou pelas narrativas de vida quando conheceu o livro *Storytelling*, do pesquisador francês Christian Salmon, no qual ele descreve os encantos e perigos de saber contar uma história de vida. Salmon explicita que as narrativas vêm sendo utilizadas como estratégia de argumentação, para seduzir e convencer o interlocutor. Em muitos casos, as narrativas são inseridas em um contexto não esperado para tocar e ganhar a atenção, seja do eleitor, no meio político, seja do consumidor, na propaganda. Foi assim que Machado começou seus trabalhos investigando o funcionamento das narrativas de vida como estratégia argumentativa no discurso político do ex-presidente do Brasil Luiz Inácio Lula da Silva.

Outra inspiração para Machado (2009, 2011, 2012, 2013) é a metodologia de estudo *Les récits de vie*, de Bertaux (1997). O *récit de vie*, relato de vida, é um gênero das Ciências Sociais, com terreno fértil nas Ciências da Linguagem, que tem por objetivo o estudo de um relato de fragmento da realidade sócio-histórica de um grupo de um mesmo universo social. O *corpus*, então, é a narrativa orientada que se desenvolve pela experiência da vida. Essa forma de análise foi adaptada pela professora mineira à Análise do Discurso.

O método de Bertaux (1997), ressignificado por Machado, se encaixa e se aproxima da Análise do Discurso. A pesquisadora Aline Carvalho (2016), que aprofundou nas leituras das obras de Machado (2009, 2011, 2014, 2016), Bertaux (1997) e Charaudeau (1983), fazendo uma aproximação entre o *récit de vie* e a Semiolinguística, chegou à conclusão que ambas possuem o mesmo objeto de estudo, o discurso, e compartilham da ideia de interdisciplinaridade focalizada, promovendo o encontro de diferentes disciplinas e gerando uma “miscigenação” de perspectivas teóricas, sem perder o rigor de análise.

Para melhor entendimento, a interdisciplinaridade focalizada seria então:

(...) um estado de espírito que engendra uma abordagem que procura manter, ao mesmo tempo, o múltiplo pertencimento disciplinar dos fenômenos sociais (interdisciplinaridade) e o rigor de uma disciplina (focalizada). (CHARAUDEAU, 2013, p. 47).

Feita essa explicação, pinçamos um trecho explicativo de Machado (2014) sobre o motivo de se trabalhar as narrativas de vida dentro da Semiolinguística:

A primeira [razão] é por acreditar que o sintagma “narrativa de vida” se enquadra bem com a Análise do Discurso (AD) e, em particular, com uma teoria de AD que muito apreciamos — a Semiolinguística, de Patrick Charaudeau. Como já dito (MACHADO, 2010) trata-se de uma teoria compósita que foi construída tendo por base principal conceitos da linguística discursiva, mas que também se abriu a outros, vindos de universos de saber tais como a Sociologia, a Antropologia, a Etnologia, a Psicologia social. Assim, narrativa de vida se encaixa mais às análises, ações e considerações de alguns analistas do discurso, já que o sintagma se refere a uma teoria que busca desvelar ou realizar pesquisas sobre o discurso, objeto multifacetado e estudado em tantas outras frentes de pesquisa tais como as supracitadas e também a Literatura, a História, a Psicanálise, etc. (MACHADO, 2014, p. 1132).

Com esse posicionamento de Machado (2014), podemos considerar que o ponto de partida está no fato de as narrativas de vida serem atos de linguagem inseridos em contextos sociais específicos, uma das condições da Semiolinguística. Ao se narrar uma vida ou episódios dela, revelam-se o momento histórico e as circunstâncias nas quais o sujeito está inserido, além do mundo de sentidos embutidos nos relatos. Ainda sob esse viés da Semiolinguística, as narrativas de vida também são compostas por silenciamentos e implícitos. Assim, cabe ao analista descortinar, jogar luz no que está escondido, não se contentar apenas com o que é posto e buscar uma possível “essência” do discurso.

Levando-se em consideração os estudos de Machado, articularemos, aqui, uma categoria de análise que nos parece dialogar com nosso *corpus* e objetivos propostos. No artigo “*Nos Bastidores da Narrativa de Vida e Análise do Discurso*”, de 2016, a pesquisadora mineira considera o conceito de imaginários como uma das formas de se observar as narrativas de vida. Nesse artigo citado, a autora aproxima os imaginários do *habitus* bourdieusiano, uma espécie de “bússola social” que fornece aos indivíduos estruturas mentais que lhes guiarão para agir desta ou daquela forma. A autora explica que os dois conceitos se aproximam: “No âmbito da análise do discurso, Charaudeau fornece uma explicação bem clara, ligada aos imaginários sociais, que, acreditamos, pode ser também uma outra forma de se ver o *habitus* bourdieusiano” (MACHADO, 2016, p. 126). Até por serem conceitos tão próximos, optamos apenas pelos imaginários sociodiscursivos de Charaudeau.

Para explicar o uso dos imaginários na análise de narrativas de vida, Machado (2016) primeiro aborda a relação entre narrativas e memória. Nesse caso, o relato, necessariamente, precisa mergulhar no passado. Assim, a memória seria um espaço no qual fica armazenado um conjunto de vozes, que é construído nas experiências vividas pelo indivíduo ou absorvidas através de constructos sociais. Essas informações, no momento da enunciação, são refletidas nas palavras dos narradores em forma de imaginários sociodiscursivos, conceito trabalhado por Charaudeau, explicado em detalhes mais adiante.

### **2.3 A reconstrução da vida e a identidade**

Segundo o filósofo e historiador François Dosse (2009), o gênero narrativa de vida começa a se desenvolver no século V a.C com as narrativas da vida de Sócrates. Em um primeiro momento, as biografias eram dedicadas apenas àqueles que representavam valores para as carreiras do exército, da política e da magistratura. Isócrates e Xenofonte são considerados os pioneiros no gênero, com obras que relatavam apenas a vida pública de seus personagens, preterindo a privada. Os relatos demonstravam as virtudes do sujeito biografado, com um ideal moralizante, promovendo um distanciamento da História.

Esse gênero, por muito tempo, esteve ligado à ideia de reprodução de modelos para educar e transmitir os valores sociais entendidos como virtuosos para aquela comunidade. Por isso, muitas vezes, as falhas e fraquezas dos indivíduos representados eram escondidas. Na Antiguidade, havia um interesse maior em destacar os nobres homens da guerra e da política. Já

na Idade Média, por sua vez, ocorre o apogeu das trajetórias de vida de personagens religiosos, testemunho do sagrado e da superação. Em geral, a narrativa de vida estava à serviço da difusão de heróis.

Com o Iluminismo, a figura do herói, então considerado um semideus, passa por uma resignificação e se torna um “‘simples personagem’ de uma narrativa” (DOSSE, 2009, p. 161). Os grandes homens de diferentes áreas, seja ele atleta, padre, defensor da pátria, ganham visibilidade social e se tornam as referências sociais. Dosse (2009) explica que, no século XX, com a separação entre História e Literatura, a narrativa de vida passam a ser considerada um gênero menor. Há, também, uma diminuição do interesse pela individualidade. As narrativas passam a ser modais, ou sociais, refletindo sobre a coletividade, o indivíduo deve demonstrar algo importante do contexto social para que sua história tenha valor biográfico.

Superando esse momento de maior influência do marxismo e do estruturalismo, o indivíduo volta ao centro das narrativas de vida em busca da singularidade e das pluralidades identitárias. Há, nos dias de hoje, um *boom* das vidas narradas em livros, filmes e imprensa, além de sites e redes sociais, espaço no qual a vida é contada a cada instante, com vídeos, fotos, *gifs* e *memes*.

Feito esse percurso histórico, identificaremos, agora, vários campos de estudo que abordam a temática da narrativa de vida e a relação íntima dela com a construção da identidade. Na Psicologia, Legrand (*apud* BURRICK, 2010, p. 9) explica que a narrativa de vida é “[...] a narração ou narrativa, escrita ou oral, realizada pela pessoa ela mesma de sua própria vida ou de fragmentos desta” (BURRICK *apud* LEGRAND, 2010, p.9). A narrativa de vida surge como uma mediação entre a vida – experiências vivenciadas – e a história de vida, que seria seleção de momentos após análise, reflexão e atribuição de sentido ao vivido por parte do sujeito.

Na Sociologia, a narrativa de vida está relacionada ao ato de contar uma experiência de vida, segundo define Bertaux (1997). De acordo com o autor, no momento da narração, o sujeito constrói uma história muitas vezes diferente da vivida, buscando justificar ações e acontecimentos, criando uma linearidade que não pertence ao vivido. Essa organização é chamada de “ideologia biográfica”: “é este fenômeno de reconstrução a posteriori de uma coerência, de ajuste da trajetória biográfica que eu chamo de ‘ideologia biográfica’ (BERTAUX, 1997, p. 34). O autor reforça que, mesmo que o sujeito altere ou omita fatos, a fidelidade do ocorrido está instalada em um núcleo estável.

Esse entendimento é compartilhado por outros autores. Para Kaufmann (2004), se muitas vezes as narrativas de vida não expressam com fidelidade a realidade vivida, não é por falha do sujeito, mas sim por uma seleção de eventos naturais. Mas, segundo Kaufmann (2004), mais importante que o conteúdo, é a identidade projetada: a identidade tomada num sentido mais aberto e dinâmico é uma forma que se impõe progressivamente: a narrativa. A identidade é a história de si que cada um se narra” (KAUFMANN, 2004, p. 151).

A identidade, segundo o filósofo Paul Ricoeur referenciado por Arfuch (2010), tem o sentido prático que responde a seguinte pergunta: “Quem fez tal ação, quem é o autor?” (RICOEUR *apud* ARFUCH, 2010, p.10). A resposta só pode ser narrativa no sentido de contar a história de uma vida. Esse autor trabalha dois tipos de identidade: a identidade como mesmidade (*idem*) e a identidade como ipseidade (*ipse*). A primeira é uma identidade estética, atemporal e abstrata; a segunda é dinâmica e temporal. A identidade, então, seria o resultado da oscilação entre os dois polos.

Ricoeur, ainda segundo Arfuch (2010), acredita que a narração de uma vida se configura na instância mediadora do processo entre a experiência temporal e a consciência histórica. O filósofo francês, portanto, remete a uma ancoragem imaginária para balizar os relatos:

Como falar de uma vida humana como de uma história em estado nascente se não há experiência que não esteja mediada por sistemas simbólicos, entre eles, os relatos, se não temos nenhuma possibilidade de acesso aos dramas temporais da existência fora das histórias contadas a esse respeito por outros ou por nós mesmos? (RICOEUR *apud* ARFUCH, 2010, p. 112).

A noção de identidade narrativa também é trabalhada pela professora da Universidad de Buenos Aires (UBA) Leonor Arfuch (2010), que estuda, de forma multidisciplinar, o espaço biográfico, tendo em vista a importância que o tema ganhou em uma sociedade na qual a subjetividade se tornou um traço constitutivo e permanente, haja visto a constante exibição da intimidade em espaços públicos.

Arfuch (2010) coloca a narração como uma forma de estruturação da vida e, consequentemente, da identidade, sendo também expressão da interioridade e afirmação de si mesmo. Assim como outros pesquisadores, a autora argentina evidencia o desencontro identitário entre a experiência de vida e a vida relatada. Apesar do próprio nome daquele que constrói a história, da coincidência “empírica”, o narrador é outro, diferente daquele que viveu o ocorrido. “(...) Como se reconhecer nessa história, assumir faltas, se responsabilizar por essa outridade?”,

questiona Arfuch (2010, p. 54). Há, neste caso, um desdobramento do sujeito, permitindo-se, assim, analisar uma construção imaginária de si, passado do que era ao que chegou.

Arfuch (2010) entende que o vaivém entre o tempo da narração, o tempo da vida e a experiência permite observar uma lógica das ações com atos éticos, por exemplo, a noção de “vida boa” aristotélica. Esses efeitos avaliativos são indissociáveis da posição enunciativa, com a ligação espaço-temporal e afetiva de quem conta uma história. A autora ainda reforça a identidade como um espaço da diferença, no qual se ressignifica, constantemente, a instância do autorreconhecimento: “a concepção contemporânea da identidade, ou melhor, das identidades, contingentes e transitórias, não suscetíveis de representar uma totalidade essencial nem de se fixar numa soma de atributos predefinidos e diferenciais” (ARFUCH, 2010, p. 189). A essa vivência fragmentária das identidades, há uma tentativa de impor uma ordem considerando a concepção de valor biográfico do filósofo Mikhail Bakhtin - que seria, de forma resumida, a maneira de compreensão e expressão da vida.

Ainda se valendo da inspiração do filósofo russo, Arfuch (2010) trabalha a noção da outridade na linguagem nas narrações de vida, ponto importante para o estudo discursivo. Nesse caso, os relatos se sustentam em uma complexa rede de saberes e experiências compartilhadas socialmente, na qual é possível encontrar vários posicionamentos subjacentes ao sujeito enunciador: “além disso, há outras vozes que habitam nossa voz, a da tradição, da cultura, do senso comum: valorações crenças verdades aceitas que assumimos como “próprias”, imprimindo-lhes o selo de nossa afetividade” (p.184)

A identidade narrativa também é ressaltada nas pesquisas de Machado (2016), que indica a construção identitária no momento em que o sujeito recorre às lembranças e resgata uma vida pregressa que se reconfigura por meio de palavras:

Rememorar sua vida e relatá-la, pode ser visto como um meio que o ser humano tem para tentar remediar tensões entre uma parte de sua identidade da qual ele não gosta e outras, mais apreciáveis. Em resumo, a narrativa de vida permite que o sujeito-narrador efetue um trabalho de reconstrução/recomposição de sua identidade. (MACHADO, 2016, p.128).

## **2.4 Imagens de si projetadas no discurso**

A análise será ancorada no conceito do *ethos* discursivo, termo esse que designa a releitura de um conceito aristotélico, recuperado e ampliado pela Análise do Discurso. Em todo e

qualquer enunciação, o sujeito projeta imagens de si que auxiliam na tentativa de convencimento do interlocutor. Apresentaremos esse conceito baseado nos estudos de Dominique Maingueneau (2008) e Ruth Amossy (2005), que se complementam.

Na Retórica pré-aristotélica, em especial na concepção de Isócrates (436-338 a.C.), advogado e orador, o *ethos* é um conceito extradiscursivo, ligado à autoridade pessoal do orador, sua reputação, seu modo de vida, suas relações de amizade e sua família, entre outros: “na arte oratória romana, inspirada mais em Isócrates [...] o *ethos* pertence à esfera do caráter” (AMOSSY, 2005, p.17).

Aristóteles, contudo, rompe com a relação entre *ethos* e a vida pública do orador, propondo entender esse conceito como uma técnica da oratória de se buscar a persuasão do auditório. Para a retórica aristotélica, a imagem criada pelo orador está relacionada à sua enunciação, não ao conhecimento extradiscursivo que se possa ter a respeito dele.

Persuade-se pelo caráter [*ethos*] quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé. Pois acreditamos mais e bem mais depressa em pessoas honestas, em todas as coisas em geral, mas sobretudo nas de que não há conhecimento exato e que deixam margem para dúvida. É, porém, necessário que esta confiança seja resultado do discurso e não de uma opinião prévia sobre o caráter do orador, pois não se deve considerar sem importância para a persuasão a probidade do que fala, como aliás alguns autores desta artepropõem, mas quase se poderia dizer que o caráter [*ethos*] é o principal meio de persuasão. (ARISTÓTELES, 1998, p.49).

Segundo Aristóteles, o *ethos* é uma das três formas de persuasão. Além dele, há outros dois conceitos importantes: *pathos* (usar de modo racional o apelo sentimental em busca de conquistar o auditório) e *logos* (razão persuasiva do discurso). Em relação ao *pathos*, nos estenderemos mais no próximo capítulo.

Para construir uma imagem positiva, o orador, então, pode empregar três características do *ethos*: a *phrônesis* (prudência, bom senso, ponderação, sabedoria, razão prática), a *areté* (virtude, sinceridade, caráter, justiça, coragem) e a *eunóia* (benevolência, solidariedade, disposição ativa). Cada uma dessas qualidades, segundo Aristóteles, será empregada de acordo com a situação que se expressa, sempre com o intuito de obter credibilidade perante ao auditório.

Na atualidade, o *ethos*, segundo Dominique Maingueneau (2008), ganhou reconhecimento em estudos de diversas áreas (Semântica, Pragmática, Nova Retórica, Argumentação, Análise do Discurso, entre outras), sendo tratado por outros ângulos, uma vez que, com Aristóteles, estava localizado apenas na argumentação pública.

A retórica tradicional ligou estreitamente o *ethos* à eloquência, à oralidade em situação de fala pública (assembleia, tribunal...), mas cremos que, em vez de reservá-la para a oralidade, solene ou não, é preferível alargar seu alcance, abarcando todo tipo de texto, tanto os orais como os escritos. (MAINGUENEAU, 2008, p.17).

Segundo Maingueneau (2008), a noção de *ethos* na Análise do Discurso é de fácil entendimento, mas de difícil cunho teórico: “a ideia de que, ao falar, um locutor ativa em seus destinatários uma certa representação de si mesmo, procurando controlá-la, é particularmente simples, e até trivial.” (MAINGUENEAU, 2008, p. 12).

De início, Maingueneau (2008) faz três considerações básicas sobre o *ethos* discursivo:

- 1 - Uma noção discursiva que se constrói por meio do discurso, não sendo uma “imagem” do locutor exterior à sua fala;
- 2 - É fundamentalmente um processo interativo de influência com e sobre o outro;
- 3 - Noção híbrida (sociodiscursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação.

Nessa perspectiva, a imagem de si é um fenômeno que se constrói dentro da instância enunciativa e se mostra através do discurso, seja ele qual for: de um comício político a uma conversa informal entre amigos, qualquer momento em que se tome a palavra.

E quase tudo que envolve o discurso/sujeito contribui para a formação da imagem de si: tom de voz, ritmo, repertório lexical, gestos, olhar, aparência, vestimentas, comportamento. Para Maingueneau (2008), como há um leque quase inesgotável de variáveis para se encontrar o *ethos*, o analista deve tomar uma decisão teórica se vai se dedicar apenas ao material verbal - caso do nosso trabalho - ou integrar outras emissões semióticas.

A formação do *ethos* não se limita apenas ao discurso. A concepção do *ethos* pré-discursivo também é uma parte do todo. O interlocutor, por conhecer ou sustentar algum tipo de informação sobre o locutor, no momento da fala, cria algum tipo de avaliação, uma imagem do locutor. O *ethos* prévio é constituído pelas representações sociais e pelos estereótipos que o interlocutor produz. Portanto, “o *ethos* se elabora, assim, por meio de uma percepção complexa, mobilizadora da afetividade do intérprete, que tira suas informações do material linguístico e do ambiente” (MAINGUENEAU, 2008, p. 8)

Para uma compreensão global do *ethos* discursivo, Maingueneau (2008) fez um esquema de visualização das instâncias. Fazem parte desse arranjo:

- (i) – o *ethos* pré-discursivo (posição extradiscursiva);
  - (ii) – o *ethos* discursivo (dividido entre *ethos* dito e *ethos* mostrado);
  - (iii) – os estereótipos sociais ligados aos mundos éticos (a imagem discursiva é ancorada em estereótipos, representações sociais de determinada cultura, que determinam, de forma superficial, a apresentação de si);
- O *ethos* efetivo resulta da interação dessas diversas instâncias.

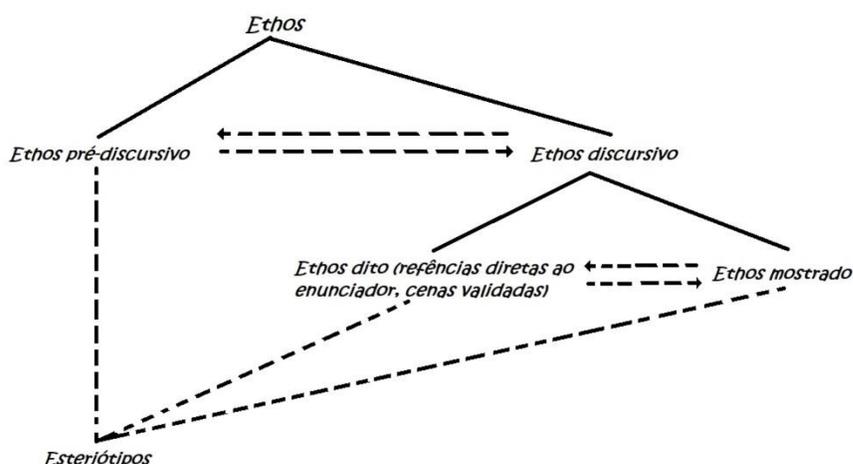


FIGURA 2 – Constituição do *ethos* discursivo em Maingueneau (2008).

Mas nem sempre a imagem que o orador quer criar de si é de fato assimilada pelo auditório. Isso porque o *ethos* visado não é necessariamente o *ethos* produzido. Maingueneau (2008) cita alguns exemplos: um professor que queira passar uma imagem de sério pode ser percebido como monótono; um político que queira suscitar a imagem de um indivíduo aberto e simpático pode ser percebido como um demagogo. Assim, “os fracassos em matéria de *ethos* são moeda corrente” (MAINGUENEAU, 2008, p. 16).

Como já ficou explicitado nos parágrafos anteriores, diferentemente dos estudos de *ethos* na Retórica, a perspectiva de Maingueneau (2008) ultrapassa o domínio da argumentação na fala pública e busca analisar o processo de adesão dos sujeitos nos textos orais ou escritos, alargando o seu alcance e defendendo que essa noção permite corpo e discurso.

Todo texto escrito, mesmo que o negue, tem uma “vocalidade” que pode se manifestar numa multiplicidade de “tons”, estando eles, por sua vez, associados a uma caracterização do corpo do enunciador (e, bem entendido, não do corpo do locutor extradiscursivo), a um “fiador”, construído pelo destinatário a partir de índices liberados na enunciação. O termo “tom” tem a vantagem de valer tanto para o escrito quanto para o oral. (MAINGUENEAU, 2008, p.17-18).

Maingueneau (2008) trabalha com o *ethos* de forma encarnada, recobrando não apenas o verbal, mas determinações físicas (corporalidade) e psíquicas (caráter) ligadas ao fiador por meio de estereótipos. O caráter, que é diferente da noção Retórica, corresponde a um feixe de traços psicológicos, e a “corporalidade” está associada a uma compleição física e a uma maneira de vestir-se.

Para que todas essas interpretações sejam processadas, o interlocutor utiliza uma espécie de guia social, denominado de mundo ético por Maingueneau (2008). O mundo ético se vale de representações sociais escoradas em estereótipos que o discurso ajuda a endossar ou transformar, com exemplo: velho sábio (filmes que demonstram um ancião com a experiência e grande conhecimento do mundo), jovem executivo dinâmico (propagandas com empresários que têm tempo para cuidar dos negócios, fazer exercícios e curtir a família) e mocinha romântica (garotas de romances que se apaixonam e demonstram todo sentimentalismo).

Maingueneau (2008) explica essa incorporação do *ethos* pelo interlocutor sob três registros:

- 1 – a enunciação da obra confere uma “corporalidade” ao fiador, ela lhe dá corpo;
- 2 – o destinatário incorpora, assimila um conjunto de esquemas que correspondem a uma maneira específica de se remeter ao mundo habitando seu próprio corpo;
- 3 – essas duas primeiras incorporações permitem a constituição de um corpo da comunidade imaginária dos que aderem ao mesmo discurso.

Outro autor de relevância no estudo do *ethos* é Ruth Amossy, cujas obras sinalizam a importância dos aspectos culturais, sociais, com ênfase na história discursiva do enunciador e nas representações a ele relacionadas.

As pesquisas de Amossy (2005) têm grande aceitação na Análise do Discurso no Brasil, em especial em Minas Gerais, onde ministrou a disciplina *L'argumentation dans le discours: l'éthos*, no programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem, na UFMG, em 2007<sup>36</sup>.

Segundo a autora francesa, o discurso tem que se apoiar em crenças compartilhadas pelo auditório para que a estratégia proposta de convencimento surta efeito, conquistando, assim, maior aceitação. O *ethos*, nesse caso, tem que buscar se encaixar nas expectativas criadas. Caso o sujeito enuncie valores não aceitáveis por quem escuta, a rejeição aumentará consideravelmente, afastando o efeito visado do efeito produzido.

Para Amossy (2005), a imagem no discurso é construída a partir das escolhas do locutor (linguística, tom) e do *ethos* prévio, composto pelas representações coletivas e pelos elementos *doxos* (posição social, papel social, estereótipos). A autora utiliza o termo *doxa*, com inspiração na Grécia Antiga e, de modo geral, o conceitua como sendo concepções cristalizadas construídas nas interações humanas cotidianas, como lugares comuns, clichês e estereótipos. “É mediante um trabalho sobre a *doxa* que o orador tenta fazer seu interlocutor partilhar seus pontos de vista. [...]”. (AMOSSY, 2005, p. 123).

A abordagem proposta nesse trabalho se funda em um estudo da enunciação que considera que a instância do locutor compreende: a posição assumida de forma implícita pelo ser empírico no campo; a imagem pré-existente do locutor ou *ethos* prévio (pré-discursivo); a imagem construída no discurso ou *ethos* propriamente dito. Ao trabalhar com estereótipo, isto é, com esquemas coletivos e representações sociais que pertençam à *doxa*, o *ethos* se torna sócio-histórico. (AMOSSY, 2005, 142).

Importante ressaltar que o *ethos*, de acordo com Amossy, está relacionado às perspectivas interacional e institucional, sendo próprio ao sujeito comunicante, ligado à sua história, e também se formando no momento em que ocorre a enunciação, integrando um duplo movimento.

O *ethos* dos pragmáticos, na linha de Aristóteles, constrói-se na interação verbal e é puramente interno ao discurso, enquanto o dos sociólogos se inscreve em uma troca simbólica regada por mecanismos e por posições institucionais exteriores. (AMOSSY, 2005, p. 22).

Amossy (2005) salienta que a imagem de si também se apresenta como materialidade linguística e está relacionada às marcas da enunciação. Por isso, a autora retoma as noções de

<sup>36</sup> Essa informação foi retirada da tese *Marcação e Destituição de Identidade Político-Discursiva em Ensaio de Intelectuais de Esquerda: Valores, Imaginários e a Projeção de Auto e Hetero-imagens*, do pesquisador Cláudio Humberto Lessa (FALE/UFMG).

enunciação do linguista francês Émeli Benveniste. Ao se basear nos estudos de Benveniste, Amossy (2005) comenta que, ao colocar a língua em funcionamento, o sujeito inscreve sua subjetividade. Para consolidar esse conceito, trabalharemos também com as marcas linguísticas, mais precisamente os subjetivemas, conforme Kerbrat-Orecchioni (1997).

## 2.5 Imaginários sociodiscursivos

A noção de imaginários sociodiscursivos será fundamental para a análise do *ethos*. Por meio dos imaginários, teremos acesso aos tipos de saberes mobilizados pelos torcedores organizados da Máfia Azul, desvendando o mundo desses sujeitos.

Antes de detalhar conceitualmente o termo, Charaudeau (2007) explica o porquê de não usar como método os estereótipos. O autor francês reconhece essa noção como importante elo social (função identitária), uma vez que as ideias repetidas terminam por sedimentar pela recorrência e auxiliariam a difusão do conhecimento.

Contudo, como alerta Charaudeau (2007), os estereótipos também descrevem de forma simplificadora e generalizante, abrindo espaço para preconceitos e falsas verdades. Por causa disso, carregam traços de suspeita da veracidade do que é dito, inviabilizando o uso conceitual do termo para o estudo do discurso em profundidade.

Isso posto, Charaudeau (2007) prefere a utilização do termo imaginários sociodiscursivos, baseado no sentido antropológico, que é distinto ao sentido usual de “ser aquilo que existe só na imaginação, que não tem realidade” (p. 8).

O autor explica o conceito de imaginário sociodiscursivo na seguinte passagem:

*[...] un mode d'appréhension du monde qui naît dans la mécanique des représentations sociales, laquelle, on l'a dit, construit de la signification sur les objets du monde, les phénomènes qui s'y produisent, les êtres humains et leurs comportements, transformant la réalité en réel signifiant.* (CHARAUDEAU, 2007, p. 53)<sup>37</sup>.

Logo, os imaginários são uma representação da realidade, imagens que interpretam os acontecimentos da vida, transformando-os em um universo de significações. Assim, os imaginários dão sentido ao mundo como conhecemos. Eles são resultado da atividade de

---

<sup>37</sup> “[...] modo de apreensão do mundo que nasce “na mecânica das representações sociais, que, como o dissemos, constrói a significação dos objetos do mundo, os fenômenos que são aí produzidos, os seres humanos e seus comportamentos, transformando a realidade em real signifiante”. Tradução de Procópio (2008).

pensamento que se propõe a explicar os fenômenos e comportamentos, levando-se em conta elementos racionais e afetivos.

Charaudeau (2007) se utiliza do termo representações sociais de Moscovici (2003), inserido na Psicologia Social do conhecimento para desenvolver a ideia de imaginários sociodiscursivos. Em uma breve explicação, as representações sociais se apresentam como um modo de conhecimento do mundo socialmente partilhado por meio da interação e da comunicação. O maior objetivo das representações é familiarizar o não-familiar, trazer as teorizações abstratas ao universo consensual, formado pelo senso comum. Então, o homem, para transformar o mundo empírico em mundo de significado, vale-se das representações sociais, mecanismos pelos quais os imaginários são produzidos.

Segundo Charaudeau (2007), os imaginários são considerados sociodiscursivos porque são necessariamente transmitidos e sedimentados por meio de discursos narrativos e argumentativos. Assim, os imaginários sociodiscursivos, engendrados pelo discurso, circulam dentro de grupos sociais, criando valores, justificando ações e se sedimentando na memória coletiva.

Importante ressaltar que um mesmo imaginário pode estar ligado a valores negativos ou positivos, dependendo do grupo social em que se está inserido. O imaginário da tradição, exemplifica Charaudeau (2007), pode ser interpretado de maneira positiva quando inserido no domínio da religião, e negativo, quando o assunto for tecnologia.

A construção dos imaginários sociodiscursivos está ligada a dois tipos de saberes: os saberes de conhecimento, que buscam uma verdade fora da subjetividade do sujeito; e os saberes de crença, que estabelecem um conhecimento do mundo construído a partir de avaliações, apreciações e julgamentos dos sujeitos. Logo de início, já é possível identificar uma grande distinção entre os tipos de saberes: a relação entre sujeito e mundo.

No saber de conhecimento, o mundo se sobrepõe ao homem e a busca pelo argumento se dá pela experiência ou pela comprovação científica. O sujeito é neutro e desprovido de subjetividade. Segundo Charaudeau (2007), o processo de construção do saber de conhecimento se dá por duas formas:

- 1 - Saber Científico: explicações do mundo que se baseiam nos procedimentos de observação, experimento e cálculo. Por isso, este saber é da ordem do provado,

podendo ser reproduzido por qualquer outro nas mesmas condições com mesmo resultado. As teorias científicas são um exemplo desse tipo de saber. Elas se caracterizam por um discurso fechado e aberto ao mesmo tempo. Estão fechadas em um núcleo de certezas com base em princípios, mas sempre aberta a refutações e ao contraditório.

2 - Saber de Experiência: o conhecimento é construído a partir da experiência pessoal, mas sem nenhuma garantia de comprovação científica. É do domínio do universalmente experienciado, sem nenhum tipo de sistematização teórica. É sustentado em discurso de causalidade natural.

Por sua vez, nos saberes de crença, o homem se sobrepõe ao mundo, construindo raciocínios a partir julgamentos subjetivos que não podem ser comprovados. Esses saberes são utilizados por adesão – saberes de revelação – ou por apropriação – saberes de opinião. São eles:

1 - Saber de Revelação: uma verdade exterior ao sujeito que exige um movimento de adesão total, uma vez que não pode ser comprovada. A justificativa desse tipo de conhecimento está em textos sagrados ou de referência absoluta que testemunhem essa verdade. As doutrinas, religiosas ou profanas, e ideologias expõem esse tipo de saber. Apresentam caráter fechado, refutando a contradição, e se estabelecem como dogmas.

2 - Saber de Opinião: nasce da tomada de posição dos sujeitos sobre os fatos do mundo. Os julgamentos ocorrem pela lógica do necessário, do provável, do verossímil etc. Configura-se como saber pessoal (trata-se de um julgamento individual) e social (faz uso dos saberes circulantes nos grupos sociais), na esteira do discutível, já que se trata de um ponto de vista que pode ser contraditório. Os saberes de opinião são divididos em três:

a - Opinião comum: trata-se de um julgamento que contém o escopo generalizante e é amplamente partilhado socialmente, casos de enunciados de valor geral, provérbios e ditados;

b - Opinião relativa: trata-se de uma opinião circunstancial e relativa à situação e ao grupo na qual é emitida. Está sempre presente em um espaço de discussão e se coloca em choque com outras posições;

c - Opinião coletiva: trata-se do julgamento que um grupo faz de outro, em busca de atribuir um valor identitário. Consiste em classificar o outro grupo, encaixando-o em categorias, definindo-o.

Segundo Charaudeau (2007), cabe ao analista do discurso identificar como surgem os imaginários, em quais situações se inscrevem e que visão de mundo testemunham. Procurar entender, por meio dos saberes que fundamentam discursos circulantes e servem como base para criação de imaginários, as características identitárias desses grupos.

## **2.6 Efeito patêmico**

Os efeitos estão relacionados às estratégias discursivas utilizadas pelo sujeito comunicante para influenciar o sujeito interpretante. Os efeitos patêmicos foram escolhidos para compor a arcabouço teórico porque as torcidas organizadas são reconhecidas pela passionalidade que carregam. Então, tentar compreender as emoções presentes no discurso da Máfia Azul se faz necessário para, posteriormente, chegar ao *ethos*.

O efeito patêmico, a partir de Charaudeau (2010), tem inspiração no *pathos*, termo que tem origem na Retórica Clássica. Segundo a obra *Encyclopedia of Rhetoric* (2001), do pesquisador Thomas Sloane, da Universidade de Califórnia, antes da obra aristotélica, o fenômeno da emoção era entendido por diversos nomes: afeto, sentimento, paixão. Foi justamente Aristóteles quem propôs a mais completa análise sobre o *pathos* na Grécia Antiga, cujo legado continua ardente nos estudos de diversas áreas.

A análise de Aristóteles está associada ao modo como a sociedade grega tratava a argumentação pública naquele momento. Na *Retórica*, o filósofo sistematizou o conceito levando-se em conta os três gêneros retóricos: o deliberativo (que procura persuadir ou dissuadir), o judiciário (que acusa ou defende) e o epidítico (que elogia ou censura).

Aristóteles identifica 16 *pathés*<sup>38</sup>, sendo pares contrastivos: raiva e calma; amizade e aversão; medo e confiança; vergonha e cinismo; gratidão e ingratidão; inveja e emulação; satisfação e desgosto; e raiva e altivez.

Apenas para registro e comprovação da relevância do estudo da emoção, citaremos outros importantes teóricos que trabalharam o conceito após Aristóteles. O termo está presente, segundo Sloane (2001), na tradição Retórica Latina de Cícero (106-43 a.C.) e Quintiliano (35-95 d.C.). Contribuições também podem ser observadas nas obras dos teólogos cristãos Santo Agostinho (354-430 d.C.) e São Tomás de Aquino (1225-1274).

Na Análise do Discurso, a influência de Charaudeau (2010) se sobressai. O autor citado, em um artigo de 2010, faz uma circunscrição de espaço do campo de análise das emoções discursivas, distanciando-a das abordagens psicológica e sociológica.

Do ponto de vista da Psicologia das emoções, são observadas as reações sensoriais (angústia, medo, estresse...), disposições de humor ou temperamento dos indivíduos (colérico, mal humorado, apaixonado, medroso...) e reações comportamentais de outros tipos, como vergonha, orgulho, humilhação. Por sua vez, a Sociologia está voltada ao comportamento humano no jogo das normas sociais, sendo considerada interacionista. Por esse viés, as emoções são garantia de coesão entre os seres humanos, ligando-os através do sentimento de pertencimento.

Diferentemente do viés discursivo, os estudos psicológicos e sociológicos focalizam a recepção. Para Charaudeau (2010), a emoção no discurso não necessariamente garante a geração de algum tipo de sentimento, mas sim em uma tentativa de fazer aflorar estados emotivos. Logo, podemos dizer que o trabalho do analista consiste em investigar as prováveis dimensões patêmicas presentes na materialidade linguística de um texto.

A análise do discurso não pode se interessar pela emoção como uma realidade manifesta, vivenciada pelo sujeito. Ela não possui os meios metodológicos. Em contrapartida, ela pode tentar estudar o processo discursivo pelo qual a emoção pode ser estabelecida, ou seja, tratá-la como um efeito visado (ou suposto), sem nunca ter a garantia sobre o efeito produzido. Assim, a emoção é considerada fora do vivenciado, e apenas como um possível surgimento de seu sentido em um sujeito específico, em situação particular. (CHARAUDEAU, 2010, p.25).

Na perspectiva discursiva, como proposto por Charaudeau (2010), as emoções serão identificadas como quaisquer aspectos linguístico-discursivos capazes de desencadear no

---

<sup>38</sup> *Pathés* é o plural de *pathos*.

interlocutor algum tipo de reação afetiva. O pesquisador francês recupera a noção aristotélica da retórica dos efeitos, que consiste em uma tentativa de despertar paixões que façam com que o auditório compartilhe o ponto de vista do orador.

No que diz respeito à terminologia para designar as emoções, Charaudeau (2010) não trata de um termo específico, rígido. As emoções podem ser tratadas por *pathos*, sentimento, afeto, paixão, emoção. Como ele se filia à Retórica Clássica, utiliza, preferencialmente, as palavras *pathos*, patêmico e patemização.

Para o tratamento discursivo da questão, Charaudeau discute três preceitos essenciais à compreensão do que denomina de “efeito patêmico do discurso”.

1 - As emoções são de ordem intencional: não são apenas um fenômeno com origem nas pulsões irracionais do indivíduo. De acordo com o autor, antes elas possuem uma base cognitiva. A racionalidade se explica porque as emoções contêm em si uma orientação direcionada a um objeto ou a um sujeito.

2 - As emoções estão ligadas aos saberes de crença: essas emoções estão diretamente ligadas a um conjunto de crenças constituídas por valores socioculturais compartilhados. Essas crenças são saberes subjetivos que, diferentemente dos saberes de conhecimento, se manifestam a partir de ideias concebidas e difundidas dentro de determinados grupos sociais, valendo-se de impressões e escapando de uma formalidade metodológica e científica de raciocínio. No momento em que se mobiliza uma dessas redes inferenciais, o sujeito está susceptível de desencadear um estado emocional, que culminará em julgamentos de ordem psicológica ou moral.

3 - As emoções se inscrevem em uma problemática da representação, e aqui há um duplo movimento: as representações patêmicas, nas quais o sujeito se sente emocionalmente ligado a um acontecimento, como em um acidente, por exemplo, em que temos compaixão das vítimas, e as representações sociodiscursivas, que podem ser resumidas pelos saberes que circulam socialmente e que representam a maneira de ver o mundo por determinados grupos sociais.

Feita essas considerações, Charaudeau (2010) formula a sua proposta de patemização, considerada por ele uma categoria de efeito, levando-se em conta a troca comunicativa como

parte da Teoria Semiolingüística. Para o autor, o efeito patêmico depende de três tipos de condição:

i) que o discurso produzido se inscreva em um dispositivo comunicativo cujos componentes, a saber: sua finalidade e os lugares que são atribuídos previamente aos parceiros da troca, predisõem ao surgimento de efeitos patêmicos. (CHARAUDEAU, 2010).

Nesse ponto, o autor francês observa que alguns dispositivos de comunicação, por exemplo, da comunicação científica, não constroem tal efeito patêmico pela força da visada de credibilidade. Por outro lado, essa patemização ocorre na comunicação midiática, em romances, cinema e também será vista nos discursos dos torcedores organizados presentes nesta dissertação. Segundo ele, quando o dispositivo se predispõe, é porque a finalidade se encontra sob a forte dominante captadora e que os parceiros estão “envolvidos” nos saberes de crença.

ii) que o campo temático sobre o qual se apoia o dispositivo comunicativo (o propósito relativo aos acontecimentos) preveja a existência de um universo de patemização e proponha certa organização dos tópicos (imaginários sociodiscursivos) susceptíveis de produzir tal efeito. (CHARAUDEUA, 2010).

No segundo tópico, Charaudeau afirma a necessidade que os imaginários mobilizados na encenação discursiva sejam suscetíveis para que o efeito patêmico se manifeste.

iii) Que no espaço de estratégia deixado disponível pelas limitações do dispositivo comunicativo, a instância de enunciação se valha da *mise-en-scène* discursiva com visada patemizante. (CHARAUDEUA, 2010).

Nesta última parte, o autor diz que, no momento da enunciação, o sujeito deve se valer do espaço que tem entre “contrato de comunicação” (formado por uma série de cláusulas restritivas) e o “espaço de estratégia” (livre iniciativa do sujeito da enunciação), para reforçar, ampliar ou reduzir as visadas patêmicas.

Por fim, depois desse percurso teórico, os efeitos patêmicos, segundo Charaudeau, podem ser obtidos por três formas:

1 – Explícita e direta – emprega palavras que remetem a um universo emocional (“raiva”, “angústia”, “horror”, “indignação”);

2 – Implícita e indireta - palavras aparentemente neutras do ponto de vista da emoção (“assassinato”, “conspiração”, “vítimas”, “manifestação”, "assassino"), que são susceptíveis de nos levar a um universo patêmico;

3 – Há enunciados que não comportam palavras patemizantes e que, no entanto, são susceptíveis de produzir efeitos patêmicos, desde que tenhamos conhecimento da situação de enunciação.

Então, cabe ao analista pesquisar como o efeito patêmico se inscreve na encenação discursiva, observando os termos patemizantes presentes no discurso e a situação de comunicação na qual ele ocorre.

## **2.7 Subjetivemas**

Para se chegar às marcas linguísticas nos discursos dos torcedores organizados, utilizaremos o conceito de subjetivemas. Mas, antes de explicar esse operador, discorreremos brevemente sobre a subjetividade na linguagem.

O pensador russo Mikhail Bakhtin (1895-1975) se destaca nesse campo como precursor nos estudos da enunciação, cujo impulso nas últimas décadas se deu com Émile Benveniste (1988). Benveniste, que nasceu em Alepo, na Síria, mas viveu grande parte dos seus dias na França, deu grande contribuição em relação à subjetividade na linguagem, colocando o sujeito como ponto central da enunciação, pois, antes do ato de enunciar, a língua é apenas possibilidade. Para Benveniste (1988), a linguagem se trata de uma dimensão essencial e definidora da natureza humana. Segundo essa premissa, o homem se constitui em sujeito na e pela linguagem.

Seguindo esse raciocínio, o sentido do texto/discurso está condicionado ao ponto de vista do enunciador, que é identificado pelas marcas da presença, conhecidas como modalizadores ou marcas linguísticas da enunciação. Pelas marcas de modalização, então, é possível observar o direcionamento argumentativo e a identificação de pontos de vistas, fundamentais para a compreensão da discursivização dos enunciados.

Outra importante pesquisadora da enunciação é a francesa Kerbrat-Orecchioni (1997). Trabalharemos com os conceitos por ela articulados. A autora define da seguinte forma a problemática da enunciação:

Es la búsqueda de los procedimientos lingüísticos (shifters, modalizadores, términos evaluativos, etc.) con los cuales el locutor imprime su marca al enunciado, se inscribe en el mensaje (implícita o explícitamente) y se sitúa en relación a él (problema de la 'distancia enunciativa'). (KERBRAT-ORECCHINI, 1997, p.43)<sup>39</sup>.

Kerbrat-Orecchioni (1997) apresenta o conceito de subjetivemas como sendo as unidades significantes cujo significado comporta subjetividade e cuja definição semântica exige a menção de seu utilizador. Segundo a autora, o sujeito utiliza unidades semânticas e lexicais se apresentando de forma objetiva (resulta de um esforço para se 'ocultar') e subjetiva (demonstrando avaliações). São quatro os tipos de subjetivemas: os axiológicos, os não-axiológicos, os afetivos e os modalizadores.

1 – axiológicos: são, de modo geral, adjetivos ou substantivos ligados a um ato de descrição e avaliação do objeto descrito (apreciativo/depreciativo). Os julgamentos do sujeito dependem dos contextos dos usos das palavras, das intenções do falante, das tendências ideológicas. Além do mais, segundo a autora, qualquer termo neutro da língua pode adquirir um traço axiológico, que se localiza em:

- (i) sufixo que reforça valor negativo ou positivo
- (ii) no semantismo do termo utilizado
- (iii) na representação da palavra naquele momento histórico

2 – não axiológicos: são, de modo geral, adjetivos que expressam avaliação quantitativa ou qualitativa de um objeto: grande, pequeno, longo, quente, frio. Dependendo do contexto em que for empregado, em enunciados exclamativos, por exemplo, ganham traço afetivo ou axiológico.

3 – afetivos: são adjetivos que determinam uma propriedade do objeto e uma reação emocional. Alguns exemplos são as palavras alegre, triste e patético.

4 – modalizadores: representam o grau de certeza do sujeito. Está relacionado a expressões ligadas a constatação, hipótese, certeza, dúvida. Nicole Le Querler (1996), citada por Lessa (2009), classifica os modalizadores em:

- (i) epistêmicas: expressa o grau de certeza do locutor. Pode ser um verbo (saber, duvidar), advérbio modal epistêmico (talvez, provavelmente), advérbios ou locuções

---

<sup>39</sup> "É a busca dos procedimentos lingüísticos (shifters, modalizadores, termos avaliativos, etc.) com os quais o locutor imprime sua marca ao enunciado, se inscreve na mensagem (implícita e explicitamente) e se situa em relação a ele (problema da distância enunciativa)". Tradução nossa.

adverbiais aproximativas (aproximadamente, por volta de) ou marcadores morfológicos (o futuro do pretérito);

(ii) apreciativas: a aprovação é expressa pelo locutor (aprovação, indignação). Diferentes marcadores lexicais podem ser usados: advérbios (felizmente), verbos (lamentar);

(iii) intersubjetivas: o que o sujeito tenta impor ou propor (conselho, sugestão, permissão) ao interlocutor.

Kerbrat-Orecchioni (1997) ressalta que, além dessa subjetividade mais marcada elencada acima, também há uma interpretativa, já que, ao escolher uma determinada palavra e não outra, o sujeito estará enfatizando uma faceta do objeto e, ao mesmo tempo, escondendo outras.

A explicação da integração dos conceitos citados ao longo deste capítulo está presente nos procedimentos metodológicos.

## CAPÍTULO 3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### 3.1 Considerações metodológicas

Neste capítulo, apresentamos a organização dos princípios metodológicos que nortearam a análise desta dissertação. Também explicamos a escolha dos pressupostos da entrevista semiestruturada para a abordagem com os torcedores organizados, assim como o entendimento da análise qualitativa como opção adequada para se observar o *corpus*. Outro ponto destacado é a escolha da Máfia Azul, organizada eleita para compor este trabalho.

O desenho de análise considerou os seguintes operadores em busca das imagens de si, observando as estratégias discursivas: *ethos*, imaginários sociodiscursivos, efeitos patêmicos e subjetivemas. Por se tratar de narrativas de vida, não nos furtamos de considerar os traços identitários dos torcedores organizados por meio do discurso. A Teoria Semiolinguística, que aborda o discurso na interação da dimensão linguística e de certos fenômenos psicológicos, situacionais e sociais, é a sustentação teórica. Importante salientar que nos inspiramos em alguns trabalhos reconhecidos dentro da Análise do Discurso para consolidar o modelo de análise, que foi apresentado em congressos e aprovado pela revista *Mosaico*<sup>40</sup>.

### 3.2 Entrevista como técnica de coleta de dados

Para que o discurso dos torcedores organizados pudesse ser estudado, foi preciso ir a campo para coletar os dados. Como evidencia pesquisa de Lopes (2012), os torcedores organizados não são fonte de informação nem de reflexão na mídia, gerando, assim, uma dificuldade de encontrar em outro espaço a voz dos organizados: “Esses torcedores praticamente não possuem voz na mídia nem em outros lugares onde é realizado o debate público em torno das questões relativas ao futebol profissional” (LOPES, 2012, p. 318).

Como jornalista que milita na área de esportes desde 2012, também sempre tive essa sensação. Para tentar confirmar isso, fizemos uma pesquisa sobre as notícias relativas às

---

<sup>40</sup> Participamos de dois congressos: X Encontro de Programas de Pós-Graduação em Comunicação Social em Minas Gerais e I Colóquio de Análise do Discurso da Universidade Federal de Lavras (UFLA). O artigo *Imagens de si de líderes de três gerações da torcida organizada Máfia Azul no discurso sobre violência*, uma amostra da análise presente nesta dissertação, foi publicado na revista *Mosaico*, da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/issue/view/4166/showToc>>. Acesso em: 30 de jul. de 2018.

organizadas ligadas ao Cruzeiro que foram publicadas, nos últimos cinco anos (2013-2017), no site *Superesportes*<sup>41</sup>, maior portal de esportes de Minas Gerais.

Ao todo, foram encontradas 52 notícias<sup>42</sup>. Dividimos as notas em quatro grupos:

- 1 - violência e segurança: categoria com maior registro, substancialmente. Foram contabilizadas 32 notas (63,4%) ligadas aos casos de agressões, mortes, ações da Polícia Militar e do Ministério Público e uma pesquisa sobre temor da violência;
- 2 - apoio e homenagens: são nove notícias (17,3%) publicadas com ações de incentivo das torcidas organizadas ao time e homenagens aos jogadores;
- 3 - protesto e cobranças: são seis notas (11,5%) dedicadas às manifestações das organizadas de queixas e reclamações no que diz respeito ao desempenho do time, à gestão da diretoria ou outro motivo, como a morte um torcedor no estádio.
- 4 - outros: as publicações de assuntos variados, como o fim de ingressos gratuitos às torcidas organizadas se resumiram a cinco notícias (9,6%).

Feita essa diferenciação, notamos o fato de grande parte não conter o ponto de vista dos torcedores organizados. As notícias ligadas à violência trazem as informações repassadas pelas instituições de segurança e justiça, como a Polícia Militar e o Ministério Público, respectivamente.

Por outro lado, nas notas de cobrança e protesto os líderes do movimento são ouvidos. As declarações quase sempre são bem genéricas e entendemos que não possuem a capacidade de aglutinar a complexidade dos discursos dos líderes dos torcedores organizados. Diante desse cenário, que evidentemente se reflete em toda a grande mídia, fica impraticável buscar na imprensa o *corpus* para esta pesquisa. Por causa dessa dificuldade, optamos por recorrer à entrevista como técnica de coleta de dados.

Para a dissertação, escolhemos trabalhar apenas com a torcida organizada Máfia Azul. A escolha se deu pela relevância da organizada, reconhecidamente a maior ligada ao Cruzeiro, segundo Praça (2009; 2010), além de um aspecto afetivo já explicado na introdução.

---

<sup>41</sup> O site *Superesportes* foi lançado em 14 de setembro de 2000 pelo grupo Diários Associados. Primeiro portal esportivo de Minas Gerais, consolidou-se como uma das principais fontes de informação dos clubes mineiros. Disponível em: <<https://www.mg.superesportes.com.br/>>. Acesso em: 10 de fev. de 2018.

<sup>42</sup> Notícias encontradas no site *Superesportes* sobre torcidas organizadas, de 2012 a 2017. O acesso foi realizado em 02 de fevereiro de 2018 e a busca foi feita pelas palavras-chave “torcida organizada” e “Máfia Azul”.

Por meio das entrevistas, chegamos a um grande número de informações que foram cruzadas e problematizadas. Os aspectos mais consistentes e versões de acontecimentos que nos pareceram factíveis diante das amostras colhidas foram incluídos no primeiro capítulo, construindo, assim, organização da memória da torcida não encontrada com vastidão em nenhum material bibliográfico, uma vez que não há livros, documentários, matérias jornalísticas ou qualquer outro estudo acadêmico sobre a Máfia Azul que se aprofunde nos aspectos socioculturais que tentamos condensar em algumas páginas.

Antes de explicar o processo que envolveu a coleta dos dados, vamos tentar conceituar a entrevista em estudos acadêmicos. Este método surgiu no fim do século XIX, com os antropólogos Lewis Henry Morgan (1818- 1881), Franz Boas (1858-1942) e Bronislaw Malinowski (1884-1942). Inaugurado por estudiosos das áreas de Sociologia e Antropologia, as entrevistas, com o tempo, se expandiram para outras áreas do conhecimento.

Visto pela perspectiva dialógica, a entrevista consiste no processo de interação em que o sujeito entrevistador tem como objetivo obter determinadas informações por meio do relato do entrevistado. Morin (1973) explica que é necessário escolher entre dois caminhos nas entrevistas em Ciências Sociais: a pesquisa extensiva, que se dedica a seguir de forma rígida um questionário pré-estabelecido, preocupando-se com a amostragem e a representatividade dos entrevistados, e, por fim, observando os resultados de forma estatística; e a pesquisa intensiva, que aprofunda o conteúdo da comunicação em uma entrevista aberta, com respostas proliferantes que oferecem um amplo material de análise.

Na construção do *corpus* de análise deste projeto, o método utilizado foi a pesquisa intensiva. Outros autores a denominam de pesquisa qualitativa. Segundo Bogdan e Biklen (1994), especialistas na investigação qualitativa, o termo se refere às diversas estratégias de investigação que compartilham determinadas características, como explicam os autores no excerto abaixo:

Utilizamos a expressão investigação qualitativa como um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características. Os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico. As questões a investigar não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, sendo, outrossim, formuladas com o objectivo de investigar os fenómenos em toda a sua complexidade e em contexto natural. Ainda que os indivíduos que fazem investigação qualitativa possam vir a seleccionar questões específicas à medida que recolhem os dados, a abordagem à investigação não é feita com o objectivo de responder a questões prévias ou de testar hipóteses. Privilegiam, essencialmente, a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação. As causas exteriores são consideradas de importância secundária. Recolhem normalmente os dados

em função de um contacto aprofundado com os indivíduos, nos seus contextos ecológicos naturais. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 16).

A pesquisa qualitativa requer uma entrevista em profundidade e, desse modo, podemos escolher entre alguns modelos: aberta, estruturada ou semiestruturada. Optamos pela semiestruturada por entender que o diálogo com os torcedores organizados precisa de um direcionamento inicial, perpassando, obrigatoriamente, por alguns temas, mas sem se prender apenas ao questionário, deixando espaço para a expressão dos organizados de assuntos diversos.

Para realização das entrevistas, o primeiro passo foi fazer um levantamento bibliográfico para conhecer mais a fundo a temática que se pretendia abordar. Posteriormente, foi feita uma observação do fato/fenômeno para construir um entendimento mais amplo na tentativa de, em seguida, coletar as informações que só são possíveis por meio da entrevista.

Ribeiro (2008) destaca alguns aspectos deste tipo de entrevista, confirmados quando observamos a nossa pesquisa. Por meio da entrevista, foi possível identificar os valores caros aos líderes do presente e do passado da Máfia Azul, bem como as vozes que perpassam o discurso e as avaliações sobre temas tratados.

A técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores. (RIBEIRO, 2008, p.14).

Para a execução da entrevista semiestruturada, é necessário formular perguntas básicas. O roteiro serve de orientação para o entrevistador, que pode percorrer caminhos imprevistos e encontrar um novo norte de acordo com as respostas colhidas.

As perguntas redigidas no roteiro são distinguidas em quatro categorias por Triviños (1987). Adaptamos o modelo à nossa pesquisa:

- 1) perguntas denominadas consequências, por exemplo, o que significou para a Máfia Azul o processo denominado elitização do futebol?;
- 2) perguntas avaliativas, do tipo, como o senhor avalia os sucessivos casos de violência envolvendo as torcidas organizadas, em especial a Máfia Azul?;
- 3) questões hipotéticas, como se algum rival desrespeitasse a torcida organizada qual seria a conduta da Máfia Azul?;

4) perguntas categoriais, podemos classificar os organizados da Máfia Azul de que forma?

Embora um roteiro tenha sido preparado, ele foi adaptado aos diferentes diálogos com os torcedores organizados. Por isso, nenhuma pergunta idêntica foi feita aos líderes da Máfia Azul. Aproveitamos o contexto de cada entrevista, reelaborando e personalizando os questionamentos, como pode ser visto na análise. Em função dessas “mutações”, não colocamos o roteiro como anexo desta pesquisa.

De acordo com Boni e Quaresma (2005), a entrevista semiestruturada admite certa flexibilidade, pois as perguntas não precisam seguir ordem definida e outras questões podem ser formuladas durante a coleta dos dados. Esse modelo pode seguir as características de uma conversa informal, até com o objetivo de deixar o entrevistado mais à vontade, permitindo uma interação maior entre as partes e, conseqüentemente, abertura para questionamentos espinhosos e respostas sinceras e espontâneas. É importante ressaltar que o foco da entrevista é colocado sempre pelo investigador-entrevistador, em busca de moldar o *corpus* e não abrir para assuntos sem relevância à pesquisa.

A entrevista semiestruturada também tem como vantagem a elasticidade quanto a duração, podendo gerar um vasto material superando as expectativas, desde que o entrevistador consiga desempenhar com seu papel e o entrevistado também colabore. Segundo Boni e Quaresma (2005), a entrevista aberta oferece maior possibilidade de troca afetiva.

Desse modo, estes tipos de entrevista colaboram muito na investigação dos aspectos afetivos e valorativos dos informantes que determinam significados pessoais de suas atitudes e comportamentos. As respostas espontâneas dos entrevistados e a maior liberdade que estes têm podem fazer surgir questões inesperadas ao entrevistador que poderão ser de grande utilidade em sua pesquisa. (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75).

Embora, como afirma Benveniste, “nunca recuperamos nossa infância, nem o ontem tão próximo, nem o instante que fugiu instantaneamente” (BENVENISTE, 1995 *apud* ARFUCH, 2010, p. 113), a entrevista serve como farol, que ilumina o passado, revelando parte de uma certa história com o olhar de quem a viveu.

### **3.3 A seleção dos torcedores organizados**

Como critério de seleção dos sujeitos da pesquisa, estabelecemos como prioridade os líderes de gerações distintas da torcida organizada Máfia Azul. Ao todo, gravamos entrevistas com cinco ex-mandatários da torcida: Eder Toscanini, fundador da Máfia; Paulo Fonseca, um dos primeiros integrantes da Cru-Fiel Floresta; Maurício Otávio Parreira, presidente nos anos 1990; Jean Marc Gougeuil, presidente no início dos anos 2000; e Daniel Sales, diretor-geral – embora não seja o presidente, é quem fala pela organizada.

A escolha pelos líderes se justifica pelo recorte criado. Entendemos que os principais membros da organizada são referências, tendo forte ascendência sobre os outros integrantes e auxiliando, decisivamente, na construção da imagem da torcida, direcionando os rumos da instituição e construindo discursos públicos.

O fato de ter apenas homens na seleção pode causar estranheza, pois, por menor que seja, há representatividade feminina na Máfia Azul. Contudo, como nos fixamos apenas nos nomes que exerceram/exercem cargos de poder, as torcedoras não foram consideradas<sup>43</sup>. Na história da Máfia Azul, não houve nenhuma mulher com posição de destaque, por isso não há registro de liderança feminina. O ex-presidente Maurício Otávio Parreira abordou o assunto na entrevista: “É um mundo muito machista. As meninas até davam algum tipo de opinião, mas realmente a palavra final ao que elas queriam, nem sempre era atendido. É como eu disse, o mundo das organizadas é muito machista”.

Para análise, não utilizamos todas as entrevistas, pois se trata de um *corpus* extenso. Criamos uma segmentação temporal, dividindo os 40 anos da organizada em três fases: a fundação, o período central e o presente. Dessa forma, selecionamos os discursos do fundador Eder Toscanini, de Jean Marc, que integrou a organizada no momento da junção com a Cru-Fiel Floresta na década de 1980 até o fim dos anos 2000, e de Daniel Sales, um dos líderes da torcida nos dias de hoje.

Os torcedores, que ficaram a par de todo processo e assinaram o termo de consentimento para o uso do material coletado, foram sabatinados em locais escolhidos por eles para que houvesse maior liberdade e familiaridade com o espaço de entrevista, na tentativa, também, de

---

<sup>43</sup> A Máfia Azul criou o Comando Feminino, formado pelas integrantes da torcida, com o intuito de dar mais notabilidade às mulheres dentro da organizada. Apesar desse esforço, o poder decisório da Máfia Azul continua concentrado nos homens. O Comando Feminino da Máfia Azul possui página na internet. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Comando-Feminino-M%C3%A1fia-Azul-Revolu%C3%A7%C3%A3o-109311519410464/>>. Acesso em: 03 de fev. de 2018.

não causar incômodo. Descreveremos, com detalhes, todo o processo de realização das entrevistas, erros e acertos na condução e nas escolhas feitas, no capítulo de análise dos dados.

### 3.4 Modelo de análise

A investigação presente nesta dissertação transcorre pela construção teórica do *ethos* dos líderes da Máfia Azul na tentativa de se encontrar uma imagem de si que represente as três gerações.

No nível prévio, serão usadas informações sobre os torcedores organizados brasileiros de acordo com o levantamento bibliográfico realizado no primeiro capítulo. Por meio dos discursos reproduzidos socialmente, já existe um estereótipo construído a respeito desse grupo, cristalizando-se, assim, uma concepção generalista a respeito de todas as grandes organizadas do Brasil, incluindo a Máfia Azul. Esses dados serão importantes na análise do *ethos*.

Em relação aos dados externos do ato de linguagem, demonstramos como o contrato de comunicação é efetivado, evidenciado as identidades (sujeitos inseridos na conversa), finalidades (motivação que guia o diálogo), propósitos (do que se trata a conversa) e dispositivos (como ocorre o ato de comunicação). Observamos também os sujeitos inseridos no quadro situacional.

No nível discursivo, identificamos os imaginários sociodiscursivos que mobilizam os saberes presentes no discurso, observando as crenças e os mundos de sentidos dos torcedores organizados. Os imaginários sociodiscursivos são uma das ferramentas de análise mais usadas na Análise do Discurso para se chegar ao *ethos*. Observamos isso em outras pesquisas, como em Procópio (2008), no estudo das imagens de si do homem do campo nos quadrinhos de Chico Bento, em Maia (2015), na tese sobre *ethos* no discurso político, e em Lessa (2009), em pesquisa sobre identidade político-discursiva em ensaios de intelectuais de esquerda. Esses pesquisadores também se valeram de outras categorias de análise para explorar o *corpus*, não se restringindo aos imaginários sociodiscursivos. Lembramos que os imaginários também são um dos conceitos indicados por Machado (2016) para explorar as narrativas de vida.

Outras duas categorias foram escolhidas para compor esta metodologia: os efeitos patêmicos, de Charaudeau (2010), como estratégia de convencimento e os subjetivemas, de Kerbrat-Orecchioni (1997), as marcas de modalização deixadas pelos torcedores. Em relação à patemização, as torcidas organizadas são muito identificadas pelas paixões que emanam. Então,

estudar a emoção no discurso nos parece uma forma de se compreender as lideranças da Máfia Azul. Por sua vez, os subjetivemas, mais especificamente os axiológicos e afetivos, por meio da análise do aparelho formal da enunciação, foi possível observar julgamentos avaliativos dos organizados e, por consequência, a posição deles acerca dos assuntos tratados.

Então, pretende-se observar:

- (i) as valorações, crenças e verdades por meio dos imaginários discursivos;
- (ii) as visadas patêmicas (emoções) que são projetadas pelo sujeito enunciador;
- (iii) os subjetivemas presentes nestas construções discursivas (afetivos e axiológicos).

A partir da análise desses conceitos, buscamos as imagens dos torcedores organizados no discurso para compará-las, observando *ethé* em comum e indicando distinções e as similaridades entre os torcedores organizados, refletindo também sobre a identidade, algo tão presente às narrativas de vida.

### 3.5 Documentário

Por meio de uma câmera Nikon 3100 *full* HD (não foram utilizados tripé e microfone externo), foi possível dar a voz aos líderes da Máfia Azul. A gravação com recursos audiovisuais se justifica pelo desenvolvimento de um documentário, que não terá por função ser um espelho da análise apresentada aqui nesta dissertação, mas algo que complementa este estudo, por conter partes de todas as cinco entrevistas, com curiosidades e reflexões sobre as quatro décadas da organizada.

O documentário será uma forma de resgatar memórias e sentimentos, de reviver o passado, transformando as lembranças em narrativas de vida. Valorizar a memória da Máfia Azul é um dos objetivos deste filme. A memória, aliás, está longe de ser reconhecida, em especial nas instituições ligadas ao esporte mineiro, como instrumento de reflexão do passado para a construção de um novo futuro.

Segundo Ribeiro (2015), há uma ausência de políticas de arquivo: “(...) a maior parte dos registros preservados sobre a trajetória desse esporte [futebol] na cidade sobreviveu ao tempo por puro acaso” (RIBEIRO, 2015, p. 184). O mesmo se estende às organizadas, que por causa da estrutura precária, não possuem departamentos para preservar faixas, bandeiras, instrumentos e camisas, entre outros.

Mas o que é um documentário? Segundo o pesquisador Fernão Pessoa Ramos (2008), trata-se de um movimento de asserção ou preposição sobre o mundo histórico, versando sobre fatos efetivamente localizáveis em um tempo passado. Nessa definição, Ramos (2008) procura distinguir documentário e ficção. O autor ainda ressalta outras características que aumentam a distância entre um e outro:

Em sua forma de estabelecer asserções sobre o mundo, o documentário caracteriza-se pela presença de procedimentos que o singularizam com relação ao campo ficcional. O documentário, antes de tudo, é definido pela intenção de seu autor de fazer um documentário (intenção social, manifesta na indexação da obra, conforme percebida pelo espectador). Podemos, igualmente, destacar como próprios à narrativa documentária: presença de locução (voz *over*), presença de entrevistas ou depoimentos, utilização de imagens de arquivo, rara utilização de atores profissionais (não existe um *star system* estruturando o campo documentário), intensidade particular da dimensão da tomada. Procedimentos como câmera na mão, imagem tremida, improvisação, utilização de roteiros abertos, ênfase na indeterminação da tomada pertencem ao campo estilístico do documentário, embora não exclusivamente. (RAMOS, 2008, p. 25).

Então, seria o documentário uma forma de filmar o real? Não, porque o real seria algo irrepresentável, já que não é apreendido por nenhuma forma de narrativa, conforme Comolli (2008) descreve. Mas o documentário tem como elementos constitutivos as narrativas pessoais que se baseiam em representações sociais e culturais do mundo, ou seja, a realidade de quem narra a história, seja os entrevistados, seja o próprio documentarista, por editar e montar uma linearidade do filme.

Pois é dentro dessa realidade que é desenvolvido o documentário. A partir das várias versões das fontes, o documentarista procura à sua maneira reconstruir aquela história. Depois de colhidos depoimentos e imagens, o responsável monta o filme de uma forma explicativa com o objetivo de atingir, segundo suas intenções, o público destinatário. O resultado final acaba sendo um produto de registro e, muitas vezes, de preservação da memória.

Das narrativas dos torcedores organizados, nasceu o documentário *Máfia Azul: memória e perspectiva*<sup>44</sup>. O filme é dividido em oito segmentos (pontapé inicial, crescimento, violência, músicas, bandeirões, uniforme, elitização do futebol e futuro) que valorizam a memória da torcida por meio dos relatos dos torcedores sobre os processos de socialização e as atividades que remetem à cultura da torcida, além de alguns causos e outras histórias curiosas.

---

<sup>44</sup> Disponível em: <<https://youtu.be/LhGXHoB4FGM>>. Acesso em: 02 de jun. de 2018.

## **CAPÍTULO 4 - ANÁLISES DAS ENTREVISTAS**

### **4.1 Considerações analíticas**

Neste capítulo, apresentamos os resultados encontrados na pesquisa. Como analisamos as narrativas de vida dos torcedores organizados pelo olhar da Semiologia, mostramos quem são os sujeitos presentes e como é configurado o contrato de comunicação. Posteriormente, pontuamos como ocorreu o processo das entrevistas, discorrendo sobre os encontros com os líderes da Máfia Azul que colaboraram com este projeto e suas respectivas trajetórias. Em seguida, analisamos o nível prévio do discurso dos torcedores organizados. Conforme descrito no Capítulo 2, o *ethos* se desdobra em pré-discursivo e discursivo. Depois, analisamos os relatos em eixos: violência, representação midiática dos torcedores organizados, elitização do futebol, ideologia e doutrina e identidade. Em cada um deles, procuramos observar as formações de imaginários sociodiscursivos como entendimento de mundo, a mobilização dos subjetivos para fazer julgamentos e o uso dos efeitos patêmicos para tentar causar um impacto ao interlocutor. Observamos também os possíveis *ethé* em comum de cada um dos eixos, além das imagens que são específicas de cada torcedor organizado. Por fim, fizemos um balanço do que foi encontrado em toda análise.

### **4.2 Os sujeitos e o contrato de comunicação**

Como abordado anteriormente, a Teoria Semiológica considera um ato comunicativo por meio do contrato de comunicação em vigor, levando em conta os sujeitos envolvidos.

De forma geral, podemos dizer que, nas entrevistas realizadas, há um contrato a partir do qual o sujeito comunicante (os torcedores organizados) estrutura o projeto de fala em torno de temas (as experiências de vida e opiniões sobre aspectos relacionados à torcida organizada), com o objetivo de convencer o interlocutor, tendo em vista um determinado público, especificamente o entrevistador e, de forma mais ampla, pessoas interessadas nesta dissertação.

Segundo Charaudeau (2007), o contrato de comunicação está ligado a um gênero discursivo. No caso desta dissertação, no gênero entrevista. De acordo com o autor citado, por meio dos modelos estabelecidos e cristalizados pelos gêneros, os sujeitos comunicantes criam uma expectativa de como será o ato discursivo naquela determinada situação. Assim, os

torcedores organizados chegaram às entrevistas preparados para responder perguntas a respeito de assuntos relativos às trajetórias deles na Máfia Azul. Esse é um gênero de conhecimento geral, pois está relacionado à comunicação humana. As pessoas o vivenciam, revezando o papel de entrevistado e entrevistador, em diálogos cotidianos mesmo que de forma inconsciente.

O gênero entrevista faz, em realidade, parte da vida de todos nós, e se manifesta, talvez com menos glamour, cotidianamente, quando pedimos informações sobre um pacote turístico, novo lançamento da indústria automotiva ou durante uma sabatina de emprego estamos reeditando, informalmente, um conceito mais amplo de entrevista. (ESSENFELDER, 2005, p. 15).

O gênero entrevista, contudo, apresenta várias configurações dependendo do campo discursivo em que está inserido. Nas Ciências Sociais, como nesta pesquisa, é vinculado à obtenção de dados. “A entrevista é uma intervenção sempre orientada para uma comunicação de informações” (MORIN, 1973, p. 116).

Observamos, então, esse gênero dentro da situação de comunicação específica da nossa pesquisa. São duas as identidades dos parceiros: o entrevistador, neste caso um pesquisador, que está ligado a uma instituição de ensino (CEFET-MG) e tem interesses acadêmicos na entrevista para obtenção de informações; e o entrevistado (os torcedores organizados) que é detentor de um conhecimento específico e age como porta-voz ou membro de uma instituição (Máfia Azul). No tópico seguinte, explicamos com mais detalhes quem são os torcedores organizados entrevistados, um pouco da origem de cada um deles e da trajetória dentro da torcida organizada, além do processo de entrevista.

As finalidades estão relacionadas às motivações que guiam o contrato de comunicação, segundo Charaudeau (2008). O entrevistador tem por objetivo formular perguntas e questionar o entrevistado para coletar dados dos quais ele precisa para utilizar como *corpus* em sua pesquisa; e o entrevistado, por sua vez, está inserido neste contrato para responder as questões postas, com a missão de transmitir um saber (*fazer saber*). Os torcedores organizados também fazem avaliações, visando persuadir (*fazer crer*) o interlocutor.

Dentro do contrato de comunicação, há um espaço para as estratégias discursivas, balizadas pelas escolhas do sujeito comunicante na tentativa de provocar determinado efeito em seu interpretante. No discurso dos torcedores organizados, foi flagrante o uso do efeito patêmico (*fazer sentir*), tratado de forma detalhada mais à frente. A emoção é uma das características marcantes dos torcedores organizados e foi possível perceber isso também no discurso.

As respostas dos entrevistados estão legitimadas pela identidade social desempenhada por eles no momento das entrevistas. Quando falam, todos estão respaldados pelas funções de lideranças que exercem/exerceram dentro da Máfia Azul. O reconhecimento do saber é validado pela experiência de vida narrada, pela trajetória deles dentro da torcida organizada; o poder de fala é validado pelo convite recebido por eles – logo, eles estão nesta situação de comunicação porque foram convocados e são instigados a responderem as perguntas em razão da identidade social de líderes do passado ou do presente da Máfia Azul; e do saber fazer, de contar as histórias por terem participado e vivido o dia a dia da organizada.

Como se tratam de entrevistas guiadas por narrativas de vida, fica proposto no contrato que os torcedores narrem fatos que tenham relação com a verdade factual. Para tentar convencer o interlocutor de que os fatos são verdadeiros, os torcedores explicam em detalhes e utilizam algumas expressões para validação, casos de “verdade”, “nossa época”, “antigamente era” e “morro de saudade”, entre outras. Estas expressões estão transcritas dentro de determinados contextos, evidenciados na análise do material linguístico.

A busca de fiadores também aparece como uma estratégia de confirmação do que é dito. Assim, os sujeitos citados aparecem como responsáveis pelos ditos dos torcedores organizados. Buscamos outra parte do discurso de Jean Marc para demonstrar isso:

Ai decidi dar a minha participação e pensei, vou fazer uma bandeira. Eu já estava empolgado, motivado, e mandei fazer uma bandeira, primeira bandeira da Máfia Azul fui e eu posso te provar isso. Foi uma menina que trabalha aqui em casa para mim que é atleticana, que fez a primeira bandeira da Máfia. (GOUGEUIL, 2017).

Já o dispositivo, segundo Charaudeau (2008), formata a mensagem e dá sentido ao que é dito. Portanto, ele está condicionado às condições materiais de sua realização. Como foram entrevistas “face a face”, as condições estão relacionadas à fala, que leva em consideração o léxico textual e o tom empregado, que serão analisados posteriormente. Os gestos corporais (movimentos de mãos, braços, pescoço e tronco) e expressões faciais também colaboram para este processo de repasse da mensagem.

Jean Marc Gougeuil mexia as mãos a todo o momento e articulava o que estava dizendo com suas expressões faciais. Em alguns minutos, ficou com uma goma nas mãos, puxando-a; em outro, pegou uma caneta e com ela gesticulava. Mexia as mãos constantemente. Por sua vez, Eder Toscanini tentava utilizar dos gestos com as mãos para reforçar o que estava dizendo. Por exemplo, quando falou sobre o vínculo que queria criar dentro do bairro Foresta, o fundador da

Máfia Azul colocou uma mão dentro da outra, fazendo essa encenação de junção. Já Daniel Sales foi o único a preferir fazer a entrevista em pé. Durante o processo, ele mexia muito o corpo, de um lado para o outro, demonstrando nervosismo. Ele foi comedido com os gestos com as mãos em relação aos outros dois, colocando, inclusive, os braços para trás em alguns momentos.

Por fim, o propósito, para Charaudeau (2008), está relacionado ao seguinte questionamento: “do que se trata?”. Trabalhamos com uma entrevista na qual entrevistado e entrevistador são os partícipes. Ambos mantêm esse ato de linguagem em pleno funcionamento e reconhecimento por meio de perguntas e respostas sobre a temática torcida organizada Máfia Azul.

Em relação aos sujeitos do discurso, a Semiolinguística estabelece a presença de dois espaços: o circuito interno (lugar do dizer) e o circuito externo (lugar do fazer), contabilizando quatro sujeitos no organograma do ato de linguagem. O EU comunicante (EUc), caracterizado por uma identidade psicossocial específica, seria o torcedor organizado em sua individualidade (os líderes da Máfia Azul: Eder Toscanini, Jean Marc Gougeuil e Daniel Sales). O EUc coloca em cena o sujeito enunciador, o ser de fala (EUe), que são os narradores da própria história. Este tem por objetivo alcançar um público alvo, criando um discurso que possa tocá-lo segundo as suas intencionalidades. O destinatário ideal seria o TUD, imagem ideal construída por EUe. Nesse caso, o público ideal seria os interessados em uma pesquisa acadêmica sobre torcida organizada. O receptor (TUi) pode ou não ser o imaginado pelos narradores no momento da enunciação. Quanto maior a coincidência entre o TUD e TUi, maior o sucesso no projeto de fala.

### **4.3 Os torcedores selecionados e o processo das entrevistas**

Entrevistamos o líder atual da organizada, Daniel Sales, apelidado de Quick, em agosto de 2017. Embora não seja o presidente de fato – quem ocupa este cargo é Diego Dias de Castro –, é sabido por todos que circulam nesse ambiente que o principal mandatário da Máfia Azul desde a

administração de Carlos Roberto de Souza, presidente anterior morto em um acidente de moto<sup>45</sup>, é Daniel Sales<sup>46</sup>.

Apesar disso, solicitamos a entrevista com o presidente Diego Castro. Na ligação por telefone, explicamos a Castro o que era o projeto (Mestrado e documentário) e a necessidade de gravar com ele. Ouvi de Castro que quem falaria em nome da diretoria da Máfia Azul era Daniel Sales, como esperado. Diante disso e já sabendo da ascendência do torcedor em questão, fizemos a entrevista. O processo de marcação foi rápido, e a conversa com Quick foi agendada, na sede da organizada, no Barro Preto.

A sede da Máfia Azul era casa uma casa antiga, que ficava ao lado do elevado Castelo Branco, na Rua dos Tupis, 1147, no Barro Preto<sup>47</sup>. A entrada é discreta, um pequeno portão leva a um beco que dá acesso à sede. No horário, por volta das 15h, Daniel Sales não estava. Na entrada, um salão grande, com uma sinuca. Seis pessoas estavam na sede, trajando roupas simples, uns com camisa da organizada e short e outros com camisetas de malha e jeans.

Para buscar outras informações, tentei conversar com alguns torcedores que estavam na sala - como o assessor, conhecido como Bala. O presidente da organizada, Diego de Castro, também estava no local, mas não se apresentou. Como sabia quem era, aproveitei para perguntar sobre a organização e administração da torcida. Castro não sabia quantos eram os associados nem o número de comandos – as subsedes. Em relação aos integrantes, há divergência entre eles. Informalmente, Diego me disse 80 mil; na entrevista, Daniel Sales falou em 30 mil. Não há um sistema de controle, e os números, quando mencionados pelos mandatários, parecem inflados.

Daniel chegou à sede cerca de dez minutos depois, nos cumprimentamos e fomos para o local da gravação, em um quarto nos fundos da sede. Havia um ventilador barulhento e estoques de camisas da organizada. Ficamos sós. Disse a mim que já estava acostumado a dar entrevistas.

---

<sup>45</sup> Em 24 de abril de 2016, o então presidente da Máfia Azul, Carlos Roberto de Souza, de 28 anos, sofreu um acidente de moto em Nova Lima-MG. Ele não resistiu aos ferimentos e morreu. Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2016/04/presidente-da-mafia-azul-morre-em-acidente-de-moto-na-grande-bh.html>>. Acesso em: 05 de fev. de 2018.

<sup>46</sup> Embora não seja de direito, Daniel Sales é de fato o principal líder da Máfia Azul. Ele representa a torcida em todas as grandes reuniões, inclusive, em conversas com os presidentes do Cruzeiro. Em 2015, foi vazado um áudio dele cobrando o então presidente do clube, Gilvan de Pinho Tavares, por cortes de privilégios à organizada. Disponível em: <[https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/cruzeiro/2015/08/18/noticia\\_cruzeiro.317407/em-audio-torcida-organizada-faz-cobrancas-a-presidente-do-cruzeiro-por-corte-de-privilegios.shtml](https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/cruzeiro/2015/08/18/noticia_cruzeiro.317407/em-audio-torcida-organizada-faz-cobrancas-a-presidente-do-cruzeiro-por-corte-de-privilegios.shtml)>. Acesso em: 07 de fev. de 2018.

<sup>47</sup> Depois da entrevista, a sede da Máfia Azul foi transferida para a rua Timbiras, 2878, no Barro Preto, em janeiro de 2018.

Expliquei a ele como faríamos. Antes de falar, vestiu a camiseta da nova coleção da Máfia Azul e foi ao banheiro ajeitar o cabelo. Não satisfeito, colocou um boné.

Em um diálogo antes da gravação, Daniel Sales<sup>48</sup> me contou que foi criado no Cabana do Pai Tomás<sup>49</sup>, aglomerado da zona Oeste da capital mineira. Ele nasceu em 2 de janeiro de 1984. Desde criança, o Mineirão era destino certo nas tardes de domingo. O fato curioso é que o pai dele era atleticano. Por influência dos amigos e da família materna, tornou-se cruzeirense. Em meados da década de 1990, aproveitava a lei da gratuidade para crianças menores de 12 anos para assistir aos jogos. Foi no estádio que conheceu a Máfia Azul. Encantou-se pela festa da organizada e se associou. Hoje, participa ativamente da administração da organizada. Segundo relato, ele está presente em todas as caravanas da organizada, viajando para as cidades onde o Cruzeiro atua. “Estou disponível 24 horas para a torcida e para o Cruzeiro”, afirmou na entrevista. Pela função importante que executa (administra a Máfia Azul e é responsável pelo canal da torcida no *Youtube*), recebe ordenado mensalmente.

Como não havia tripé, o pedi para ficar sentado, mas ele preferiu fazer a gravação em pé. Então, também fiquei em pé e segurei a câmera nas mãos, senão teria um ângulo desfavorável. O roteiro teve que ser um pouco deixado de lado, porque não conseguia dar estabilidade à câmera e segurar a folha com as perguntas. Mas sabia, no geral, o que queria. Em algumas perguntas, Daniel parecia incomodado. Isso ocorreu quando explorei em profundidade o tema violência. Apesar de aparentar certo desconforto, respondeu aos questionamentos. Levou parte da entrevista falando das ações sociais da Máfia Azul: doações de sangue, brinquedos, comida, cobertor e roupa, entre outros.

Em certo momento, Daniel Gomes explicou que não estava gostando das respostas e questionou se poderíamos gravar novamente. Disse a ele que poderíamos gravar outras perguntas, já que abordaríamos vários temas e o tempo era curto. Daniel não se importou, desligou o ventilador que estava atrapalhando e seguimos. Depois de dois vídeos gravados de 12 minutos cada, ele perguntou se poderia sair, pois tinha um compromisso. Nesse momento, chegou outro

---

<sup>48</sup> Daniel Sales concedeu entrevista a um canal do *Youtube* e contou a sua trajetória de vida até chegar à Máfia Azul. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0snRIwveds0&t=563s>>. Acesso em: 28 de fev. de 2018.

<sup>49</sup> A Cabana do Pai Tomás é uma favela da zona Oeste de Belo Horizonte que surgiu no início da década de 1960, coincidindo com o surto de industrialização da região metropolitana da capital mineira. Atualmente, o aglomerado enfrenta problemas de violência, transporte público e saúde. Disponível em: <[http://portalpbh-hm.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=urbel&tax=17484&lang=pt\\_BR&pg=5580&taxp=0&idConteudo=44410&chPlc=44410](http://portalpbh-hm.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=urbel&tax=17484&lang=pt_BR&pg=5580&taxp=0&idConteudo=44410&chPlc=44410)>. Acesso em: 15 de fev. de 2018.

membro da organizada. Daniel Gomes disse que teria que ir. Encerramos com o que tínhamos, o suficiente para a pesquisa e o documentário.

Senti que não houve grande interação entre entrevistador e entrevistado como nos outros casos citados a seguir. Havia certo afastamento, o que impediu a entrevista de ser ainda mais proveitosa, reveladora em alguns momentos. Por ser o líder atual, notei o cuidado dele para não “escorregar” nas palavras. O fato de ter uma câmera apontada para o entrevistador o deixou menos à vontade. Notamos, inclusive, a inquietação dele em vários momentos. Apesar disso, a entrevista não ficou prejudicada com esses pormenores. Atencioso, Daniel Sales nos passou o telefone de outros torcedores organizados da Máfia Azul, incluindo Jean Marc Gougeuil.

Grande parte dos cruzeirenses que frequentou o Mineirão da década de 1980 aos anos 2000 já ouviu falar o nome de Jean Marc. Francês, como é conhecido, virou chefe da torcida. Conversamos por telefone e marcamos rapidamente a entrevista. Jean é aberto e simpático, gosta de contar histórias. Já foi entrevistado pelo pesquisador Bernardo Buarque de Hollanda, especialista em torcidas organizadas, cuja reportagem foi publicada na revista *Cult*<sup>50</sup>.

Quando Jean Marc me passou o endereço para a entrevista, notei que ele residia em uma das áreas mais valorizadas da capital mineira, o bairro Mangabeiras. A esposa dele é médica, de uma família abastada. Fizemos a entrevista na área de lazer da casa dele, de frente para a piscina e ao lado da churrasqueira, ao entardecer - isso trouxe prejuízo para a gravação. Antes de apertar o botão e gravar, conversamos por quase uma hora. Ele me contou sua história na França, falou sobre a chegada ao Brasil e o pensamento de deixar o país por medo da violência.

Diferentemente do que ocorreu com Daniel Sales, avalio que a entrevista com Jean Marc fluiu, rendendo um vasto e interessante material. Prova disso é que temos 70 minutos de gravação - parte com qualidade comprometida porque avançamos a noite e não havia iluminação na câmera, apenas uma lâmpada sobre as nossas cabeças.

Francês não vai mais aos estádios. Teve uma perna amputada e, por isso, usa uma prótese<sup>51</sup>. Ele afirma não ter mais pique para andar, pular e comandar a torcida. A família, neste

---

<sup>50</sup> Bernardo Buarque de Hollanda publicou interessante perfil sobre Jean Marc Gougeuil na revista *Cult* em janeiro de 2015. Disponível em: <<https://gvcult.blogosfera.uol.com.br/2015/01/27/o-chefe-da-mafia-breve-historia-de-um-frances-em-minas-gerais/>>. Acesso em: 15 de jan. de 2018.

<sup>51</sup> Jean Marc Gougeuil foi vítima de um acidente de trânsito. Quando um carro bateu em sua moto e o arrastou alguns metros, Jean Marc afirmou que pensou que morreria quando notou que não sentia a perna, cujos pedaços estavam pelo asfalto. Hoje, usa uma prótese e anda com dificuldade.

momento, também fala mais alto. A esposa não aguentava vê-lo perdendo o domingo atrás de “torcedor organizado na cadeia”, segundo relato do próprio Jean Marc Gougeuil.

Jean sente um orgulho tremendo de ser torcedor organizado. “É o que eu falo: eu sou cruzeirense, francês e mafioso, e Máfia Azul dentro do sangue, daqui ninguém me tira”. Nascido em 1962, Jean Marc é natural de Turim, cidade ao norte da Itália. Mas ele não se sente um italiano. Tanto que, quando questionado durante a entrevista, se disse francês. Depois, contudo, explicou melhor: viveu seus primeiros anos em terras italianas, mas logo se mudou para os arredores de Paris. Embora a família não fosse ligada ao mundo do esporte, Jean Marc tornou-se um ávido frequentador do estádio Parque dos Príncipes. Seu coração batia pelo Paris Saint-Germain, maior clube da capital francesa.

Em 1986, aos 24 anos, veio morar no Brasil. O convite partiu de uma prima italiana que trabalhava na fábrica da Fiat em Betim, região metropolitana da capital mineira. Ficou por um tempo na casa dela, mas, depois, foi morar sozinho. Para ganhar o sustento, começou a dar aulas na Aliança Francesa de Belo Horizonte. Como era fluente e já tinha feito um curso similar ao de Letras na França, foi aprovado pela direção da instituição na capital mineira. Atualmente, leciona aulas particulares em casa.

Ir aos jogos de futebol era uma das formas de aproveitar o tempo livre na capital mineira. Logo nos primeiros meses, escolheu o Cruzeiro como time. Foi através da primeira namorada no Brasil que conheceu o bairro Floresta e, conseqüentemente, a torcida organizada Máfia Azul. Quando Jean Marc chegou, a torcida ainda era pequena. O fascínio pelo jeito vibrante de torcer dos europeus fez com que Jean Marc tentasse imprimir uma cara nova à organizada. Tornou-se respeitado por todos e foi um dos membros mais atuantes desde meados da década de 1980, ganhando a condição de líder máximo da maior organizada do Cruzeiro no início dos anos 2000. Deixou a torcida após o período na presidência.

Fundador da Máfia Azul, Eder Toscanini foi localizado por meio de uma pesquisa na rede social *Facebook*, na qual encontramos o perfil do filho dele, Daniel Toscanini Borja. Por coincidência, tínhamos um amigo em comum, que mediou a nossa conversa. O pai dele aceitou de imediato a entrevista. Toscanini se mostrou muito abeto e disposto a divulgar a sua história na Máfia Azul.

Tosca, como Eder é conhecido, é mineiro de Água Boa. Nasceu em 1961. Veio para a capital ainda adolescente morar com a avó, que residia entre os bairros Floresta e Colégio Batista.

Orgulha-se de ter sido o fundador da Máfia Azul e um dos responsáveis por articular o crescimento da organizada, ao lado de outros amigos. Na década de 1980, acabou abandonando por um período a torcida que criou. Em 1984, casou-se com uma evangélica e se filiou à congregação da esposa. Os cultos aos domingos o tiraram das arquibancadas. Tosca voltaria anos depois para sair, definitivamente, no início dos anos 2000.

Em 2018, Eder Toscanini trabalha no Cruzeiro, na Toca da Raposa I, sede das categorias de base do clube. O emprego foi conseguido graças ao amigo Zezé Perrella, ex-presidente do clube, de quem guarda imensa gratidão.

A entrevista foi gravada em uma sala da Toca I, o entrevistado estava vestido com a camisa do Cruzeiro com a qual trabalha. A conversa fluiu bem, gerando quase 60 minutos de gravação. Percebemos certa indisposição dele em falar sobre a violência na torcida organizada. Como virou religioso, o tema ficou espinhoso. Apesar disso, respondeu a todos os questionamentos.

#### 4.4 Nível prévio

Como observado no capítulo teórico, os torcedores organizados (uniformizados e charangas) estavam ligados ao imaginário de amor genuíno ao clube e de festa amistosa nas arquibancadas até a década de 1970. Essa noção, contudo, foi alterada em função dos diversos processos sociais pelos quais às torcidas organizadas se submeteram. Atualmente, a imagem de um torcedor organizado está ligada à violência, já que o Brasil, segundo Murad (2017), ocupa o primeiro lugar no número de mortes de torcedores de futebol. Vale ressaltar, contudo, que essa imagem é construída em torno de um estigma que generaliza e desumaniza o torcedor organizado, conforme Lopes (2012). Apenas uma minoria (5% a 7%) está realmente envolvida em atos criminosos, de acordo com Murad (2017).

Para demonstrar, de forma geral, que parte dos brasileiros liga as torcidas organizadas aos atos violentos, fizemos uma pesquisa no *Google Trends*<sup>52</sup>. Segundo a jornalista e pesquisadora do CEFET-MG Luana Cruz, o “Google Trends é uma ferramenta que aponta o volume de busca de uma palavra-chave no Google. Com esse sistema, é possível ver padrões de busca ao longo do tempo” (CRUZ, 2014, p. 67).

---

<sup>52</sup> Disponível em: <<https://trends.google.com.br/trends/>>. Acesso em: 05 de fev. de 2018.

Com essa ferramenta, podemos notar em quais termos as palavras “torcidas organizadas” estão relacionadas. Como já era esperado, o tópico violência tem a maior relação<sup>53</sup>. Tal fato comprova que, quando há algum tipo de pesquisa em sites de buscas sobre torcidas organizadas, os internautas procuram assuntos relacionados à violência. Assim, ocorre uma associação direta no imaginário que ressoa do brasileiro entre as torcidas organizadas e a violência.

Embora a violência seja uma característica marcante, podemos destacar também aspectos positivos, como a bonita festa nas arquibancadas, com direito a faixas, bandeiras, instrumentos musicais, cantos e fogos. As organizadas deixam ainda mais empolgantes e vivas as partidas de futebol, com seu espetáculo à parte.

O *ethos* pré-discursivo ou prévio, como ressaltado por Maingueneau (2008) e Amossy (2005), é uma das partes do todo da imagem que o enunciador projeta de si. Então, consideramos as informações acima e, de forma mais geral, aspectos trazidos no Capítulo 1, como dados sociais e culturais da Máfia Azul, para realizar a leitura e tirar impressões prévias para a análise.

#### **4.5 Análise: *ethos*, imaginários sóciodiscursivos, subjetivemas e efeitos patêmicos**

Para a análise, organizamos os discursos dos torcedores organizados da Máfia Azul em eixos, cujos limites são altamente porosos, podendo conter aspectos outros para além da definição que não serão ignorados. Assim, levamos em consideração, primeiro, três temas de elevada pertinência e que se mostraram amplamente debatidos nas entrevistas: violência, representação midiática dos torcedores organizados e elitização do futebol. Os outros dois eixos não necessariamente estão ligados a um tema específico, mas sim a discursos que expressam com mais nitidez o processo de afirmação de identidades e os valores que podem demonstrar certa ideologia e um poder doutrinário sendo ele originário da Máfia Azul ou não.

Como explicado inicialmente na metodologia, a partir das respostas dos três torcedores organizados, vamos dividir a análise em duas partes: em um primeiro momento, refletiremos, sobre a estruturação do discurso, sob três pontos em cada eixo, pretendendo-se assim:

---

<sup>53</sup> A pesquisa foi feita no dia 20 de novembro de 2017, no site *Google Trends*. A palavra-chave utilizada foi “torcidas organizadas”. Tentamos, também, utilizar a palavra-chave “Máfia Azul”, mas, devido às políticas de investimento da companhia aérea Azul nos sites de busca, os termos encontrados estavam relacionados à empresa de transporte, contaminando, assim, a pesquisa. Disponível em: <<https://trends.google.com.br>>. Acesso em: 08 de fev. de 2018.

(i) observar os universos de saberes e crenças que sustentam os posicionamentos por meio dos imaginários sociodiscursivos, segundo Charaudeau (2007), explorando os valores subjacentes aos posicionamentos dos colaboradores, como traços de discursos machista, nacionalista e religioso, entre outros;

(ii) evidenciar as marcas de modalização – os subjetivemas, de acordo com Kerbrat-Orecchioni (1997) – deixadas pelos torcedores por meio de categorias de análise do aparelho formal da enunciação. Assim, pelos axiológicos, sinalizaremos os termos no discurso que demonstram um julgamento acerca dos temas tratados;

(iii) identificar o efeito patêmico, conceito trabalhado por Charaudeau (2007), como uma estratégia de convencimento. Isso será possível tanto por meio de alguns termos utilizados no discurso, quanto pela situação de comunicação em questão.

Posteriormente, vamos observar quais são os *ethé* que foram formados a partir de cada eixo. Faremos, então, uma análise comparativa para entender como os líderes da Máfia Azul de cada um dos três períodos analisados projetam as imagens de si no discurso. Importante enfatizar que traçamos nossas observações sabendo da possibilidade de coexistirem outras formas de interpretar esses discursos dos torcedores. Sendo assim, esta é uma contribuição que entendemos válida, mas que não pretende ser autoritária ao ponto de se estabelecer como a única possível.

Assim como as perguntas, as respostas estão redigidas nas suas integralidades, respeitando as escolhas dos termos, mesmo que se configurem em inadequação gramatical.

#### **4.5.1 Eixo da violência**

Como já mencionado na análise prévia, os torcedores organizados brasileiros são conhecidos, socialmente, pelo estereótipo da violência. O envolvimento dos organizados em atos de agressão é preocupante, embora apenas uma minoria seja protagonista das brigas pelas cidades. De 2010 a 2016, ocorreram 117 homicídios comprovados, média de 17 por ano no Brasil (MURAD, 2017).

Uma explicação sociológica para a violência no futebol é articulada pelos pesquisadores Elias e Dunning (1992). Segundo esses autores, o contexto do jogo de futebol é propício para excitação de embates violentos tanto dentro do campo quanto fora dele. Nas arquibancadas, as agressões dos torcedores organizados contra grupos rivais são uma das formas da afirmação da

masculinidade, na tentativa de conquistar o respeito dos seus pares, explica Monteiro (2003). Existe, então, uma glamourização dos atos de agressão. Na cultura das torcidas organizadas, o torcedor adquire maior prestígio se estiver disposto a lutar pela torcida que defende.

A seguir, iremos começar nossa abordagem analítica com o depoimento de Eder Toscanini, correspondente da primeira geração da torcida organizada.

#### 4.5.1.1 Depoimento de Eder Toscanini

**Pergunta:** Como você viu a evolução da violência no futebol?

**Resposta de eder Toscanini:** *São três etapas, na minha opinião. Antes dos anos 1980, de 1987 pra cá [quis dizer antes de 1987], as brigas resumiam apenas em coisa verbal. Chamar o atleticano de cachorro, eles nos chamavam de refrigerado, vai para aquele lugar... era assim. De 1988 pra cá, de 88 até mais ou menos ali 2000, virou guerra. Guerra mesmo, de faca, de revólver, de fuzil, de briga, de guerra mesmo, de matar mesmo. Hoje, de 2010 pra cá, se falar que tem muita violência, eu discordo, não tem muita violência como tinha antes. Hoje é mais tranquilo, muita mais tranquilo. Hoje a diretoria da Máfia Azul e da outra lá [se referia à Galoucura, organizada ligada ao Atlético] é mais tranquila, é mais amena. Não tem, pessoal visa mais torcer para o Cruzeiro. Tem briga? Tem, como teve há pouco tempo em Contagem, que quase matou o atleticano lá. Isso é uma vez ou outra. Dentro do estádio, não tem briga. Como não tinha dentro do estádio e na periferia tinha muita briga. Hoje não tem, é mais tranquilo. Dá pra segurar. Basta querer. Apesar de que hoje é mais difícil, porque antigamente polícia era polícia. Eu estou entrando do outro lado da história. Polícia antigamente era polícia. Hoje, não. Polícia não pode fazer quase nada. Se a polícia vai fazer alguma coisa chega um cara lá e diz que não pode fazer isso, não pode fazer aquilo. Coisa que acho um absurdo. Eu acho um absurdo isso. Minha opinião. A polícia tinha que ser mais enérgica como era nos anos 1980, hoje.*

Por meio do saber de experiência, Eder Toscanini identifica os períodos históricos e a ocorrência dos tipos de violência nas torcidas organizadas em cada um deles. Como frequentou o Mineirão desde meados da década de 1970, Toscanini viveu *in loco* o passar dos anos no estádio, sendo um observador privilegiado de toda essa história. Segundo seu relato, o início era de agressões verbais: o atleticano era conhecido como cachorro, ou cachorrada, xingamento da época ligado à canalhice; os cruzeirenses eram os refrigerados, apelido homossexual que vigorava, e posteriormente, foi substituído por bicharada. Nos dias de hoje, prevalece a provocação Maria para denominar os torcedores do Cruzeiro. Portanto, no decorrer dos anos, é notável a relação homofóbica criada pelo atleticano para caçar dos rivais celestes<sup>54</sup>. Está inscrito

<sup>54</sup> Vale ressaltar, no entanto, que cantos e provocações homofóbicas não são de exclusividade dos torcedores atleticanos. Caracterizam praticamente todas as grandes torcidas organizadas do Brasil, inclusive a Máfia Azul. Nos últimos anos, torcedores do Cruzeiro denominaram os atleticanos de “Frangas” e “Lurdinhas”, evidenciando essa

nesse tipo de apelido o imaginário da “homossexualidade como anormalidade”, numa tentativa de desumanizar e rebaixar moralmente o adversário. Como visto no capítulo teórico em Bandeira (2010), nas arquibancadas, os homossexuais são considerados inferiores aos heterossexuais.

Toscanini denomina a segunda etapa de violência das organizadas como uma guerra. “Guerra mesmo, de faca, de revólver, de fuzil, de briga, de guerra mesmo, de matar mesmo”, afirma. Há nesse trecho, uma tentativa de causar um efeito patêmico de medo, de terror no interlocutor comparando as brigas entre organizadas a um confronto bélico. Para além da metáfora criada e na tentativa de reforçar o imaginário de guerra, o fundador da Máfia Azul utiliza as construções “guerra mesmo” (duas vezes) e “matar mesmo”. A palavra “mesmo”, sinônimo de verdadeiramente, intensifica a relação entre guerra e brigas de torcidas. Socialmente, o imaginário de guerra está ligado à dor, às perdas humanas, à destruição, à violência. Por meio dos subjetivemas, Toscanini leva o interlocutor para o universo de sentidos da guerra: “faca”, “revólver”, “fuzil”, “briga”, “matar”. Cria-se, assim, o imaginário de “torcedor organizado como violento”.

Para Toscanini, a violência no futebol diminuiu a partir de 2010. O torcedor usa por quatro vezes o adjetivo axiológico “tranquilo (a)” para tentar transmitir uma situação de normalidade, justificando sua posição: “Hoje é mais tranquilo, muita mais tranquilo. Hoje a diretoria da Máfia Azul e da outra lá é mais tranquila. (...) Hoje não tem, é mais tranquilo”.

No fim da resposta, o fundador da Máfia Azul aborda o tema segurança pública. No discurso, sugere que a polícia aja com mais truculência como no passado, resgatando um imaginário instaurado durante a Ditadura Militar (1964-1985) em que a Polícia Militar era respeitada e temida. Assim, mais uma vez, Toscanini usa um saber de experiência, pois como torcedor conviveu com a polícia de perto durante todo esse tempo.

No seguinte trecho (“Se a polícia vai fazer alguma coisa, chega um cara lá e diz que não pode fazer isso, não pode fazer aquilo”), podemos interpretar que o “não pode fazer isso, não pode fazer aquilo” sugere a aprovação de ações de violações de direitos, tema tão debatido atualmente na sociedade. Para demonstrar sua posição contrária aos limites impostos hoje ao trabalho das forças de segurança, Toscanini aciona o adjetivo axiológico “absurdo” (“Eu acho um absurdo isso. Minha opinião. A polícia tinha que ser mais enérgica como era nos anos 1980,

hoje”). O fundador da Máfia Azul evoca, nesse momento, um efeito patêmico de indignação. Há um tom de revolta no discurso com o fato de a Polícia Militar não poder agir como bem entender para deter os baderneiros das torcidas.

Notamos, a partir dessa posição contida no discurso, então, o imaginário dos direitos humanos como “regras para proteção de bandido”, uma interpretação que tenta combater uma série de garantias históricas da liberdade civil<sup>55</sup>. Por ressaltar essas características, o discurso de Toscanini pode ser classificado como reacionário<sup>56</sup>, que busca a redenção da sociedade em um passado idílico. Para o fundador da organizada, então, a violência relacionada ao futebol poderia ser menor caso as forças de repressão não tivessem tantas restrições, como era no passado.

A seguir, segue trecho do depoimento de Jean Marc Gougeuil, participante da segunda geração da torcida organizada:

#### 4.5.1.2 Depoimento de Jean Marc Gougeuil

**Pergunta:** Hoje a violência relacionada à torcida organizada é mal vista pela sociedade. O que você pensa a respeito?

**Resposta de Jean Marc:** *Eu vou nos números. No Brasil, morrem 60 mil pessoas assassinadas. 60 mil pessoas! Quantos torcedores morreram por conta de futebol? Vamos falar assim, por alto, 10, 15. Infelizmente, são números tristes porque morrer por futebol é um absurdo, um escândalo. Morrer assassinado porque um cara roubou o seu celular é um absurdo. Então, nós moramos em um país violento e, infelizmente, vão morrer pessoas de confronto de torcidas. Um país que, infelizmente, não ajuda a educar seu povo, vai ser sujeito a esse tipo de coisa.*

**Pergunta 2:** Foi a partir da violência que a Máfia Azul começou a ganhar notabilidade e destaque entre as torcidas organizadas no passado?

**Resposta de Jean Marc:** *Eu falo que a nossa época é uma época boa que, na verdade, não é a violência de hoje. A gente tinha assim algumas regras, entre aspas, que a gente assim brigava, brigava, na mão, tapa, no máximo uma pedrada. Então, assim, não existia a vontade de matar o cara. Brigava, invadia, mas a gente recuava. Quando o cara estava no chão, ninguém tocava, não. Porque a gente não via no nosso conceito fazer alguma coisa. Caiu, acabou. Ninguém encosta no cara, não. Ninguém vai matar ninguém, não. A gente queria mostrar quem é quem, mas igual homem, na mão mesmo. Esses covardes como a gente vê hoje, pra mim é pura covardia, infelizmente, isso aqui no Brasil que é um país violento, isso é pura covardia.*

<sup>55</sup> Os direitos humanos se afirmaram, em especial, depois da Segunda Guerra mundial com a Declaração Universal da Organização das Nações Unidas (ONU), que inspirou a constituição brasileira de 1988. A constituição da República Federativa do Brasil pode ser acessada no seguinte link. Disponível em: <[https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88\\_Livro\\_EC91\\_2016.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf)>. Acesso em: 30 de jan. de 2018.

<sup>56</sup> No livro *The shipwrecked mind: on political reaction* (New York Review Books), o historiador Mark Lilla, da Columbia University, analisa as diferenças na construção identitária de alguns perfis de pensamento, como o conservador, o revolucionário e o reacionário, fazendo ligações com a política em alguns países.

Ao ser questionado sobre a violência das torcidas organizadas e da própria Máfia Azul no primeiro trecho, Jean Marc utiliza um saber de conhecimento para desenvolver seu raciocínio (“Eu vou nos números. No Brasil, morrem 60 mil pessoas assassinadas”). É uma tentativa de passar credibilidade, demonstrar, de forma objetiva, para além do sentimento de insegurança, que o Brasil é um país violento - violência essa refletida também no futebol. O raciocínio dele integra uma premissa que pode ser verificada segundo dados estatísticos. Embora o torcedor não cite nenhum instituto de pesquisa, o dado é referendado pelo Atlas da Violência 2017 do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada)<sup>57</sup>.

Paralelamente, há um efeito patêmico de indignação à violência no discurso, que pode ser notado quando ele utiliza o substantivo axiológico “escândalo” e o adjetivo axiológico “absurdo”, sugerindo tristeza com esse cenário. Essa indignação pode atingir também o interlocutor, tendo em vista que a violência é uma das grandes preocupações do brasileiro, conforme pesquisa do Instituto Ibope<sup>58</sup>. Outro momento em que a emoção é ressaltada ocorre quando o torcedor repete o dado de 60 mil homicídios, logo na primeira frase. Ele busca enfatizar os números dando um tom de dramaticidade. Observamos o imaginário da “banalidade da violência no Brasil” destacado no momento em que Francês cita morte até por roubo de celular, ressaltando o senso comum de que se mata por quase tudo.

A noção de identidade, tão peculiar em relatos de vida, pode ser notada nesse fragmento. Jean nasceu na Itália, mas se sente francês - o forte sotaque, logo nas primeiras palavras, já indica a cultura gaulesa. Por mais que ele tenha se mudado ainda na juventude para o Brasil, país no qual construiu sua família (ele é casado com uma brasileira e pai de uma menina também brasileira), estando totalmente integrado profissional (é professor de idiomas) e socialmente (conquistou o respeito e foi o líder de uma das maiores torcidas organizadas do Brasil), mesmo com tudo isso, Jean ainda não se vê como um brasileiro e resalta seu estrangeirismo. O Brasil, para ele, ainda é um país do outro, um outro país, como indica a seguinte passagem: “Um país que, infelizmente, não ajuda a educar seu povo, vai ser sujeito a este tipo de coisa”. Na frase, Jean

---

<sup>57</sup> Estudo realizado pelo Ipea e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública em 2015 e divulgado em junho de 2017. Mais informações podem ser encontradas no link a seguir, acessado no dia 26 de outubro de 2017. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=30253](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=30253)>. Acesso em: 30 de jan. de 2018.

<sup>58</sup> Pesquisas do Ibope mostraram que preocupação do brasileiro com violência dobrou em um ano. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/politica/5329425/ibope-mostrou-que-preocupacao-com-violencia-dobrou-em-um-ano>>. Acesso em: 15 de fev. de 2018.

se coloca como alguém de fora (destaca-se: “um país”, não o nosso país, e “seu povo”, não a gente ou o nosso povo). A passagem ainda guarda o imaginário do Brasil como “país de forte desigualdade”, quando o torcedor pondera que a educação formal é privilégio de uma minoria e que a conseqüente exclusão social proveniente disso reflete, também, auxiliada por outros fatores, na violência social. O tema da escolarização é um saber de experiência mobilizado por Jean Marc, que é professor e conhece a realidade das escolas no país.

No início do segundo trecho, há a reconstrução de uma parte da vida como ato ético, comum nessas reconstruções da vida por meio da narrativa. E Jean define como “época boa” o período em que os torcedores possuíam um código moral em relação aos atos de agressão:

- 1 - brigas não envolviam armas de fogo. Os enfrentamentos ocorriam com paus, pedras, socos e chutes;
- 2 – quando o oponente estava no chão, a conduta era esperá-lo levantar;
- 3 - invadia o território do rival, mas havia um recuo natural;
- 4 - não havia uma intenção de brigar e matar rival/inimigo.

Nesta parte, Jean Marc cria uma divisão entre o comportamento dos torcedores organizados do presente e do passado. No discurso, é possível entender que os atos de agressão no tempo pregresso são entendidos como respeitosos, pois seguiam as regras citadas.

No trecho referido, o torcedor ainda evidencia a desaprovação ao recrudescimento da violência. O adjetivo axiológico “covardes”, que, no sentido adotado, significa “pessoa que exerce com crueldade o seu poder sobre outrem que não pode proteger-se ou revidar” (definição do dicionário Houaiss<sup>59</sup>), indica repulsa de Jean Marc de um novo tipo de violência, mais agressiva e perniciosa, entre torcedores organizados. Há, conjunto, um efeito patêmico de indignação.

Entretanto, este raciocínio guarda uma contradição, pois Francês alimenta, na seguinte frase: “A gente queria mostrar quem é quem, mas igual homem, na mão mesmo”, o imaginário de que “homens resolvem as coisas na mão”, uma característica típica dos saberes de crença de opinião que apresentam escopo generalizante. O “mostrar quem é quem” está relacionado ao universo machista de que os homens demonstram quem são pela virilidade, imposição e violência. Essa expressão também está ligada ao imaginário do “organizado como violento”. Alguns axiológicos, casos de “brigava”, “tapa”, “pedrada”, “na mão”, ajudam a entender a

---

<sup>59</sup> Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br> Acesso em: 3 de fev. de 2018.

posição de Jean Marc favorável aos atos de agressão no passado. Por causa dessa construção discursiva, é possível observar um efeito patêmico de medo na tentativa de intimidar o interlocutor, mostrando que a violência fazia parte da forma de sociabilidade.

Por fim, o depoimento de Daniel Sales, que representa a geração atual da torcida Máfia Azul.

#### 4.5.1.3 Depoimento de Daniel Sales

**Pergunta:** A imagem da torcida organizada está relacionada à violência. O que você pensa sobre isso?

**Resposta de Daniel Sales:** *A violência está em todo lugar. Estamos expostos a todo tipo de violência, em todos os sentidos. Temos violência não só no futebol, temos violência em show, no carnaval, e a torcida é mais um fator, né. A violência está no futebol também. Infelizmente, todo lugar tem violência. Mas nós, como torcida organizada, temos CNPJ, temos nossa sede, sempre temos reunião com Batalhão de Choque, reunião com Ministério Público, tudo que a torcida vai fazer, entidade grande como a Máfia Azul, que está há 40 anos em Minas Gerais, sendo a maior de Minas com 30 mil componentes, todo clássico, a gente tem reunião, passa o horário que a torcida vai sair, tudo é passado para a Polícia Militar, para o Ministério Público, a gente tenta ajudar da melhor forma possível todos os envolvidos no futebol. Então, no fato da violência, o que podemos fazer, temos que punir o infrator que pratica a violência, o CPF, o RG, não as entidades. A entidade está para acompanhar o clube e fazer a festa do futebol, que é o principal fator da organizada fazer a festa do futebol.*

**Pergunta 2:** Recentemente, o presidente de uma torcida organizada do Palmeiras morreu assassinado<sup>60</sup>. Você teme pela sua vida ou pela vida de alguém próximo a você?

**Resposta de Daniel Sales:** *A gente assusta sim com a violência que tem, a família preocupa. Mas eu posso dizer que, particularmente eu, nunca tive medo, sempre quis fazer o melhor para a torcida, melhor para o clube, sempre tento evitar, evitar que a minha família preocupe. Eu faço o melhor para a torcida, e o melhor para a torcida é sempre evitando a violência. Não vou te falar que torcida tem santo, torcida não tem santo, e ninguém é santo. O que eu posso te dizer é o seguinte: o que a gente puder fazer para evitar a violência nós vamos fazer, mas uma torcida igual a Máfia Azul, ninguém passa por cima da gente, ninguém vai passar por cima da Máfia Azul. O que a gente puder fazer para evitar a violência e fazer a festa nos estádios nós vamos fazer, mas jamais fazer apologia à violência, ir para cima de qualquer pessoa. Nós vamos preservar sempre nossos integrantes e preservar a entidade Máfia Azul e o Cruzeiro Esporte Clube. Nós não somos a favor da violência, mas ninguém passa por cima da Máfia Azul.*

Logo no início do primeiro enunciado, Daniel evoca o imaginário da “violência está por toda parte no Brasil”, uma generalização mobilizada por um saber de crença de opinião comum. Parte desse pensamento, uma explicação para os atos de agressão das torcidas organizadas. O uso

<sup>60</sup> Fundador da Mancha Verde, Moacir Bianchi foi assassinado com 22 tiros no dia 2 de março de 2017, em São Paulo. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/fundador-da-mancha-verde-e-morto-na-zona-norte-de-sao-paulo-com-22-tiros.ghtml>>. Acesso em: 10 de jan. de 2018.

lexical ajuda a comprovar essa ideia do torcedor: “violência está em todo lugar”, “não só no futebol”, “a torcida é só mais um fator”, “todo lugar tem violência”.

Quando Daniel diz “estamos expostos a todo tipo de violência, em todos os sentidos”, podemos considerar não apenas as agressões físicas, mas também os diversos tipos de violência simbólica, como machismo, homofobia e outros preconceitos, inclusive o estigma contra as organizadas que reflete nos mais pobres nos estádios, conforme Lopes (2012).

Na sequência, quando argumenta sobre o que é preciso ser feito, o torcedor observa a necessidade de punição, trazendo à tona o imaginário do Brasil como “país da impunidade”. Daniel defende a punição aos envolvidos nas práticas de violência, isentando as organizadas. De fato, a grande maioria dos envolvidos em crimes ocorridos no futebol não termina na penitenciária cumprindo a pena prevista. Segundo Murad (2017), em 2015 e 2016, 97% das transgressões imputáveis ligadas de alguma forma ao futebol não sofreram sanções determinadas pela legislação.

O torcedor também sinaliza o imaginário de grandeza no momento que se auto afirma como integrante da maior torcida organizada de Minas Gerais – dado difícil de ser comprovado, já que não há estatísticas atuais a respeito do número de integrantes das organizadas. Quando eleva a Máfia Azul a um panteão em que as outras não estão, concomitantemente Daniel também cria uma maior responsabilidade e importância ao cargo que ocupa, como relata ao informar os encontros com membros de instituições públicas de segurança.

No segundo trecho, é possível notar, por meio de outro saber de crença, o imaginário machista de que “homens não podem demonstrar fraquezas”, quando o torcedor diz não temer a violência. Por meio dos subjetivemas, contudo, é visível uma contradição no discurso, uma vez que os advérbios axiológicos “assusta” e “preocupa” reforçam uma sensação de ameaça do enunciador em relação à sua família.

Quanto à patemização, notamos que o tom do discurso vai mudando, tornando-se mais firme e agressivo, tentando provocar medo no interlocutor, quando o atual mandatário da Máfia Azul assume que fará o que for preciso para “ninguém passar por cima da Máfia Azul”. Neste trecho, Daniel Sales explica que o torcedor organizado não é santo, uma entidade sagrada do catolicismo, mobilizando o saber de crença de revelação, ligado ao sagrado. O imaginário de santo está relacionado ao “homem puro, caridoso, divino”, muito distante, segundo o próprio Daniel, do senso comum que circula sobre os torcedores organizados.

Daniel Sales acaba reafirmando, mesmo que implicitamente, o estereótipo de agressivo, ou pelo menos de pouco pacífico, dos torcedores organizados, em especial quando afirma por três vezes a frase “ninguém passa por cima da gente/Máfia Azul”, que soa como recado às torcidas organizadas adversárias ou a qualquer pessoa que seja um obstáculo à Máfia Azul. O tom ameaçador assinala a tentativa de impor respeito e causar temor.

#### 4.5.1.4 *As imagens de si no discurso sobre a violência*

Cada um à sua maneira, os torcedores organizados tentam minimizar a temática da violência no futebol. Jean Marc e Daniel Sales explicam as agressões tendo em vista o contexto violento brasileiro. Já Eder Toscanini entende que a Máfia Azul e as organizadas em geral eram muito mais perigosas no passado e que o presente é de relativa tranquilidade.

Os três criam *ethé* de virilidade e agressividade, reafirmando a masculinidade como um fator de liderança entre os torcedores organizados, conforme explicação de Monteiro (2003). Embora os torcedores preguem uma saída pacífica, os próprios avalizam atos agressivos, validando o estereótipo da violência como uma faceta dos torcedores organizados.

Atual líder da organizada, Daniel Sales se coloca como um protetor da Máfia Azul. Dois trechos que validam esse *ethos*: “Eu faço o melhor para minha torcida”; “ninguém passa por cima da gente, ninguém vai passar por cima da Máfia Azul”. Esse último trecho do discurso indica, pelo implícito da situação de comunicação, que, se necessário, Sales impedirá por meio do uso da força que a torcida organizada seja prejudicada, reforçando também as imagens de viril e agressivo.

Já Jean Marc desperta *ethé* de virilidade e agressividade quando admite que participara das brigas: “Brigava, brigava, na mão, tapa, no máximo uma pedrada”. Mas era um violento ético, que não desrespeitava os princípios das brigas entre as torcidas organizadas (“A gente tinha assim algumas regras, entre aspas”). Apesar de colérico, Francês tenta emplacar uma imagem de piedoso, alguém que de certa forma estava preocupado com o inimigo (“não existia a vontade de matar o cara”; “... caiu, acabou. Ninguém encosta no cara, não”).

Por sua vez, Eder Toscanini se mostra um observador, alguém que analisa os fatos de certa distância, criando, inclusive, uma classificação dos períodos de violência e explicando as mudanças para o trabalho da Polícia Militar. Podemos considerar o *ethos* de líder agressivo em

Toscanini, pois o fundador da Máfia Azul esteve presente em quase todos os momentos da história da organizada e participou de toda essa “guerra” narrada por ele. No seguinte trecho, descreve com riqueza de detalhes como eram as brigas, encenando uma imagem de agressividade: “Guerra mesmo, de faca, de revólver, de fuzil, de briga, de guerra mesmo, de matar mesmo”. O fundador da Máfia Azul também se mostrou favorável a uma ação mais truculenta da Polícia Militar em seu discurso (“A polícia tinha que ser mais enérgica como era nos anos 1980, hoje”), reafirmando essa imagem de violento.

#### **4.5.2 Eixo da representação midiática dos torcedores organizados**

A imprensa tem parcela de responsabilidade na afirmação do estigma social de violento dos torcedores organizados, explica o pesquisador Felipe Tavares Paes Lopes, da Universidade de São Paulo (USP). Em sua tese de Doutorado, Lopes (2012) reflete sobre a dominação ideológica no debate público estabelecida por determinados grupos, chamados por ele de *claims-makers* – jornalistas, dirigentes esportivos, acadêmicos e autoridades públicas –, sobre as torcidas organizadas.

Um trecho do seu estudo indica essa lógica em que os torcedores organizados são desacreditados e perdem a credibilidade social diante de um discurso midiático, em sua maioria, que explora em demasia os estereótipos.

No contexto brasileiro, por exemplo, os torcedores organizados são invariavelmente acusados por jornalistas e autoridades públicas de serem os principais responsáveis pela violência no futebol. Adjetivos como ‘vândalos’, ‘marginais’ e ‘vagabundos’ são frequentemente utilizados para rotulá-los. (LOPES, 2012, p. 48).

Em geral, os torcedores organizados se consideram vítimas desse processo, avalia Lopes (2012). De certo modo, a nossa pesquisa conseguiu reafirmar os entendimentos do pesquisador da USP em relação ao posicionamento dos torcedores sobre a imprensa, como veremos a seguir na análise. A seguir, trecho do depoimento de Eder Toscanini.

##### *4.5.2.1 Depoimento de Eder Toscanini*

**Pergunta:** O que você pensa sobre a cobertura que a mídia faz da Máfia Azul e das outras torcidas organizadas?

**Resposta de Eder Toscanini:** *Acho que a própria imprensa valoriza mais uma briga de torcida do que uma doação de sangue, trabalhos sociais que as torcidas fazem. Acho que é um problema. É o tradicional da notícia: não dá notícia uma doação de sangue, mas dá notícia o derramamento de sangue. Mas também nada justifica essa violência.*

Eder Toscanini ressalta o imaginário que relaciona a imprensa à “reprodução de notícias ruins”. Mobilizando um saber de experiência, o fundador da Máfia Azul assevera que a mídia prefere noticiar atos de violência a reportar ações benevolentes das organizadas. Ele comenta isso com a bagagem de anos à frente da organizada, sendo, portanto, conhecedor do que sempre foi explorado pela imprensa.

Fica apreensível também o imaginário da “imprensa como sensacionalista”, na tentativa de chocar o leitor com os atos agressivos dos torcedores organizados, construindo uma narrativa estigmatizante sobre eles. Para Toscanini, isso ocorre muito porque não há uma cobertura balanceada, com notícias positivas e negativas. O axiológico “derramamento de sangue”, um superlativo para nomear as brigas e a violência no futebol de forma geral, indica essa ideia da imprensa como causadora de impacto na opinião pública.

Há um efeito patêmico de indignação no discurso de Toscanini com a imprensa. Podemos observar o incômodo que ele transmite ao abordar o assunto por meio do axiológico “problema”, demonstrando sua posição contrária aos pressupostos de noticiabilidade que vigoram. O “problema”, podemos inferir, corresponde ao descumprimento, na visão do torcedor, de uma das funções sociais da imprensa, um espaço democrático e plural no qual são admitidas as várias correntes de pensamento na sociedade. Isso, de fato, não ocorre, como demonstra a pesquisa de Lopes (2012). Os organizados são relegados e pouco participam do debate público.

#### 4.5.2.2 Depoimento de Jean Marc Gougeuil

**Pergunta:** As torcidas organizadas estão relacionadas à violência no discurso midiático. O que você pensa a respeito?

**Resposta de Jean Marc:** *Os meios de comunicação se interessam porque é um assunto que vai interessar à sociedade. Vai vender alguma coisa, vai atrair a atenção da população. 'Botafoguense foi morto por torcedor do Flamengo'. Isso interessa entre aspas. É uma coisa para você vender. Você olha o dia inteiro, pega esses programas de tevês no Brasil... como chama? O 'Brasil Urgente' e não sei mais o quê. Mostra crimes horríveis, o dia inteiro, 365 dias por ano. Logicamente, quando aparece um crime no futebol, a mídia vai se interessar porque futebol é futebol, é uma religião no Brasil, é conhecido. Então, a mídia vai se interessar para vender o produto dela.*

**Pergunta 2:** Mas você acha que a cobertura é equivocada?

**Resposta de Jean Marc:** *Você acha que alguma coisa positiva interessa à mídia? Quantas vezes essas organizadas fazem ações benevolentes? Centenas de vezes no ano. Você acha que a mídia se interessa com isso? De vez em quando. Se interessa sim, sabe quando? Quando a gente atrai um jogador do Cruzeiro a vir com a gente. Aí a mídia se interessa. Por exemplo, a gente vai a uma favela, vai a uma creche, vai oferecer uma coisa. Aí a mídia se interessa. 'Ah, tem jogador do Cruzeiro? Nós vamos'. 'Tem Raposo? Nós vamos'. Eu sozinho fui levar brinquedo com os meninos da Máfia Azul em Santa Luzia, no Caldeirão do Inferno, uma favela brava, você acha que alguém vem comigo? Não, não se preocupam, não. Tem que ser justo. O que gosta a imprensa? Gosta de vender o negativo, mas em uma certa razão ela está certa, é um crime. E um crime no futebol dá mais ibope que um crime na rua, dá mais ibope.*

Jean Marc aciona o imaginário de “imprensa sensacionalista”, quando diz que a violência interessa aos meios de comunicação porque aumenta as/a vendas/audiência. Ele tenta confirmar esse imaginário ao se valer de um saber de experiência, no momento em que cita o exemplo de um telejornal que noticia casos de polícia todos os dias na televisão brasileira.

Quando o torcedor afirma que o futebol é uma religião no Brasil, revela uma patemização ao compará-lo com uma crença sobrenatural. Segundo esse discurso, portanto, o futebol estaria filiado à ordem do sagrado. Nos faz pensar também no imaginário “Brasil, o país do futebol”. Essa representação da sociedade brasileira pela bola demonstra a forma estigmatizante como parte do mundo vê o Brasil, ideia compartilhada pelo estrangeiro Jean Marc.

Em relação aos axiológicos, o substantivo “crime” aparece três vezes nesse trecho do discurso, criando uma associação entre violência e mídia. Pelo modo de organização descritivo-argumentativo de Jean, podemos inferir que a imprensa estaria disposta a pautar matérias sobre o tema para obter ganhos financeiros com isso. O torcedor também demonstra uma sinalização de injustiça da imprensa, que, para ele, apenas noticia o lado negativo da organizada, reforçando os estereótipos já construídos.

No segundo trecho, o ex-líder da Máfia Azul tenta quebrar o imaginário estigmatizante de “torcedores organizados como desordeiros”. Ele cita ações sociais promovidas pela Máfia Azul na periferia da região metropolitana de Belo Horizonte, enfatizando o lado humano dos torcedores. É criado, no início da enunciação, um efeito patêmico de indignação com a imprensa. Isso pode ser notado pelo tom com que Jean Marc questiona as iniciativas dos meios de comunicação: “Você acha que alguma coisa positiva interessa à mídia? Quantas vezes essas organizadas fazem ações benevolentes? Centenas de vezes no ano. Você acha que a mídia se

interessa com isso? (...)”. O ex-presidente da Máfia Azul critica o poder que a mídia detém de selecionar o que vai publicar<sup>61</sup>.

Por meio dos subjetivemas, observamos axiológicos que indicam uma avaliação negativa sobre a imprensa: “não se preocupam, não”, “gosta de vender o negativo”, “crime no futebol dá mais ibope”.

#### 4.5.2.3 Depoimento de Daniel Sales

**Pergunta:** O que você pensa da cobertura midiática sobre a Máfia Azul?

**Resposta de Daniel Sales:** *A Máfia Azul tem vários projetos sociais, mas que a mídia geralmente não divulga. O que a mídia quer é sangue, o que vende é sangue, o que vende é briga, é raro você fazer uma coisa legal que a imprensa divulga.*

Quando perguntamos sobre a representação midiática dos torcedores organizados, Daniel demonstra insatisfação com a cobertura e aciona o imaginário de crença “imprensa sensacionalista”, assim como fizeram anteriormente Eder Toscanini e Jean Marc.

As marcas linguísticas nos levam a entender que há um sentimento de revolta com o noticiário sobre as organizadas. A mídia aparece ligada a termos relacionados à violência, como os subjetivemas “sangue” e “briga”.

É possível notar um efeito patêmico de cólera e de indignação no discurso do torcedor, quando ele enuncia a forma como as organizadas são retratadas publicamente: “a mídia quer sangue, o que vende é sangue, o que vende é briga”. O termo sangue, neste caso, está ligado ao imaginário de violência e mortes.

No imaginário de Daniel Sales, observamos que a mídia assume um grande poder: o de determinar o que será ou não debatido publicamente, selecionando temas – como o da violência, ajudando, assim, a reforçar algumas características negativas das torcidas organizadas.

#### 4.5.2.4 As imagens de si no discurso sobre a representação midiática do torcedor organizado

Em relação à representação midiática, os três torcedores organizados veem a imprensa como criadora de uma narrativa que busca o sensacionalismo, reforçando o imaginário social do

---

<sup>61</sup> Esse “poder” da mídia é estudado pela agenda-setting, conceito criado para denominar a função pelo qual os meios de comunicação influenciam a agenda pública, pautando as conversas entre os cidadãos, ao publicar certas matérias e não outras. Sobre o tema ver Formiga (2006).

torcedor organizado como um malfeitor para gerar maior apelo e vender o seu produto. Os líderes da Máfia Azul projetam uma imagem de vítima, pois se colocam como prejudicados pela mídia. Alguns trechos dos discursos ajudam a entender esse *ethos*. Destacamos os momentos que corroboram com essa projeção etótica.

Eder Toscanini frisa a seletividade da imprensa, demonstrando que há uma distorção na cobertura e reforçando a imagem de prejudicado: “Acho que a própria imprensa valoriza mais uma briga de torcida do que uma doação de sangue, trabalhos sociais que as torcidas fazem. Acho que é um problema”.

O mesmo foi notado no discurso de Jean Marc, que ressalta a busca da mídia pelo negativo. Francês tenta convencer o interlocutor que ele e os torcedores organizados são prejudicados por essa abordagem midiática, encenando *ethos* de vítima nesse processo, conforme observado no seguinte trecho: “O que gosta a imprensa? Gosta de vender o negativo, mas em uma certa razão ela está certa, é um crime. E um crime no futebol dá mais ibope que um crime na rua, dá mais ibope”.

Daniel Sales segue a mesma estratégia discursiva de colocar a imprensa como sensacionalista, indicando imagens de vítima e prejudicado: “A Máfia Azul tem vários projetos sociais, mas que a mídia geralmente não divulga. O que a mídia quer é sangue, o que vende é sangue, o que vende é briga, é raro você fazer uma coisa legal que a imprensa divulga”.

Assim, reforçamos esse processo de vitimização que é ressaltado nos discursos dos três torcedores organizados entrevistados.

#### **4.5.3 Eixo da elitização do futebol brasileiro**

Embora seja considerado um processo relativamente recente, os estudos sobre a elitização do futebol brasileiro têm ganhado corpo (CRUZ, 2010; BARRETO, NASCIMENTO, 2011; MASCARENHAS, 2013). Um dos principais argumentos de quem defende essa tese está na mudança estrutural dos estádios brasileiros, que perderam as gerais<sup>62</sup>, locais dos ingressos mais baratos, e ganharam áreas VIP’s e camarotes, espaços nos quais apenas uma pequena elite tem

---

<sup>62</sup> A geral era o espaço mais democrático e popular do estádio. Para o setor, os preços praticados eram os mais baratos. Com a reconstrução do Mineirão, o espaço foi banido. Reportagem do jornal *O Tempo* noticiou o fim da geral do Mineirão. Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/superfc/futebol/espaco-mais-democratico-do-mineirao-vai-deixar-saudades-1.169825>>. Acesso em: 09 de jan. de 2018.

acesso. Dessa forma, o estádio diminuiu as áreas destinadas aos pobres e aumentou para os endinheirados.

Apesar disso, Campos (2016), em artigo sobre o público no Mineirão no ano de sua reinauguração, em 2013, demonstrou que o estádio ainda é um local de diversidade, com o acesso de público de baixa renda, embora os novos gestores das arenas priorizem os torcedores com poder de consumo.

Embora o conceito de elitização no futebol seja amplo e abarque outras questões, focaremos nessa percepção da exclusão de um segmento torcedor do estádio, pois este foi o ponto central nos discursos dos líderes da Máfia Azul, que também abordaram a construção de uma nova forma de torcer, o cerceamento da festa nas arquibancadas, com a implementação de novas regras pelas administradoras dos estádios, como a diminuição do número de bandeiras e a proibição dos fogos.

Analisaremos, em seguida, o que pensam os torcedores organizados da Máfia Azul. Começamos pelo pioneiro, Eder Toscanini.

#### 4.5.3.1 Depoimento de Eder Toscanini

**Pergunta 1:** Você é de um tempo em que o Mineirão comportava mais de 100 mil pessoas. Hoje, ele reduziu de tamanho. Como você viu isso?

**Resposta de Eder Toscanini:** *Fico triste. Eu gostava do Mineirão antigo. No Mineirão antigo, com 60 mil pessoas, o Mineirão estava vazio. Hoje, com 25 mil pessoas, o Mineirão está lotado. A China Azul com 25 mil pessoas é pouco, mas isso é fruto do país mesmo. O ingresso é muito caro, muito caro. Os jogadores ganham muito dinheiro. Então, as pessoas que vão ao estádio têm poder aquisitivo maior. Antigamente, não.*

**Pergunta 2:** A partir de quando você viu essa festa da torcida na arquibancada mudar. Como foi o processo?

**Resposta de Eder Toscanini:** *O poder aquisitivo. Hoje o nível das pessoas que vão ao Mineirão é totalmente diferente do nível das pessoas que iam antes. O futebol hoje é caro. Ficou uma coisa caríssima. Hoje, quando você vai ao Mineirão, você não vê – tenho que saber o que eu vou falar aqui – um cara pobretão no Mineirão. Você não vê. É classe média para cima. Eu acho péssimo. Acho péssimo. O futebol é do povão. A geral do Mineirão, morro de saudade da geral. Morro de saudade da geral do Maracanã, uma coisa maravilhosa é geral. Hoje, a parte mais importante do Mineirão é aquela geral lá embaixo. E é a mais cara. Respeito. Sou cruzeirense, vou aos jogos, fico lá torcendo, gritando. A primeira vez que fui ao Mineirão, este estádio novo, eu levantei, fui xingar o bandeirinha. Chegou um cara perto de mim lá embaixo e falou que eu não podia xingar o bandeirinha. Mas eu vou xingar. Mas aqui você não pode xingar. Nós estávamos lá embaixo da cabine, o cara não me deixou xingar o bandeirinha. Fiquei arrasado.*

**Pergunta 3:** Como você analisa o perfil dos novos torcedores que frequentam o Mineirão?

**Resposta de Eder Toscanini:** (...) *Quando você vai ao Mineirão hoje, eu sou a pessoa mais velha que está no Mineirão, você vê só jovens, só jovens, eu acho isso maravilhoso, cara com a namoradinha do lado, acho isso bonito, estilo europeu de torcer.*

Logo no primeiro trecho, Toscanini emprega o adjetivo axiológico “triste”, criando um efeito patêmico de dor para descrever seu sentimento em relação ao processo de elitização do futebol, que afastou os torcedores menos endinheirados do Mineirão, segundo ele. O reflexo disso foi a diminuição do público em parte dos jogos. O torcedor utiliza um saber de experiência para dizer que os grandes públicos estão longe de ser o que eram. Toscanini acompanhou o período das multidões no estádio e hoje observa, nas poucas idas ao Mineirão, que a presença dos torcedores não é nem sombra do que foi um dia, até mesmo por questões estruturais das novas arenas<sup>63</sup>.

Quando afirma que é “isso é fruto do país mesmo”, o fundador da Máfia Azul se vale de um saber de conhecimento político e econômico para tentar explicar esse fenômeno. Embora o torcedor organizado não tenha mencionado diretamente isso, acreditamos que ele se referia ao momento do Brasil, que ficou em recessão de 2014 a 2016, resultando em desemprego e redução da renda da população<sup>64</sup>. O lazer passa a ser o primeiro e mais fácil corte de custo do cidadão de baixa renda atingido por esse cenário.

No segundo trecho, Toscanini cria uma classificação para descrever o nível social das pessoas que frequentavam/frequentam o estádio. O contrato de comunicação, o fato de estar em uma entrevista em frente a uma câmara, fez o torcedor pensar, inclusive expondo de forma verbal, melhor as palavras que empregaria (“tenho que saber o que vou falar aqui”). Os adjetivos axiológicos “caros” e “caríssimos” indicam como o futebol moderno criou uma barreira para o torcedor de origem mais humilde, identificado por Toscanini por “pobretão”, forma pejorativa de se denominar as classes mais baixas da sociedade.

Toscanini se vale do imaginário de “futebol como esporte popular e democrático” para defender o esporte como um bem do povo brasileiro: “Futebol é do povão”, afirma ele. O

<sup>63</sup> O maior público do Mineirão foi registrado no dia 22 de junho de 1997, na vitória do Cruzeiro por 1 a 0 sobre o Villa Nova na final do Campeonato Mineiro daquele ano. 132.834 pessoas assistiram à partida. Disponível em: [https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/cruzeiro/2017/06/22/noticia\\_cruzeiro.410281/multidao-azul-recorde-de-publico-do-mineirao-completa-20-anos.shtml](https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/cruzeiro/2017/06/22/noticia_cruzeiro.410281/multidao-azul-recorde-de-publico-do-mineirao-completa-20-anos.shtml). Acesso em: 19 jan. de 2017. O site do Mineirão diz que a capacidade máxima do estádio após reconstrução para receber jogos da Copa do Mundo é de 62 mil pessoas. Disponível em: <http://estadiomineirao.com.br/o-mineirao/estrutura/>. Acesso em: 19 de jan. de 2017.

<sup>64</sup> De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil registrou variação negativa de 8,2% durante o período 2014-2016.

adjetivo axiológico “péssimo” é utilizado em duas oportunidades pelo torcedor para se posicionar sobre o tema elitização do futebol. De forma integrada, podemos notar um efeito patêmico de tristeza pela perda do caráter popular do esporte. O tom do discurso, quando relembra a geral do Mineirão, vai ganhando contornos saudosistas, uma característica de algumas narrativas de vida (“A geral do Mineirão, morro de saudade. Morro de saudade da geral do Maracanã”).

Mais uma vez, por meio do saber de experiência, o fundador da Máfia Azul descreve a mudança de comportamento nos estádios. Segundo relato do torcedor, o xingamento, algo tão aceito no passado, já não é mais bem visto nos tempos de hoje. Essa nova cultura da arquibancada desagradou Toscanini, que acionou o adjetivo axiológico “arrasado” para descrever como se sentiu nessa nova atmosfera do Mineirão. Há, novamente, o efeito patêmico de dor no enunciado. A tristeza por uma alteração no significado do ser torcedor, já que Toscanini, pelo que indica essa passagem, vê o apaixonado pelo clube como um jogador fora de campo, que deve pressionar a arbitragem, xingar o adversário se preciso for. Essa mudança de característica do torcedor gerou, segundo a nossa percepção das palavras de Toscanini, um desânimo.

O terceiro trecho quebra com uma coerência dentro do discurso de Toscanini. Em uma pergunta sobre novo perfil dos torcedores no estádio, o fundador da Máfia Azul denomina a elitização como “estilo europeu de torcer”, no sentido de algo positivo, do imaginário eurocêntrico de “uma cultura mais evoluída”. Se antes Toscanini via o futebol moderno como algo danoso, agora o novo estilo de torcer é visto como “maravilhoso”, adjetivo axiológico que indica alegria com as mudanças, o predomínio de jovens de classe média e a exclusão de idosos, como ele deixa observar em seu discurso.

#### 4.5.3.2 Depoimento de Jean Marc Gougeuil

**Pergunta:** Você diz que o futebol era um esporte democrático, uma festa essencialmente popular, mas que foi mudando. Como você viu isso?

**Resposta de Jean Marc:** *O estádio era o único lugar que você podia misturar as classes sociais do Brasil. Então, o que acontece: o cara mora na favela, o cara é office boy, o cara é professor, é engenheiro de não sei das quantas, e está na arquibancada. Então, de verdade, era o único lugar onde a torcida, os brasileiros se misturavam, porque era um preço acessível para todo mundo. O favelado tinha dinheiro para poder ir ao campo, o engenheiro, o professor, e tinha essa possibilidade de ter a sociedade brasileira em um só lugar. Hoje, não existe mais, não existe, o futebol moderno acabou com isso, eu adorava, tinha jogo que pagava três reais, cinco reais, você via dezenas de organizadas ou torcidas do Cruzeiro de todos os cantos, de todos os bairros mais afastados, era uma festa incrível, incrível! O futebol moderno de hoje, que pra mim acabou com o futebol, é totalmente diferente dos que nós tínhamos nos anos 1990.*

**Pergunta 2:** Então, você acha que prejudicou as torcidas organizadas, em especial à Máfia Azul?

**Resposta de Jean Marc:** *Prejudicou todo mundo. Não só a organizada. A Máfia Azul logicamente está prejudicada, porque quem participa são classes sociais mais humildes. Então, eu acho um absurdo. Uma vez eu já briguei, já conversei com a diretoria do Cruzeiro e falei: libera as curvas a preço popular para atrair o povão mesmo, porque o povão que tem força para cantar, que gosta do time, que tem essa paixão pelo time. Agora você vê no estádio a maioria das pessoas está lá se selfando assim, não tem graça não. Para mim desmotiva ir no campo de futebol. Ficar tirando foto de mim? Negócio para mim é cantar e encarar a torcida dos outros. Na verdade, isso aqui é triste. Como eu falo, os problemas diminuem, a violência diminui. Mas a violência dentro do estádio, porque fora continua.*

Jean Marc inicia esse trecho do depoimento se valendo do imaginário do “futebol como um esporte popular e democrático”. A partir de um saber de experiência, o torcedor conta da reunião de “engenheiros”, “professores” e “favelados” nas arquibancadas durante os jogos. Nesse momento, é possível notar um efeito patêmico de alegria em compartilhar momentos inesquecíveis ao lado de desconhecidos, independentemente da classe social e outras diferenças. Isso pode gerar uma satisfação que ressoa no interlocutor, por ver o futebol como uma união dos povos e das classes sociais.

O axiológico “adorava” expressa o saudosismo e uma lembrança carregada de sentimentalismo. O passado, mais uma vez, é valorizado no discurso de Jean, criando um ideal de “vida boa” dos estádios, remetendo a tempos áureos, que não voltam mais. O adjetivo axiológico “incrível”, que aparece duas vezes quando Jean relembra a festa da torcida, destaca a emoção no discurso: Francês mostra-se maravilhado e extasiado com a memória do Mineirão lotado por torcedores de diversas classes sociais.

Curiosamente, a patemização passa do tópico da alegria para o da tristeza, quando o torcedor utiliza o advérbio axiológico “acabou”, ao dizer que o futebol moderno, com o processo de elitização, cessou a festa, alijando uma parte dos fanáticos.

Ao afirmar, ainda no começo do discurso, que “o estádio era o único lugar que você podia misturar as classes sociais do Brasil”, Jean expõe o imaginário de um “país que exclui, discrimina e separa as pessoas”. É um saber de experiência, que, na análise de um estrangeiro, se torna ainda mais latente, uma vez que as desigualdades no Brasil se fazem notar em quase todos os ambientes.

Na segunda resposta, o adjetivo axiológico “absurdo” sinaliza a posição dele diante do futebol moderno, que, na avaliação do próprio torcedor, afastou os mais pobres do estádio. Como

presidente da Máfia Azul no início dos anos 2000, Jean Marc disse ter se posicionado em solidariedade aos mais humildes. O verbo “briguei”, axiológico que ele utiliza para narrar que tentou negociar com a diretoria do Cruzeiro, indica uma posição combativa do então líder da torcida organizada e certa indignação no discurso.

Francês ainda traz o imaginário da “força popular no futebol”, exaltando o amor dos mais pobres pelo time de coração como sendo o sentimento legítimo. “Libera as curvas a preço popular para atrair o povão mesmo, porque o povão que tem força para cantar, que gosta do time, que tem essa paixão pelo time”. Nesse trecho, Jean Marc ativa alguns subjetivemas para caracterizar o povão: o axiológico “força” ressalta a energia na arquibancada dos mais pobres que, para ele, empurram o time com gritos de guerra e muita empolgação; os afetivos “gosta” e “paixão” destacam a experiência de sentimentos das classes mais populares na relação com o time.

Mais uma vez sob a égide do saber de experiência, Jean Marc evoca o imaginário de torcedor moderno, “produtor de *selfies* e consumidor de novos modismos”. “Agora, você vê no estádio, a maioria das pessoas está lá se selfando assim, não tem graça não. Para mim desmotiva ir no campo de futebol. Ficar tirando foto de mim?”, diz Francês, utilizando o axiológico “desmotiva”, assinalando desânimo (efeito patêmico) com uma nova forma de torcer que vem ganhando seguidores.

Bem diferente do novo perfil de torcedor descrito acima, Francês exalta, em seguida, o imaginário do organizado como “aguerrido e vibrante” (“Negócio para mim é cantar e encarar a torcida dos outros”). O axiológico “encarar” sugere, mais uma vez, uma faceta agressiva, confirmando estereótipo social já mencionado no eixo violência.

Por fim, o ex-líder da Máfia Azul relaciona elitização e violência. Observamos no discurso o imaginário elitista que vincula pobreza aos atos de agressão nos estádios, demonstrando preconceito ao criminalizar a pobreza: “Como eu falo, os problemas diminuem [com a elitização], a violência diminui [também com a elitização]<sup>65</sup>. Mas a violência dentro do estádio, porque fora continua”.

Lopes (2012) trabalha com o conceito de que estigmas podem contaminar grupos sociais mais amplos. Então, se a violência está relacionada em especial aos torcedores organizados, um efeito em onda também pode atingir os mais pobres. A solução vendida, segundo o autor citado, é

---

<sup>65</sup> Acrescentamos os implícitos ao discurso de Jean Marc para evidenciar a nossa posição na análise.

que a elitização acaba com os problemas de violência – e até mesmo os torcedores organizados compram essa ideia, como no caso de Jean Marc. Mas fica o questionamento: o problema da violência são os atos de agressão ou a pobreza? Selecionamos um trecho da tese de Lopes (2012) que sintetiza bem essa noção:

Nesse sentido, o estigma que marca o torcedor organizado (tomado como um pobre desacreditado) pode estar contaminando todos os torcedores pobres – principalmente os jovens – convertendo esses torcedores em sinônimo de suspeitos ou, pior, de bandidos. Diante disso, pode estar contribuindo para um conjunto mais amplo de relações de dominação: dos não pobres sobre os pobres (p.318)

Feita a análise do discurso de Jean Marc, observaremos agora o depoimento de Daniel Sales.

#### 4.5.3.3 Depoimento de Daniel Sales

**Pergunta:** Como você viu o passar dos anos na arquibancada?

**Resposta de Daniel Sales:** *Futebol mudou muito. As festas que a gente fazia na década de 1990, no antigo Mineirão, as novas arenas não permitem. Eles utilizam muita coisa que pode. Eles querem diminuir número de bandeira, coisa que não tem nada a ver, já que o mais bonito do futebol é a festa que a torcida faz no estádio. E os jogadores veem aquela festa, pô... a torcida faz a diferença. E eles proibiram a festa do futebol, o futebol fica chato. Imagina você ir para o Mineirão sem bandeira, sem torcida organizada, sem barulho, eles querem fazer do futebol teatro.*

Logo de início, Daniel Sales aciona um imaginário saudosista de que “o futebol era melhor no passado”. O relato fica preso às lembranças positivas, e por meio de um saber de experiência, Daniel explica que, em função de algumas restrições da administração do estádio Mineirão, a festa das arquibancadas perdeu sua essência com o passar do tempo.

O torcedor se vale do imaginário “futebol como festa popular” para criticar a elitização do esporte que, para ele, cerceou as classes sociais mais pobres de assistirem aos jogos. O torcedor ilustra a ideia da elitização do futebol como uma peça de teatro, evocando um imaginário de “lugar enfadonho, chato”.

Algumas marcas enunciativas revelam a posição crítica do torcedor em relação ao processo denominado elitização do futebol: os axiológicos “proibiram”, que está ligado à censura, e “chato”, descrevendo a forma maçante e sem empolgação que o futebol se transformou. Há um efeito patêmico de desânimo com as mudanças que, em seu entendimento, prejudicaram os torcedores organizados e suas formas de torcer. Essa percepção pode provocar um desalento também no interlocutor, em um processo de identificação-projeção.

#### 4.5.3.4 As imagens de si no discurso sobre a elitização do futebol

O processo de elitização do futebol foi danoso aos torcedores organizados. Esta é a avaliação dos colaboradores da Máfia Azul nas entrevistas. Ambos evocam imaginários saudosistas das festas na arquibancada no passado. No discurso, os três torcedores sugerem *ethé* de frustrados e de vítima desse processo.

Neste eixo – elitização do futebol –, os três organizados se colocam como observadores dessa mudança, pois todos eles frequentavam os estádios de futebol no momento anterior.

Fundador da organizada, Toscanini promove imagens de derrotado e frustrado com mudanças em três aspectos distintos: (i) estruturais, devido à reconstrução do estádio do Mineirão, na qual o espaço mais popular foi extinto, como demonstra o seguinte trecho: “Fico triste. Eu gostava do Mineirão antigo”. (ii) Simbólicas, com a exclusão do pobre, o mais prejudicado com a elitização do futebol (“acho péssimo. O futebol é do povão”). E (iii) comportamentais, com o surgimento de uma nova cultura nas arquibancadas (“Nós estávamos lá embaixo da cabine, cara não me deixou xingar o bandeirinha. Fiquei arrasado”). Assim, observamos pelos trechos selecionados que o fundador da Máfia Azul se coloca também como uma vítima deste processo.

Embora critique e lamente a elitização, Eder Toscanini, contudo, indica uma contradição ao aprovar um suposto estilo europeu de torcer (“cara com a namoradinha do lado, acho isso bonito”), esta mesma cultura que tem privilegiado os endinheirados nos estádios<sup>66</sup>. Assim, denota-se um *ethos* que valoriza mais o que vem de fora do que propriamente o nacional.

Jean Marc também nos possibilita pensar *ethé* de frustrado e desmotivado com as mudanças provocadas pela elitização, como revela este trecho: “Agora, você vê no estádio, a maioria das pessoas está lá se selfando assim, não tem graça não. Para mim desmotiva ir no campo de futebol”. Francês também encena um *ethos* de prejudicado, reforçando processo de vitimização: “Prejudicou todo mundo. Não só a organizada. A Máfia Azul logicamente está prejudicada, porque quem participa são classes sociais mais humildes”. Em outro momento, Jean

---

<sup>66</sup> Na Inglaterra, o preço do ingresso de jogos de futebol tem sido discutido, com queixa de torcedores de vários clubes pelos altos valores praticados. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-ingles/noticia/2016/02/ingressos-caros-e-protestos-futebol-e-motivo-de-discussao-na-ingles.html>>. Acesso em: 20 de fev. de 2018.

Marc nos passa uma imagem de defensor dos interesses da Máfia Azul, quando apelou à diretoria do Cruzeiro para baratear os ingressos de determinados setores do estádio: “Uma vez eu já briguei, já conversei com a diretoria do Cruzeiro e falei: libera as curvas a preço popular para atrair o povão”.

Daniel Sales sinaliza *ethé* de líder desmotivado e frustrado com as mudanças que ocorreram no futebol: “E eles proibiram a festa do futebol, o futebol fica chato. Imagina você ir para o Mineirão sem bandeira, sem torcida organizada, sem barulho, eles querem fazer do futebol teatro”. Sales, como líder atual da Máfia Azul, encena um *ethos* de prejudicado, quando afirma que o futebol moderno impediu a manifestação popular das organizadas, reforçando a vitimização. “Futebol mudou muito. As festas que a gente fazia na década de 1990, no antigo Mineirão, as novas arenas não permitem. Eles utilizam muita coisa que pode. Eles querem diminuir número de bandeira, coisa que não tem nada a ver, já que o mais bonito do futebol é a festa que a torcida faz no estádio”.

Dessa forma, identificamos as imagens de frustrados, prejudicados e vítimas que os torcedores organizados encenam quando abordam o processo de elitização do futebol.

#### ***4.5.4 Eixo afirmação de identidades***

As representações de identidades estão por todo corpo discursivo das entrevistas dos torcedores organizados. Entretanto, tendo em vista a relevância desse aspecto para a pesquisa, resolvemos criar um eixo para observá-lo. Como dissemos anteriormente, são zonas porosas, como provam a análise.

O tópico da identidade foi explorado em profundidade no capítulo teórico. Arfuch (2010) coloca a narração de uma vida como uma forma de estruturação das identidades. Um indivíduo, segundo a autora, pode carregar uma pluralidade de identidades, contingentes e transitórias, não suscetíveis de representar uma totalidade essencial.

Já Machado (2016) explana sobre a identidade narrativa, construída no momento em que o sujeito recorre às lembranças. Segundo a autora mineira, o relato de uma vida permite que o entrevistado faça uma recomposição de sua identidade, selecionando os aspectos de acordo com motivos do seu interesse.

Observaremos como este tópico é construído nas narrativas dos organizados, começando pelo fundador.

#### 4.5.4.1 Depoimento de Eder Toscanini

**Pergunta:** A Máfia Azul virou Máfia Azul-Cru Fiel Floresta. Fale sobre essa junção.

**Resposta de Eder Toscanini:** *A Máfia Azul não paralisou as suas atividades. Eu tive um encontro, em 1984, com Jesus Cristo que hoje é o meu maior amigo. E nesta época o meu irmão levava a faixa para o Mineirão.*

**Pergunta 2:** Qual a diferença você sente de um organizado para um “torcedor comum”?

**Resposta de Eder Toscanini:** *Muita. Eu falo isso por mim (risos). Eu estou aqui com essa camisa conversando com você, aí eu ponho a camisa da Máfia Azul. É psicológico, cara. Eu queria entender como funciona isso. Eu estou conversando com você aqui e se eu for ali fora e colocar uma da Máfia Azul, eu não sei. Acho que outro assume (risos). Eu não sei. É incrível, parece que você se transforma, vira um super-homem. Não é legal, não. Mas que é uma coisa esquisita é.*

No primeiro trecho, Eder Toscanini se diz cristão. Quando afirma que teve um encontro com Jesus Cristo, seu “grande amigo” – axiológico para enaltecer a imagem da santidade –, o torcedor organizado aciona o imaginário de “bondoso, caridoso e amoroso”, da figura máxima do Cristianismo. Afinal, amigo é aquele que ama, que demonstra afeto; é aquele, também, que perdoa os muitos pecados e deslizes cometidos por um torcedor organizado. Notamos um efeito patêmico de alegria quando ele fala sobre Jesus, um tom de satisfação com esse encontro que mudou o rumo de sua vida.

Concomitantemente, é articulado um saber de crença, considerando que os filiados a uma religião creem em algo sobrenatural, com provas apenas pela fé. Embora o questionamento nada tenha a ver com a sua fé, o torcedor revelou a sua identidade de religioso, de alguém que mudou por meio da crença. Mesmo líder e fundador de uma torcida organizada e ligado, afetivamente, a um grupo de pessoas pelo futebol, Toscanini mudou o trajeto de sua vida, relegou por um tempo o futebol e a Máfia Azul, e passou a dar sentido aos seus dias seguindo as escrituras, a palavra de Deus, conforme podemos sugerir pelo discurso.

Já na segunda pergunta, Toscanini utiliza um saber de experiência para explicar as diferenças entre o torcedor organizado e o torcedor “comum” (não associado às torcidas): “Eu falo isso por mim”. Ou seja, ele já viveu e conhece as divergências. Prova disso é que o fundador da Máfia Azul afirma que vira um “super-herói” quando coloca a camisa da torcida organizada, usando um imaginário de “torcedor organizado como destemido e forte”.

O adjetivo axiológico “incrível” descreve essa experiência. A identidade de torcedor organizado emerge mesmo nas lembranças de Toscanini. Contudo, o “não é legal” e o “esquisito”, esses dois axiológicos expõem um julgamento negativo dele. Podemos entender que, agora afastado da Máfia Azul, a identidade de torcedor organizado começa a se chocar com a identidade de religioso que, no geral, desaprova o espírito valente e agressivo dos torcedores organizados. Assim, vemos uma mudança de posição de Toscanini, um desdobramento de quem narra os fatos hoje, com outra visão de mundo, característica das narrativas de vida.

Há um movimento de duplo efeito patêmico nessa parte do discurso. No início da enunciação, Toscanini demonstra fascínio com a transformação que ele sente ao vestir a camisa da organizada. Em seguida, é percebida uma mudança de rumo na forma como a emoção é tratada. O fundador da Máfia Azul descreve que perde o controle de si (“acho que outro assume”) e se torna um torcedor destemido e poderoso (“vira um super-homem”) podendo despertar no interlocutor o imaginário do “torcedor como violento”, desencadeando um efeito patêmico de medo.

Por sua vez, Jean Marc Gougeuil reforça a sua identidade francesa e cruzeirense.

#### 4.5.4.2 Depoimento de Jean Marc Gougeuil

**Pergunta:** Você imaginou que a Máfia Azul poderia crescer como cresceu e atingir os 40 anos?

**Resposta de Jean Marc:** *Nunca. No início, nunca imaginaria esse sucesso. É uma coisa que eu fiquei impressionado. Fiquei impressionado. Eu tinha esse amor que eu tenho até hoje. É o que eu falo: eu sou cruzeirense, francês e mafioso, e Máfia Azul dentro do sangue, daqui ninguém me tira. Acho interessante. Não sou brasileiro, sou cruzeirense. Isso tem que ficar bem claro.*

**Pergunta 2:** A exemplo da Máfia Azul, as torcidas organizadas parecem perder espaço nos últimos anos. Você acha que pode chegar o dia em que elas vão desaparecer?

**Resposta de Jean Marc:** *Não. Isso aqui é dentro do sangue. Isso aqui é DNA de torcedor organizado. Isso é dentro do sangue. O que acontece, isso dentro do sangue porque ele lutou, brigou, cantou, chorou, viajou, cansou, tá dentro do sangue. O que ele vai fazer, ele vai passar isso para o seu filho, para seu amigo e tudo mais. Está entendendo? É assim que a torcida organizada não vai acabar, porque organizada é DNA no sangue.*

Para analisar a afirmação das identidades de Jean Marc no discurso, selecionamos duas passagens, embora em outras partes isso já tenha ficado, de certa forma, evidenciado. Na primeira resposta, evoca o sentimento de “mafioso”, “francês” e “cruzeirense”. Quando descreve o crescimento da torcida, reafirma o imaginário de “lograr sucesso ao fazer com amor aquilo que se

gosta”. Observamos isso na seguinte parte: “Eu tinha esse amor que tenho até hoje”. Também a partir desse excerto, notamos o efeito patêmico de orgulho. Francês transmite alegria ao falar sobre a sua motivação em ser um torcedor organizado, de ter auxiliado na afirmação e imposição da Máfia Azul como uma das maiores organizadas do Brasil.

Mesmo que a receita para o êxito seja dedicação e paixão, elementos que os “mafiosos” tinham de sobra, Jean utiliza o axiológico “impressionado” e sugere surpresa com o crescimento da organizada. Como mencionado no capítulo teórico, a Máfia Azul, então uma torcida pequena, mas barulhenta e vibrante na década de 1970, suplantou todas as outras organizadas do Cruzeiro nos últimos anos de 1980 e no início de 1990, consolidando-se como a principal representante celeste nas arquibancadas dos estádios do Brasil.

Apesar de mais distante da torcida e do estádio, ele ainda se sente um “mafioso”. O “daqui ninguém me tira” indica essa sensação de pertencimento. A identidade de torcedor organizado corre “dentro do sangue” de Jean Marc, como ele chega a mencionar; a palavra “sangue” é acionada no sentido do imaginário de vida. Notamos, mais uma vez, a alegria, a patemização no discurso quando menciona os laços identitários que o amarram e dão origem ao que ele se tornou: “É o que eu falo: eu sou cruzeirense, francês e mafioso, e Máfia Azul dentro do sangue, daqui ninguém me tira”.

Vista em outros momentos, a nacionalidade de Jean Marc é mais uma vez mencionada. Ele se reafirma francês: “Não sou brasileiro, sou cruzeirense. Isso tem que ficar bem claro”. O fim da frase (“isso tem que ficar bem claro”) já indica a importância desse tema para ele.

No início da segunda resposta, Francês se vale de um saber de crença ao dizer que os torcedores organizados possuem um DNA distinto das outras pessoas. Essa afirmativa não há nenhuma possibilidade de ser provada. Trata-se de um saber de crença. Alguns torcedores, segundo esse raciocínio, estariam destinados a serem torcedores organizados; outros herdariam de seus pais, enquanto uma parte seria “catequizada” pelos amigos, afirma Jean Marc.

É possível observar um efeito patêmico de fervor quando o ex-presidente da Máfia Azul tenta explicar o que é o sentimento do organizado: “Isso aqui é dentro do sangue. Isso aqui é DNA de torcedor organizado. Isso é dentro do sangue”. O axiológico “sangue” seria, seguindo essa lógica, uma expressão do princípio vital constitutivo de todo torcedor organizado.

Em seguida, Jean Marc indica que há uma espécie de formação de caráter, no sentido de criação de traços comportamentais e morais dentro da torcida organizada. Ele aciona seis ações

típicas que auxiliariam nessa constituição do torcedor organizado. São os seguintes axiológicos: “lutar”, “brigar”, “cantar”, “chorar”, “viajar” e “cansar”, todos eles ligados ao imaginário de “torcedor organizado como um destemido e apaixonado”.

Por fim, o depoimento de Daniel Sales, que reafirma o amor pelo Cruzeiro e pela Máfia Azul.

#### 4.5.4.3 Depoimento de Daniel Sales

**Pergunta:** Qual a intensidade do sentimento que você sente em relação ao Cruzeiro e à Máfia Azul?

**Resposta de Daniel Sales:** *O maior sentimento é o clube, nosso maior sentimento é o Cruzeiro Esporte Clube, nós vivemos pelo Cruzeiro, entendeu!? O maior sentimento é torcer pelo Cruzeiro, por isso a Máfia Azul existe. A Máfia Azul está há 40 anos acompanhando o Cruzeiro. 40 anos de amor ao Cruzeiro Esporte Clube.*

**Pergunta 2:** Por que o futebol desperta tanta paixão em você?

**Resposta de Daniel Sales:** *É o amor pelo Cruzeiro desde pequeno e sempre vontade de fazer parte da Máfia Azul que representa o Cruzeiro nas arquibancadas, dentro e fora de Minas. Onde o Cruzeiro está, a torcida está para apoiar e levar seu incentivo para o Cruzeiro. E o maior orgulho que tenho é prestar serviço para o Cruzeiro e a Máfia Azul, me motiva cada vez mais a gente estar sempre inovando, como criamos agora a TV Máfia Azul.*

Na primeira resposta, Daniel Sales assume a identidade de cruzeirense acima de outras: “O maior sentimento é o clube, nosso maior sentimento é o Cruzeiro Esporte Clube, nós vivemos pelo Cruzeiro, entendeu?!”. O axiológico “vivemos pelo Cruzeiro” reforça o imaginário de “torcedor organizado como abnegado, dedicado” ao clube. Porém, da mesma noção pode nascer outro imaginário na cabeça do interlocutor: “torcedor organizado como vagabundo, que vive do clube”, um estigma muito difundido nos dias de hoje.

No discurso, o Cruzeiro aparece como motor da existência do torcedor organizado e da própria Máfia Azul. Assim, o ser cruzeirense passa a ser uma forma de vida para Daniel Sales. Pelos subjetivemas, observa-se a grandiosidade dada ao Cruzeiro no discurso: o termo “maior” aparece três vezes, reforçando importância do clube. É possível checar os efeitos patêmicos de orgulho e satisfação pelo pertencimento à Máfia Azul e ao Cruzeiro.

No início da segunda resposta, Daniel Sales nos faz pensar no imaginário de que “time não se escolhe”, já nascemos torcendo e desde a mais tenra infância nos identificamos com uma agremiação. Esse saber de crença é muito comum no meio do futebol não apenas no Brasil, mas em outras tantas regiões nas quais o esporte bretão tem grande popularidade. Na sequência, por

meio de um saber de experiência, Daniel Sales constrói, novamente, o imaginário de “torcedor organizado como um abnegado”, alguém que viaja para fora de Minas Gerais, enfrenta longas distâncias para levar seu incentivo ao Cruzeiro. O afetivo “amor” indica uma rede de sentimentos que envolvem tanto o Cruzeiro quanto a Máfia Azul. Já o axiológico “orgulho” mostra o sentimento dele de prazer por estar inserido nesse grupo (clube de futebol e torcida organizada).

No último trecho, observam-se efeitos patêmicos de alegria e de orgulho. O torcedor se reconhece como organizado e cruzeirense e não esconde a satisfação de pertencer a esses grupos. O axiológico “motiva” também indica a empolgação de Daniel Sales por trabalhar pelo clube de coração na torcida organizada que o acolheu ainda na adolescência.

#### 4.5.4.4 Imagens de si no discurso sobre afirmação de identidades

Em comum, podemos notar a imagem de fanatismo criada pelos torcedores organizados. Segundo o *Houaiss*<sup>67</sup>, o fanatismo estaria ligado a uma “adesão cega a um sistema ou doutrina ou dedicação excessiva”. Separamos trechos dos discursos de cada torcedor para embasar nossa análise. Outros *ethé* também foram encontrados.

Eder Toscanini sugere que perde o controle dos atos, tamanha a adesão ao “espírito” de torcedor organizado, encenando imagem de fanático: “Eu estou conversando com você aqui e se eu for ali fora e colocar uma da Máfia Azul, eu não sei. Acho que outro assume (risos). Eu não sei. É incrível, parece que você se transforma, vira um super-homem”. Nesse último trecho, podemos observar também os *ethé* de poderoso e viril, quando afirma se transformar em um super-homem.

Por outro lado, Toscanini também desenvolve uma imagem de religioso, alguém que tenta dar significado à vida de acordo com os mandamentos bíblicos. O seguinte trecho nos permite pensar isso: “Eu tive um encontro, em 1984, com Jesus Cristo que hoje é o meu maior amigo”.

Jean Marc projeta *ethos* de torcedor organizado fervoroso. O fanatismo dele pela Máfia Azul pode ser notado no discurso, que é altamente patêmico: “(...) Máfia Azul dentro do sangue, daqui ninguém me tira”. O lado francês também aflora, ressaltando uma imagem de estrangeiro e de alguém que tem orgulho de suas origens. E isso não apenas pelo *ethos* dito, mas também pelo forte sotaque francês, elemento importante para criação da imagem de si, e pelo apelido de Jean

<sup>67</sup> Pesquisa realizada no dicionário eletrônico Houaiss. Disponível em: <<https://houaiss.uol.com.br/>> . Acesso em: 2 de fev. de 2018.

Marc (conhecidos por todos como Francês), que já revela sua origem. O seguinte trecho nos faz pensar nessa imagem: “Eu sou cruzeirense, francês e mafioso (...) Não sou brasileiro, sou cruzeirense. Isso tem que ficar bem claro”.

Já Daniel Sales constrói uma imagem de cruzeirense orgulhoso por trabalhar em prol do clube dentro da Máfia Azul. É possível notar *ethé* de dedicado e amoroso, pelo fato dele viver em função do Cruzeiro e da torcida organizada: “E o maior orgulho que tenho de prestar serviço para o Cruzeiro e Máfia Azul, me motiva cada vez mais a gente estar sempre inovando, como criamos agora a TV Máfia Azul”. A imagem de fanático de Sales é projetada quando ele enuncia a importância do Cruzeiro em sua vida, ao dizer que vive pelo clube: “O maior sentimento é o clube, nosso maior sentimento é o Cruzeiro Esporte Clube, nós vivemos pelo Cruzeiro, entendeu!?! (...)”.

Portanto, os torcedores organizados da Máfia Azul desenvolvem, em comum, imagens de fanáticos.

#### **4.5.5 Eixo doutrina e ideologia**

Analisaremos doutrina e ideologia pelos estudos de Charaudeau (2007). O autor francês explica esses dois conceitos por meio da lógica dos imaginários sociodiscursivos. Ambos estão dentro do saber de crença por revelação, uma verdade exterior ao sujeito e que não pode ser verificada por métodos de conhecimento. O sujeito aceita a verdade, independentemente de possíveis contradições.

Em relação à doutrina, ainda segundo o estudioso citado, trata-se de discurso exclusivamente fechado, fundando sua legitimidade em uma tradição, podendo ser oral ou escrita, instituída em um dogma, um princípio estabelecido.

Já a ideologia constitui-se em representação social erguida em um sistema de ideias genéricas, funcionando como base para a tomada de decisão. As ideologias são valores (afetivos/normativos) que definem os princípios discursivos de racionalização e auto justificação.

Tendo em vista esses pressupostos, analisaremos alguns trechos que nos fazem pensar essas características no discurso dos torcedores. Começaremos pelo fundador, Eder Toscanini.

##### **4.5.5.1 Depoimento Eder Toscanini**

**Pergunta:** Qual o lado positivo você vê nas organizadas, em especial à Máfia Azul?

**Resposta de Eder Toscanini:** *A nossa união. Isso eu acho legal. Ou a união por bem ou por mal. Se os caras estão lá por mal, eles vão até o fim. A união, o amor que um sente pelo outro, mas queria que essa coisa ruim fosse para o bem, queria que houvesse este tipo de vínculo com a torcida do rival, esta amizade com os outros caras. O cara que está do outro lado é um ser humano igual, só é atleticano, só é americano, só é flamenguista, só é palmeirense, mas todos nós somos criaturas de Deus.*

Nesse excerto, Toscanini destaca a união dos integrantes da Máfia Azul em qualquer circunstância. Quando menciona que os torcedores organizados estão dispostos a levar um ideal até as últimas consequências, seja para o bem ou para o mal, isso caracteriza, a nosso ver, a Máfia Azul como uma instituição possuindo certas ações doutrinárias. Na frase “se os caras estão lá por mal, eles vão até o fim”, podemos observar como é fechado o discurso, característica típica de um dogma. Não importa o fim, importa, nesse caso, a lealdade como valor ideológico.

A violência, por exemplo, passa a fazer sentido nesse contexto. A doutrina instaurada dentro das organizadas, de tão fechada, não permite questionamentos. Então, por mais que os organizados tenham em mente o lado nocivo do uso da força nas brigas, eles seguem essa prática porque ela já está estabelecida na cultura das torcidas. O axiológico “mal” utilizado por Toscanini liga os torcedores ao imaginário da criminalidade: “o organizado como violento e bandido”, estereótipo disseminado socialmente. Há um efeito patêmico que pode despertar temor, medo no interlocutor. Afinal, se os organizados vão até o fim pelo “mal”, consequências graves podem se originar dessa ação.

Na continuação da resposta, é possível notar um discurso moralizante, que nasce de um saber de crença. Toscanini recorre à religião para proclamar a paz entre as torcidas organizadas. Emerge o imaginário de “irmandade cristã”, que está ancorado nas escrituras sagradas, confirmando-se, assim, o saber de revelação da doutrina religiosa. Mesmo sem evidências de uma divindade, se crê naquilo e segue os mandamentos. Na Bíblia, o profeta Mateus coloca o “amar ao próximo como a ti mesmo” como um dos ensinamentos de Jesus Cristo<sup>68</sup>. O próximo seria o

---

<sup>68</sup> No novo evangelho segundo Mateus, do 34º ao 46º versículo do capítulo 22, é narrado os dois principais mandamentos de Deus. “Depois que os fariseus ouviram que Jesus havia silenciado os saduceus, reuniram-se num só grupo. E um deles, perito na Lei, o pôs à prova com uma pergunta: “Instrutor, qual é o maior mandamento da Lei?”. Ele lhe disse: “‘Ame o Senhor, seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de toda a sua mente’. Esse é o maior e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a esse, é: ‘Ame o seu próximo como a si mesmo’. Desses dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas”.

outro, o diferente - nas escrituras, o exemplo é a solidariedade de um samaritano a um judeu, povos que viviam em conflito<sup>69</sup>.

Toscanini traz essa lição bíblica para o mundo das organizadas. “O cara que está do outro lado é um ser humano igual, só é atleticano, só é americano, só é flamenguista, só é palmeirense, mas todos nós somos criaturas de Deus”. Pode-se notar um efeito patêmico de esperança, um desejo de mudança nas organizadas. Toscanini espera que o comportamento conhecidamente violento se transforme em tolerância e entendimento com o próximo: “Queria que houvesse este tipo de vínculo com a torcida do rival, esta amizade com os outros caras”.

Em seguida, analisamos o discurso de Jean Marc.

#### 4.5.5.2 Depoimento de Jean Marc Gougeuil

**Pergunta:** Ainda quando a organizada era pouco conhecida, vocês tiveram ajuda do clube?

**Resposta de Jean Marc:** *Nada, nada, era do próprio sangue dos torcedores. A gente fazia isso por amor ao clube e à torcida. E tem que falar uma coisa, a gente era tipo uma irmandade. Eu tô falando a Máfia, não os outros. A Máfia começou como uma irmandade. Até hoje esses fundadores são meus amigos, tem 30 anos. A gente virou amigo de torcida organizada, de clube, e é amigo até hoje.*

Pelo relato de Jean Marc, a torcida organizada passa a fazer parte de uma doutrina, conjunto de ideias compartilhadas por todos eles. Ele utiliza o termo “irmandade” para se referir ao grupo de componentes da Máfia Azul. Assim como no discurso de Toscanini, a lealdade aparece como principal valor da organizada. É por meio dela que as relações se estabelecem, transformando-se no motor ideológico da Máfia Azul: a lealdade como um dos princípios básicos.

---

<sup>69</sup> Já o profeta Lucas explica quem seria exatamente o próximo a quem Jesus disse que devemos amar como a nós mesmos. Está no capítulo 10, do versículo 29 a 37, do novo testamento: “Mas, querendo se mostrar justo, o homem perguntou a Jesus: “Quem é realmente o meu próximo?”. Em resposta, Jesus disse: “Um homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos de assaltantes, que lhe arrancaram tudo, o espancaram e foram embora, deixando-o quase morto. Por coincidência, um sacerdote descia por aquela estrada, mas, quando o viu, passou pelo lado oposto. Do mesmo modo, um levita, quando chegou ao lugar e o viu, passou pelo lado oposto. Mas certo samaritano, viajando pela estrada, o encontrou e, ao vê-lo, teve pena. De modo que se aproximou dele e enfaixou seus ferimentos, derramando neles azeite e vinho. Então o pôs no seu próprio animal, o levou a uma hospedaria e cuidou dele. No dia seguinte tirou dois denários, deu-os ao hospedeiro e disse: ‘Cuide dele e, tudo o que você gastar além disso, eu lhe pagarei quando voltar.’ Qual desses três você acha que mostrou ser o próximo do homem que caiu nas mãos de assaltantes?”. Ele respondeu: “Aquele que agiu misericordiosamente com ele.” Jesus lhe disse então: “Vá e faça você o mesmo.”

Quando diz que as ações da organizada eram frutos do “sangue dos torcedores”, Jean Marc se vale do imaginário do “torcedor organizado como um abnegado”, que se dedica sem nenhuma contrapartida financeira ou vantagem pessoal; tudo único e exclusivamente pelo amor ao clube e à torcida.

O axiológico “irmandade” está ligado à fraternidade, grupo de torcedores organizados com uma relação de extrema confiança e solidariedade. Os laços são tão fortes - no discurso aparece o afetivo “amor” para definir essa relação -, que mesmo após a saída dos torcedores da organizada, a amizade entre eles continua. A partir disso, é possível entender a existência de um efeito patêmico de orgulho e alegria por ter participado dessa história da organizada e ter saído de lá com muitos amigos.

#### 4.5.5.3 Depoimento de Daniel Sales

**Pergunta:** Como você vê a Máfia Azul hoje e a participação feminina?

**Resposta de Daniel Sales:** *A torcida Máfia Azul é uma família, nós somos uma família, unidos. As meninas ajudam muita nesta questão de ação social. Elas ajudam quando tem uma grande festa, ajudam cortando papel picado, fazem balão. Em todo processo de uma festa de futebol, as meninas que vêm para ajudar. Nas ações sociais, as meninas se juntam e veem o que a torcida pode doar.*

O termo “família”, logo no início do discurso de Daniel Sales, evoca o imaginário de “um grupo de pessoas unido por laços afetivos”. Como ocorreu com os outros dois torcedores, notamos a lógica da lealdade dos membros da Máfia Azul mais uma vez como base ideológica, um preceito imprescindível para seus integrantes. Assim, para ser um membro da organizada, para fazer parte desta “família”, como mencionado por Sales, tem que haver respeito a esse princípio formador. Observamos também o axiológico “união” como um indicativo agregador. Essa explicação indica uma patemização ligada ao orgulho de se fazer parte deste grupo de torcedores.

Na sequência da explicação, o discurso de Daniel indica que o machismo é um dos valores presentes dentro da Máfia Azul. O imaginário de “mulher como frágil e apta a desempenhar apenas funções menos importantes” está presente no discurso. As mulheres participam de trabalhos sociais e de organização das festas, sendo preteridas em outras atividades, como cargos de chefia (diretorias executiva e fiscal e conselhos fiscal e deliberativo), puxador (responsável por iniciar os gritos de guerra na arquibancada) e baterista (quem fica com os

instrumentos que dão o tom das canções), entre outros. “Cortando papel picado, faz balão”, exemplifica Daniel Sales, sobre o que fazem as moças na Máfia Azul, reforçando os estereótipos acerca desse grupo.

#### 4.5.5.4 Imagens de si no discurso do eixo ideologia e doutrina

Como foi descrito acima, a lealdade aparece como principal valor defendido. Segundo o dicionário eletrônico *Houaiss*, o termo significa “respeito aos princípios e regras que norteiam a honra e a probidade”. Nesse caso, trata-se de algo fechado: defende-se o cumprimento dos ditames morais da organizada. Para isso, é preciso uma adesão total. Questionamentos e dúvidas não são bem-vindos nesse ambiente. Assim, os três torcedores acionam um *ethos* de fidelidade à Máfia Azul, uma vez que todos eles participaram e aderiram aos preceitos da organizada.

Eder Toscanini encena a imagem de fiel quando destaca a união entre os integrantes da Máfia Azul, seja ela por motivos nobres ou não. No seguinte trecho, o fundador da organizada indica esse princípio que rege as relações: “A nossa união. Isso eu acho legal. Ou a união por bem ou por mal. Se os caras estão lá por mal, eles vão até o fim. A união, o amor que um sente pelo outro (...)”.

Em outro trecho, Toscanini assume um *ethos* dito de liderança pacífica, nos fazendo pensar também em uma imagem de religioso, uma vez que sua explicação se resume nos preceitos de Jesus Cristo contidos no evangelho. Podemos observar essas características neste trecho: “O cara que está do outro lado é um ser humano igual, só é atleticano, só é americano, só é flamenguista, só é palmeirense, mas todos nós somos criaturas de Deus”.

Jean Marc, por sua vez, indica imagens de fidelidade e de líder agregador, de alguém que cria vínculos duradouros a partir da confiança, como pode ser visto neste trecho: “A Máfia, ela começou como uma irmandade. Até hoje esses fundadores são meus amigos, tem 30 anos. A gente virou amigo de torcida organizada, de clube, e é amigo até hoje”. Francês ainda demonstra imagem de amoroso, uma paixão pela Máfia Azul e pelo Cruzeiro, conforme esta passagem que segue: “A gente fazia isso por amor ao clube e à torcida”.

Daniel Sales encena o *ethos* de fidelidade à Máfia Azul logo no início de sua enunciação, quando recorre aos termos “família” e “união” para descrever as relações dentro da organizada: “A torcida Máfia Azul é uma família, nós somos uma família, unidos”. Sales também evoca um

*ethos* machista que, vindo de um dos líderes da Máfia Azul, reforça o lugar das mulheres na torcida organizada, indicando que elas são menores nos espaços de poder, onde os homens prevalecem. A seguinte frase indica o papel secundário feminino: “Elas ajudam quando tem uma grande festa, ajudam cortando papel picado, fazem balão (...)”.

#### 4.6 Quadro comparativo

Para melhor apreensão da análise, apresentamos os resultados em tabelas. Fizemos a divisão em quatro quadros, com cada um dos operadores: imaginários sociodiscursivos, subjetivemas, efeitos patêmicos e, por fim, imagens de si, o *ethos*.

##### 4.6.1 Imaginários Discursivos

<b>Torcedores organizados</b>	<b>Eder Toscanini</b>	<b>Jean Marc Gougeuil</b>	<b>Daniel Sales</b>
<b>Eixo violência</b>	Violência como uma guerra entre as organizadas; torcedor organizado como violento; direitos humanos como proteção para bandidos.	Banalidade da violência no Brasil; homens resolvem as coisas na mão; torcedor organizado como violento.	Violência está por toda parte, país da impunidade; homens não podem demonstrar fraquezas; torcedor organizado como violento.
<b>Eixo representação midiática do torcedor organizado</b>	Mídia como reprodutora de notícias ruins; imprensa sensacionalista.	Imprensa sensacionalista.	Imprensa sensacionalista.
<b>Eixo elitização do futebol</b>	Futebol como esporte popular e democrático; Europa como cultura	Futebol como esporte popular e democrático; país da exclusão social; força	Futebol como esporte popular e democrático.

	futebolística mais evoluída.	popular no futebol; novo torcedor como produtor de ‘selfies’; pobre como violento.	
<b>Eixo afirmação de identidades</b>	Jesus como bondoso e caridoso; torcedor organizado como destemido e forte.	Fazer bem aquilo que se gosta; torcedor organizado como um destemido, guerreiro e apaixonado.	Torcedor organizado como abnegado e dedicado; time de futebol não se escolhe, já nascemos torcendo.
<b>Eixo doutrina e ideologia</b>	Torcedor organizado como violento e bandido; irmandade cristã.	Torcedor organizado como um abnegado.	Máfia Azul como uma família; mulher como sexo frágil.

TABELA 1 – Imaginários sociodiscursivos no discurso dos líderes da Máfia Azul

#### 4.6.2 Subjetivemas (Axiológicos e afetivos)

<b>Torcedores organizados</b>	<b>Eder Toscanini</b>	<b>Jean Marc Gougeuil</b>	<b>Daniel Sales</b>
<b>Eixo violência</b>	Briga, fuzil, faca, revólver, matar, tranquilo, absurdo.	Números tristes; absurdo; escândalo; brigava, na mão, no tapa, pedrada; invadia; covardes; covardia.	Assusta; preocupa; torcida organizada não tem santo; ninguém passa por cima da gente; ninguém vai passar por cima da Máfia Azul.
<b>Eixo representação midiática do torcedor organizado</b>	Problema; derramamento de sangue.	Crimes horríveis; gosta de vender o negativo; crime no	Mídia quer sangue; o que vende é briga.

		futebol dá mais ibope.	
<b>Eixo elitização do futebol</b>	Fico triste; o ingresso é muito caro, muito caro; eu acho péssimo; futebol é do povão; morro de saudades da geral, coisa maravilhosa era geral.	Estádio como único lugar em que você pode misturar as classes sociais no Brasil; futebol moderno acabou com isso; adorava; festa incrível; povão que tem força pra cantar, que gosta do time, que tem essa paixão pelo time.	Mais bonito do futebol é a festa que as torcidas fazem; eles proibiram a festa do futebol, o futebol fica chato.
<b>Eixo afirmação de identidades</b>	Meu maior amigo (Jesus); é incrível; parece que você se transforma, vira um super-homem; coisa esquisita.	Nunca; impressionado; eu tinha esse amor que tenho até hoje; Máfia Azul dentro do sangue; daqui ninguém me tira; brigou; cantou; chorou; cansou; organizada é DNA no sangue.	Maior sentimento é o Cruzeiro Esporte Clube; nós vivemos pelo Cruzeiro; 40 anos de amor ao Cruzeiro Esporte Clube; é o amor pelo Cruzeiro; maior orgulho; me motiva cada vez mais.
<b>Eixo doutrina e ideologia</b>	Acho legal; o amor que um sente pelo outro; queria que esta coisa ruim, fosse para o bem.	Do próprio sangue dos torcedores; fazia isso por amor; irmandade.	A torcida Máfia Azul é uma família.

TABELA 2 – Subjetivemas no discurso dos líderes da Máfia Azul

#### 4.6.3 Efeitos patêmicos

<b>Torcedores organizados</b>	<b>Eder Toscanini</b>	<b>Jean Marc Gougeuil</b>	<b>Daniel Sales</b>
<b>Eixo violência</b>	Medo.	Indignação e medo.	Medo.
<b>Eixo representação midiática do torcedor organizado</b>	Indignação.	Indignação.	Indignação.
<b>Eixo elitização do futebol</b>	Dor e tristeza.	Alegria, tristeza e desânimo.	Desânimo.
<b>Eixo afirmação de identidades</b>	Alegria e medo.	Orgulho, alegria e fervor.	Alegria e orgulho.
<b>Eixo doutrina e ideologia</b>	Medo e esperança.	Orgulho e alegria.	Orgulho.

TABELA 3 – Efeitos patêmicos no discurso dos líderes da Máfia Azul

#### 4.6.4 Imagens de si no discurso, o ethos

<b>Torcedores organizados</b>	<b>Eder Toscanini</b>	<b>Jean Marc Gougeuil</b>	<b>Daniel Sales</b>
<b>Eixo violência</b>	Virilidade e agressividade.	Virilidade e agressividade.	Virilidade, agressividade e protetor.
<b>Eixo representação midiática do torcedor organizado</b>	Prejudicado e vítima.	Prejudicado e vítima.	Prejudicado e vítima.
<b>Eixo elitização do futebol</b>	Frustrado, derrotado e vítima.	Frustrado, desmotivado, vítima, prejudicado e defensor dos	Frustrado, desmotivado, vítima e prejudicado.

		interesses da organizada.	
<b>Eixo afirmação de identidades</b>	Fanático, poderoso, viril e religioso.	Fanático e estrangeiro.	Fanático, cruzeirense e orgulhoso.
<b>Eixo doutrina e ideologia</b>	Fidelidade à Máfia Azul e liderança pacífica.	Fidelidade à Máfia Azul, líder agregador e amoroso.	Fidelidade à Máfia Azul e machista.

TABELA 4: Imagens de si no discurso, o *ethos*

#### 4.7 Balanço interpretativo

Por meio do discurso, os seres a todo tempo dizem “que somos isso, e não aquilo”, como bem cunhou Barthes, segundo Amossy (2005). Pois esse é o “espírito” do *ethos*. Apesar das várias diferenças entre os três torcedores organizados entrevistados (nacionalidade, idade, períodos distintos dentro da organizada), há uma convergência de opiniões e pontos de vistas em relação a grande parte dos assuntos abordados, como demonstram os eixos analisados. A partir das categorias de análise, foi possível notar que Eder Toscanini, Jean Marc e Daniel Sales possuem vários *ethé* em comum.

Na integração do *ethos* prévio com o discursivo, mostramos que os torcedores confirmam alguns estereótipos sociais. No diz respeito à violência, os três torcedores projetam *ethé* de virilidade e agressividade. Essas imagens são representações sociais já cristalizadas na sociedade e contribuem, muitas vezes, para que a Máfia Azul e as organizadas em geral estejam associadas aos atos agressivos, reforçando uma concepção pejorativa.

Outras imagens em comum também estão presentes no discurso dos líderes da Máfia Azul. O *ethos* de vítima diante do discurso midiático foi confirmado pelos três, assim como o de frustrado diante da elitização do futebol. Já no eixo afirmação de identidades, é possível notar, em comum, uma imagem de fanatismo. Por fim, na segmentação doutrina e ideologia, observamos o *ethos* de fidelidade dos torcedores à Máfia Azul e aos outros organizados que fazem parte, segundo eles, de uma família.

Em relação às identidades, notamos as esperadas articulações discursivas que apresentam uma integração ao sentimento de pertencimento pelo Cruzeiro e pela Máfia Azul. Contudo, as

particularidades de cada sujeito social também se afluíram. Jean Marc demarca a sua posição de estrangeiro. Apesar da distância, a França ainda continua presente na identidade dele, que ganhou, em Minas Gerais, o apelido de sua terra querida. Em alguns momentos, Jean Marc denota o ser francês, cruzeirense e mafioso e nega uma possível brasilidade: “Sou cruzeirense, francês e mafioso, e Máfia Azul dentro do sangue, daqui ninguém me tira (...) Não sou brasileiro, sou cruzeirense”. Notamos em Jean Marc um discurso bem politizado, de quem conhece as mazelas brasileiras: desigualdade, distribuição de renda, violência.

Já Eder Toscanini revela sua faceta religiosa. O fundador da Máfia Azul tornou-se cristão fervoroso e, em vários momentos, foi possível observar como ele agrega parte dos pressupostos do evangelho nos seus relatos, por exemplo, nos seguintes trechos: “Eu tive um encontro, em 1984, com Jesus Cristo que hoje é o meu maior amigo” e “o cara que está do outro lado é um ser humano igual”. O poder da crença cristã faz com que a metáfora do encontro com Jesus se torne algo que altere, significativamente, a forma como Toscanini observa a vida. E, por fim, na última frase, a lógica da caridade, virtude dos que seguem as escrituras.

O pertencimento de Daniel Sales à torcida organizada Máfia Azul e ao Cruzeiro são as identidades mais latentes. Alguém orgulhoso por viver em prol do clube de coração, como mostra a seguinte construção discursiva: “O maior sentimento é o clube, nosso maior sentimento é o Cruzeiro Esporte Clube, nós vivemos pelo Cruzeiro, entendeu!?”. Em outra parte, podemos observar o sentimento de alegria e orgulho dele de estar inserido nestes dois grupos (cruzeirense e mafioso), fazendo disso a sua vida. “E o maior orgulho que tenho de prestar serviço para o Cruzeiro e Máfia Azul, me motiva cada vez mais”.

A despeito de possíveis contradições que poderiam haver entre identidades tão distintas, está a lógica da diversidade humana, na qual o sentimento de pertencimento pode ser, conforme analogia, uma colcha de retalhos que é cuidadosamente costurada e, às vezes, descosturada, em um movimento contingente e transitório, de acordo com explicação de Arfuch (2010). Assim, os torcedores podem acumular algumas identidades, diversidade essa que ajuda a explicar as singularidades entre os integrantes de um mesmo grupo.

Em relação às categorias de análise, observamos que, por meio dos imaginários sociodiscursivos, os torcedores organizados construíram suas representações da realidade, interpretando os acontecimentos da vida de acordo com a visão de mundo pessoal de cada um deles. De forma integrada, podemos observar também que os subjetivamos, em especial das

categorias dos axiológicos e dos afetivos, nas quais nos firmamos, contribuíram para auxiliar na articulação argumentativa. As marcas discursivas auxiliam na análise dos julgamentos dos torcedores sobre os assuntos abordados. A partir dessa junção, foi possível notar algumas noções. As principais, vistas nos discursos dos três torcedores, foram:

1 - Imprensa sensacionalista; para isso, os torcedores selecionaram os seguintes subjetivemas (axiológicos e afetivos): “mostra crimes horríveis”; “gosta de vender o negativo”; “crime no futebol dá mais ibope”; “mídia quer sangue”; “o que vende é briga”.

2 - Elitização como prejudicial ao torcedor organizado/pobre: “Fico triste”; “o ingresso é muito caro, muito caro”; “eu acho péssimo”; “o futebol é do povão”; “morro de saudade da geral”; “uma coisa maravilhosa é geral”; “fiquei arrasado”; “era o único lugar onde a torcida, os brasileiros se misturavam”; “futebol moderno acabou com isso”; “eu adorava”; “era uma festa incrível”; “prejudicou todo mundo”; “eu acho um absurdo”; “o povão que tem força para cantar, que gosta do time, que tem essa paixão pelo time”; “a maioria das pessoas está lá se selfando assim, não tem graça não”; “desmotivar ir no campo”; “isso é triste”; “o mais bonito no futebol é a festa que a torcida faz no estádio”; “o futebol fica chato”;

3 - Futebol como esporte democrático e do povo: “futebol é do povão”; “morro de saudades da geral”; “coisa maravilhosa era geral”; “estádio como único lugar em que você pode misturar as classes sociais no Brasil”; “futebol moderno acabou com isso”; “eu adorava”; “festa incrível”; “povão que tem força pra cantar, que gosta do time, que tem essa paixão pelo time”; “o mais bonito do futebol é a festa que as torcidas fazem”; “torcida faz a diferença”;

4 - Torcedor organizado como violento: “guerra, guerra mesmo, de faca, de revólver, de fuzil, de briga, de guerra mesmo, de matar mesmo”; “quase matou”; “brigava, brigava, na mão, tapa, no máximo uma pedrada”; “brigava, invadia”; “queria mostrar quem é quem, mas igual homem, na mão mesmo”; “covardes”; “covardia pura”; “a violência está no futebol também”; “torcida não tem santo”; “ninguém passa por cima da Máfia Azul”; “ninguém passa por cima da gente”;

5 - Torcedor organizado como leal e abnegado: “A torcida Máfia Azul é uma família”; “era do próprio sangue dos torcedores”; “fazia por amor ao clube e à torcida”; “a gente era tipo uma irmandade”; “a união das pessoas, acho isso legal”; “se os caras estão lá por mal, eles vão até o fim”; “o amor que um sente pelo outro”; vivemos pelo Cruzeiro”.

Em muitos momentos, é possível ver uma associação dos subjetivemas com os efeitos patêmicos. A emoção no discurso foi encontrada tanto na relação com a situação de comunicação, quanto nas pistas deixadas pelos axiológicos e afetivos. Tão comum aos torcedores, que são vistos como passionais, a patemização se manifestou nos trechos selecionados. No eixo violência, foi preponderante a visada que tem por objetivo provocar medo no interlocutor. Afinal, vimos nos depoimentos certa validação dos atos agressivos. Por isso, acreditamos que se trata de uma estratégia para causar temor no interlocutor, uma forma de os torcedores organizados imporem respeito, reafirmando a masculinidade.

No eixo elitização do futebol, foi flagrante um efeito de tristeza nos relatos que lamentavam a exclusão do torcedor mais pobres dos estádios. Já em relação à mídia, a indignação esteve presente nos enunciados, porque os organizados entendem que a imprensa cria uma imagem estigmatizada deles, noticiando apenas os fatos negativos. Em afirmação de identidades, encontramos uma patemização ligada ao orgulho, à alegria. Toscanini, por sua vez, demonstra certa vergonha ao falar que se transforma quando coloca uma camisa da Máfia Azul. Vimos que isso ocorre por causa do choque entre o sujeito social cristão e o sujeito social torcedor organizado. No tocante ao tópico doutrina e ideologia, Toscanini indica um efeito de esperança com a possibilidade de uma mudança. Já Jean Marc e Daniel Sales destacam o tópico de orgulho de fazer parte dessa “família”.

Na *Conclusão*, detalharemos as observações aqui apontadas e o percurso que fizemos para chegar aos resultados da pesquisa.

## CONCLUSÃO

Esta dissertação de Mestrado se propôs a analisar a construção das imagens de si de líderes de três gerações da torcida organizada Máfia Azul: o fundador Eder Toscanini, o presidente nos anos 2000, Jean Marc Gougeuil, e o “chefe” atual, Daniel Sales. A partir dos discursos, procuramos identificar os *ethé* em comum que pudessem formar uma representação geral dos líderes da maior organizada ligada ao Cruzeiro.

O *corpus* escolhido foi a narrativa de vida dos torcedores organizados. Mostramos que, como esse grupo não tem voz nas mídias tradicionais foi necessário colher os relatos através de entrevistas semiestruturadas. Conforme explicado no capítulo teórico, a narrativa de vida é o ato de colocar a vida em palavra – considerando que a principal diferença entre a narrativa e a vida em si está no fazer discursivo. Dessa forma, observamos um diálogo com a Análise do Discurso, em especial com a Teoria Semiolinguística, na medida em que o ato de comunicar as experiências vividas envolve o contrato de comunicação, assim como as estratégias discursivas e as identidades dos sujeitos.

Assim sendo, nesta pesquisa, identificamos o gênero discursivo presente no contrato de comunicação – o contrato, conforme Charaudeau (1983), funciona como um regulador do processo comunicativo. Considerado forma padrão de enunciado, o gênero entrevista foi analisado, tendo em vista que os torcedores organizados responderam perguntas do interlocutor a respeito da Máfia Azul com o objetivo de informar, revelando momentos da vida de torcedor organizado. Esses dados repassados por eles foram usados na pesquisa.

Ressaltamos, pois, a importância desse gênero para esta pesquisa, levando-se em conta a junção dele com as narrativas de vida. Observamos, em vários trechos, a reconstrução de momentos da vida pelos torcedores organizados, episódios que ficaram marcados e que hoje são configurados no discurso em atos éticos, no sentido de apreciar/julgar o que foi vivido. Apontamos os trechos saudosistas nos discursos dos três torcedores, em especial quando abordam o futebol no passado, considerado por eles mais democrático e inclusivo. Por meio da entrevista, encontramos informações importantes, que nos ajudaram a consolidar o capítulo sobre as torcidas organizadas, além de visualizarmos a emersão de identidades nas construções discursivas: cruzeirense, mafioso, religioso, francês (abordaremos com mais detalhes adiante). Esses aspectos nos fornecem pistas em busca do *ethos*.

Tendo isso em vista, entendemos que tanto o gênero entrevista quanto as narrativas de vida foram pródigos em evocar as imagens de si dos torcedores organizados. Para encontrar os *ethé*, nossos objetivos principais foram: (i) identificar os imaginários sociodiscursivos que construíram a realidade dos torcedores organizados. Os imaginários foram escolhidos porque vários trabalhos na área já os consagraram como uma das formas de apreensão das imagens de si. (ii) Observar os subjetivemas (em especial os afetivos e os axiológicos), identificando as posições dos torcedores sobre os temas debatidos; (iii) e os efeitos patêmicos como estratégia discursiva de convencimento do interlocutor, lembrando que as emoções são marcantes no tocante aos torcedores organizados. Assim, os três operadores nos auxiliaram a chegar às imagens de si no discurso.

Dividimos as entrevistas em cinco eixos, e as escolhas se deram pela relevância temática em três delas (violência, representação midiática do torcedor organizado e elitização do futebol), e por dois aspectos construtivos para se entender melhor os torcedores organizados: afirmação de identidades e ideologia/doutrina.

Em relação ao tópico violência, mostramos, segundo dados de Murad (2017), que o Brasil é o líder mundial em mortes no futebol. Na representação midiática, por sua vez, os torcedores organizados são desacreditados e perdem a credibilidade social por causa da exploração em demasia dos estereótipos, de acordo com Lopes (2012). Já a elitização do futebol diminuiu os espaços populares nos estádios, afastando parte dos torcedores de baixo poder aquisitivo (CRUZ, 2010; BARRETO, NASCIMENTO, 2011; MASCARENHAS, 2013).

O eixo da afirmação de identidades foi incluído porque o discurso, em especial as narrativas de vida, é carregado de marcas de pertencimento. De acordo com Machado (2016), a narrativa de vida permite que o sujeito-narrador efetue um trabalho de reconstrução/recomposição de sua identidade. Por fim, trabalhamos com as noções de ideologia e doutrina, de acordo com Charaudeau (2010), que são valores com caráter fechado, refutando a contradição. O uso desses conceitos foi interessante porque eles permitem observar algumas ideias fundamentais que formam os princípios da torcida organizada Máfia Azul.

Na análise, observamos que os torcedores organizados confirmam alguns estereótipos sociais e, a despeito das várias diferenças entre eles, reproduzem imagens semelhantes no discurso. No *ethos* prévio, encontramos a imagem de violento como a mais difundida socialmente. No discurso, vimos que os três líderes da Máfia Azul reforçam esse estigma. Alguns

*ethé* encontrados no eixo violência ajudam a entender esse contexto: virilidade e agressividade. O efeito patêmico empregado no discurso foi importante para a consolidação dessas imagens. Observamos que os torcedores organizados utilizaram como estratégia discursiva o emprego de tentar causar medo no interlocutor. Os subjetivemas (axiológico e afetivo) nos auxiliaram na compreensão da emoção no discurso, já que eles fazem um julgamento avaliativo dos objetos do mundo. Destacamos alguns deles que contribuíram para os *ethé* encontrados: “guerra, guerra mesmo, de faca, de revólver, de fuzil, de briga, de guerra mesmo, de matar mesmo” (Eder Toscanini); “quase matou”; “brigava, brigava, na mão, tapa, no máximo uma pedrada”; “brigava, invadia”; “queria mostrar quem é quem, mas igual homem, na mão mesmo” (Jean Marc), “ninguém passa por cima da Máfia Azul”; “ninguém passa por cima da gente” (Daniel Sales).

Por outro lado, os líderes da Máfia Azul encenaram imagens de prejudicados e vítima em relação à representação midiática dos torcedores organizados. Os três torcedores acreditam que a imprensa noticia apenas fatos negativos ligados aos organizados, reforçando os estereótipos já existentes. O efeito patêmico acionado pelos três foi o de indignação com a cobertura. Já os subjetivemas reforçam o repúdio à mídia: “derramamento de sangue” (Eder Toscanini); “mostra crimes horríveis”; “gosta de vender o negativo”; “crime no futebol dá mais ibope” (Jean Marc); “mídia quer sangue”, “o que vende é briga” (Daniel Sales).

O eixo elitização do futebol deu origem às seguintes imagens: derrotado, frustrado, penalizado, vítima e desmotivado. Os três organizados entendem que o processo prejudicou os torcedores mais pobres, atingindo, em especial, as organizadas. Por isso, eles indicaram efeito patêmico de tristeza e desânimo. Os axiológicos ajudaram a confirmar isso: “Fico triste”; “eu acho péssimo”, “futebol é do povão”, “morro de saudades da geral”, “coisa maravilhosa era geral” (Eder Toscanini), “futebol moderno acabou com isso”; “adorava”; “festa incrível” (Jean Marc); “futebol fica chato” (Daniel Sales).

No tópico afirmação de identidades, o fanatismo foi a imagem em comum encontrada. Podemos observar alguns efeitos patêmicos, como alegria, satisfação, fervor e orgulho. Os axiológicos ajudaram a construir o *ethos*, como podemos ver: “É incrível, parece que você se transforma, vira um super-homem” (Eder Toscanini); “eu tinha esse amor que tenho até hoje”; “Máfia Azul dentro do sangue” (Jean Marc); “maior sentimento é o Cruzeiro Esporte Clube”; “nós vivemos pelo Cruzeiro” (Daniel Sales). Ainda notamos algumas particularidades, que são importantes para se entender, pelo menos no nível discursivo, os traços identitários de cada

organizado. Eder Toscanini se mostrou religioso e seguidor das escrituras bíblicas; já Jean Marc destacou sua nacionalidade francesa, reafirmando-se estrangeiro e se distanciando de qualquer brasilidade; Daniel Sales, por sua vez, evidenciou sua imensa dedicação e amor à Máfia Azul e ao Cruzeiro.

No último segmento (ideologia e doutrina), os líderes da Máfia Azul evocaram o *ethos* de fidelidade. Os efeitos patêmicos vão da tristeza (Eder Toscanini), pelo fato de a violência unir a torcida, ao orgulho e à satisfação (Jean Marc e Daniel Sales), por construir amizades e pertencer ao grupo social em questão. Os subjetivemas indicam a noção de fraternidade como um valor da Máfia Azul: “amor que um sente pelo outro”, “queria que esta coisa ruim [violência], fosse para o bem” (Eder Toscanini), “a torcida Máfia Azul é uma família” (Daniel Sales); “do próprio sangue dos torcedores”, “fazia isso por amor” (Jean Marc).

Assim, apesar das diferenças entre as gerações, encontramos imagens em comum dos torcedores organizados em cada um dos eixos de análise. Segundo a nossa análise, os líderes da Máfia Azul, por meio do discurso, construíram imagens de agressivos e viris (embora em muitas vezes preguem a paz); prejudicados e vítimas da cobertura midiática; frustrados pela elitização do futebol; fanáticos (afirmação de identidades) e fieis à torcida organizada e aos seus valores (doutrina e ideologia).

Notamos que os principais imaginários sociodiscursivos foram construídos por meio dos saberes de experiência, “futebol como esporte popular e democrático”, “torcedor organizado como violento” e “torcedor organizado como abnegado e dedicado”, entre outros; e pelos saberes de crença, “homens resolvem as coisas na mão”, “direitos humanos como proteção para bandidos”, “imprensa sensacionalista”. Os relatos das experiências são características das narrativas de vida, que buscam recuperar o passado. Em relação ao grande uso das crenças, permite-nos interpretar que os torcedores organizados não estavam interessados em provar uma verdade, mas sim demonstrar uma leitura da realidade social deles.

Foi possível também explorar os valores subjacentes aos posicionamentos dos colaboradores, observando traços de discursos religioso, machista, reacionário e político. Eder Toscanini demonstrou sua faceta cristã, utilizando, discursivamente, algumas lições bíblicas, como a de amar o outro como a si mesmo, referindo-se às brigas entre torcidas organizadas. Quando tratou do assunto violência, demonstrou um discurso reacionário, que busca a saída em um passado idílico, em especial quando havia uma truculência maior nos órgãos de segurança – o

período militar, podemos deduzir. Já Jean Marc adotou, em alguns momentos, um discurso político, com forte relação a algumas das grandes mazelas brasileiras, como desigualdade, distribuição de renda e violência. Quando comentou sobre o processo de elitização do futebol, utilizou as arquibancadas como uma alegoria de um país que exclui ao invés de incluir, ao citar o encontro de engenheiros, professores e favelados em décadas passadas no Mineirão, que hoje convive com os “*homens-self*”. Por sua vez, Daniel Sales indica o machismo em seu discurso ao dizer que o lugar das mulheres é em setores de menos prestígio dentro da Máfia Azul, confirmando esse preconceito estrutural da sociedade brasileira também presente na torcida organizada.

Acreditamos que a nossa pesquisa possa ter contribuído para observar, discursivamente, esse fenômeno social que são as torcidas organizadas, aqui em particular a Máfia Azul. Ressaltamos que o documentário produzido a partir das entrevistas coletadas para esta dissertação complementa este estudo. Tendo em vista a tímida produção acerca da Análise do Discurso das torcidas mineiras, esperamos que esta dissertação seja uma forma de fomentar outros estudos, não somente sobre a Máfia Azul, mas também sobre outras organizadas. Como sugestão, uma pesquisa comparativa, no caso entre duas organizadas de Atlético e Cruzeiro (Galoucura e Máfia Azul, por exemplo), seria um passo adiante para se entender até que ponto torcidas que “se odeiam” têm valores e discursos parecidos. Quem sabe uma tese de Doutorado não possa nascer daí?

## REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. (Org). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2010.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Introd. de Manuel Alexandre Júnior, tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. *Eu canto, bebo e brigo... alegria do meu coração: currículo de masculinidades nos estádios de futebol*. 209. 126f. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

BENVENISTE, Émile. 1988. *Problemas de linguística geral I*. Campinas, São Paulo: Pontes.

BARRETTO, Túlio Velho; NASCIMENTO, Cristiano. *Os espaços físicos e o habitus dos torcedores brasileiros em estádios de futebol: o que pode mudar com a adoção do ‘padrão Fifa’ para a Copa de 2014?* In: *REUNIÃO ANUAL DA ANPOCS*, 35, 2011, p. 4.

BERTAUX, Daniel. *Les récits de vie*. Collection 128. Paris: Nathan, 1997.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação qualitativa em educação*. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. *Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais*. *Em Tese*, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan./jul. 2005. Disponível em: <[http://www.emtese.ufsc.br/3\\_art5.pdf](http://www.emtese.ufsc.br/3_art5.pdf)> Acesso em: 21 de jul. de 2017.

BUFORD, Bill. *Entre os vândalos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BURRICK, D. *Une épistémologie du récit de vie*. *Recherches Qualitatives – Hors Série – numéro 8* – p. 7-36, 2010. ISSN 1715-8702. Disponível em: <<http://www.recherchequalitative.qc.ca/Revue.html>>. Acesso em: 3 de fev. de 2017.

CALDAS, Waldenyr. *Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro*. *Revista USP*, São Paulo, n. 22, pp. 41-49, jun.-ago, 1994.

CAMPOS; Priscila Ferreira; BRUZZI, Rúbio Sabino; SILVIO, Ricardo da. *Elitização do Mineirão? Análise a partir da origem social dos torcedores*. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*. Belo Horizonte, v. 3, n.1, p. 126-141, jan./abr. 2016.

CARVALHO, Aline Torres Souza. *O discurso da “santidade” em narrativas de vida de São Francisco de Assis e Francisco Cândido Xavier*. 2016. 195f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

CHARAUDEAU, Patrick. *Langage et Discours*. Paris: Hachette, 1983.

CHARAUDEAU, Patrick. *Para uma nova análise do discurso*. In: Carneiro, Agostinho Dias (org.). *O discurso da mídia*. Rio de Janeiro: Oficina do autor, 1996.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise de Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick. *Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual*. In: MACHADO, I.L.; MELLO, R. (Orgs) *Gêneros: Reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte, NAD/FALE/UFMG, 2004. p.14-41

CHARAUDEAU, Patrick. *Les stéréotypes, c’est bien. Les imaginaires, c’est mieux*. In: Boyer H. (dir.) *Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène*. Paris:L’Harmattan, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. *A patemização na televisão como estratégia de autenticidade*. In: MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lúcia (Orgs.). *As emoções no discurso*. 1. ed. Campinas: Mercado das Letras, 2010, vol. 2, p. 23-56.

CHARAUDEAU, Patrick. *Por uma interdisciplinaridade “focalizada” nas ciências humanas e sociais*. In: MACHADO, I. L.; COURA, J.; MENDES, E. (Orgs.). *A transdisciplinaridade e a interdisciplinaridade em estudos da linguagem*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013, p. 17-51.

COMOLLI, Jean-Louis. *Estudos em Toulouse: representação, mise-en-scène e mediatização*. In: COMOLLI, Jean-Louis. *Ver e poder. A inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008. p. 96-107.

CRUZ, Antônio. *A virada econômica do futebol: observações a partir do Brasil, Argentina e uma Copa do Mundo*. 228f. 2010. Tese (Doutorado Antropologia Social) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CRUZ, Luana. *Rota hipertextual baseada em tags: discussão de processos de produção e leitura como sistemas complexos no contexto da Web Semântica*. 2014. 110f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). 2014

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. A busca da excitação. Lisboa, DIFEL, 1992.

ESSENFELDER, Renato. Marcas da presença da audiência em uma entrevista jornalística. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL* v. 3, n. 4, p. 15-16, mar. de 2005.

FERNANDES, Fernando Manuel Bessa. *Campo de forças: sociabilidade numa torcida organizada*. Niterói: UFF/PPGACP, 2000.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FONSECA, Paulo Augusto da Cunha. Paulo Augusto da Cunha Fonseca: depoimento [maio.2017]. Entrevistador: Thiago Madureira. Belo Horizonte, 2018. Entrevista concedida à Dissertação de Mestrado.

FORMIGA, Fábio de Oliveira Nobre. A evolução da hipótese de Agenda-setting. 2006. 93 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GUTERMAN, Marcos. *Médice e o futebol: a utilização do esporte mais popular do Brasil pelo governo mais brutal do Regime Militar*. Projeto História: *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*. USP, 2004.

GOUGEUIL, Jean Marc. Jean Marc Gougeuil: depoimento [mar.2017]. Entrevistador: Thiago Madureira. Belo Horizonte, 2018. Entrevista concedida à Dissertação de Mestrado.

HOLLANDA, Bernardo Buarque. *O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

KAUFMANN, Jean-Claude. *L'invention de soi : une théorie de l'identité*. Paris: Nathan Université, 2004.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *La enunciación – de la subjetividad en el lenguaje*. Buenos Aires: Edicial S.A., 1997.

LE QUERLER, Nicole. Modalités épistémiques. In.: *Typologie des modalités*. Caen: Presses, Université de Caen, 1996. p. 71-111.

LESSA, Cláudio Humberto. *Marcação e destituição de identidade política-discursiva em ensaios de intelectuais de esquerda: valores imaginários e a projeção de auto e hétero-imagens*. 2009. 233f. Tese (Doutorado em Linguística) Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009

LOPES, Felipe Tavares Paes. *Discursos sobre violência envolvendo torcedores de futebol: ideologia e crítica na construção de um problema social*. 2012. 192f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/KfyqE5>>. Acesso em: 26 out. 2017.

MAIA, Jader Gontijo. *Imaginários do discurso político e a construção da identidade: um estudo sobre narrativas de vida na entrevista política*. 2015. 182f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

MACHADO, Ida Lucia. *Práticas discursivas: construindo identidades na diversidade...e na adversidade*. In: GOMES, M. C.; MELO, M. S. S.; CATALDI, C. (Org.). *Práticas discursivas: construindo identidades na diversidade*. Viçosa: Arca, 2009. p. 103-117.

MACHADO, Ida Lucia. *Le rôle du récit de vie dans le discours politique de Lula. Argumentation et Analyse du Discours*, n. 7, p. 1-14, 2011. Disponível em: <<http://aad.revues.org/1166>>. Acesso em: 18 jan. 2017

MACHADO, Ida Lucia. Algumas reflexões sobre elementos de base e estratégias da Análise do Discurso. *Revista Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, v. 20, n.1, jan./jun. 2012,p. 187-207. Disponível em: <<http://relin.letras.ufmg.br/revista/upload/20108-IdaLucia.pdf>>. Acesso em outubro de 2017.

MACHADO, Ida Lucia. O Prefácio visto como uma prática discursiva onde diferentes vidas e obras se entrecruzam. *Revista de Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 1129-1139, set.-dez. 2014.

MACHADO, Ida Lucia. *A 'narrativa de si' e a ironia: um estudo de caso à luz da Análise do Discurso*. *Cadernos Discursivos*, Catalão, v. 1, 2013, p. 1-16.

MACHADO, Ida Lucia. Nos bastidores da narrativa de vida e análise do discurso. In: Machado. I. L.; Melo, M. S. S (orgs). *Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas na visão da Análise do Discurso*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, FALE/UFMG, 2016.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-25.

MASCARENHAS, Gilmar. *Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol*. *Cidades*, v. 10, n. 17, p.142-70, 2013. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/view/3238>>. Acesso em: 08 fev. 2017.

MONTEIRO, Rodrigo de Araújo. *Torcer, lutar ao inimigo massacrar: Raça Rubro-Negra! Uma etnografia sobre futebol, masculinidade e violência*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

MORIN, Edgar. A entrevista nas Ciências Sociais, no Rádio e na televisão. IN: MOLES, Abraham A. et alii. *Linguagem da cultura de massa*. Petrópolis: Vozes, 1973.

MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. Tradução por Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003.

MURAD, Mauricio. *A violência no futebol*. São Paulo: Benvirá, 2017.

PALHARES, Marcelo Fadori Soares. *Violência no futebol brasileiro: os discursos de torcedores organizados*. 2015. 284f. Dissertação (Mestrado em Instituto de Biociência) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Motricidade, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2015.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. *Torcidas organizadas de futebol: violência e auto-afirmação, aspectos da construção de novas relações sociais*. Taubaté: Vogal, 1997.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. *Violência entre torcidas organizadas de futebol*. São Paulo em Perspectivas, vol. 2, n.2. p. 122-128, 2000.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. *Torcidas organizadas de futebol: identidade e identificações, dimensões cotidianas*. In: ALABARCES P. (Comp.) *futbológicas: fútbol, identidad y violencia en América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2003. p. 39-55

PRAÇA, Gibson Moreira; SILVA, Sílvio Ricardo da. As torcidas organizadas de Belo Horizonte e suas manifestações. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 21., 2009, São José, SC. *Anais...* São José, SC, 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/rxZ5js>>. Acesso em: 26 de out. de 2017.

PRAÇA, Gibson Moreira; et al. *Levantamento e análise das torcidas organizadas de Minas Gerais*. 2010. Disponível em: <<https://gefut.files.wordpress.com/2010/10/texto-levantamento-e-anylise-das-torcidas-organizadas-de-minas-gerais.pdf>> Acesso em: 3 de fev. de 2018.

PROCÓPIO, Marina Ramalho. *O Ethos do homem do campo nos quadrinhos de Chico Bento*. 2008. 142f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

RAMOS, Fernão Pessoa. *Mas afinal... o que é mesmo documentário?* São Paulo: Editora Senac, 2008, v.1. p.447.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. Espetáculo futebolístico e violência: uma complexa relação. In: DAOLIO, J. (Org.). *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 31-56.

RIBEIRO, Elisa Antônia. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. *Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais*, Araxá/MG, n. 04, p.129-148, maio de 2008.

RIBEIRO, Raphael Rajão. Apontamentos e questionamentos sobre a memória do futebol em Belo Horizonte. In : CORNELSEN, E. L.; AUGUSTIN, G. H.; SILVA, S. R. (Orgs.) *Futebol, linguagem, artes, cultura e lazer*. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2015, p. 179-190.

SILVA, Marcelino Rodrigues. Futebol brasileiro, invenção modernista. In: CORNELSEN, E. L.; AUGUSTIN, G. H.; SILVA, S. R. (Orgs.) *Futebol, linguagem, artes, cultura e lazer*. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2015, p. 135-147.

SALES, Daniel. Daniel Sales: depoimento [agos.2017]. Entrevistador: Thiago Madureira. Belo Horizonte, 2018. Entrevista concedida à Dissertação de Mestrado.

SANTOS, Daniel de Araujo dos. *Futebol e política: a criação do Campeonato Nacional de Clubes de Futebol*. 2012. 148 f. Dissertação (mestrado) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História Política e Bens Culturais, Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2012.

SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. *Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas: paixão, rito e magia no futebol*. São Paulo: Annablume, 2004.

SLOANE, Thomas. *Encyclopedia of rhetoric*. New York, Oxford University Press. 2001.

TOLEDO, Luiz Henrique. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados: Anpocs, 1996.

TOSCANINI, Eder. Eder Toscanini: depoimento [mai.2017]. Entrevistador: Thiago Madureira. Belo Horizonte, 2018. Entrevista concedida à Dissertação de Mestrado.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

## ANEXOS



CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Daniel Gomes Sales, portador da identidade MG 19364484, declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado e/ou de participar da pesquisa sobre o discurso dos líderes da torcida organizada Máfia Azul, desenvolvida pelo mestrando Thiago Madureira de Alvarenga, com orientação de Lillian Arão, a quem poderei contatar a qualquer momento pelo telefone 3319-7140 (DELTEC – Departamento de Linguagem e Tecnologia).

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado dos objetivos da pesquisa, que analisa as imagens dos torcedores organizados que emergem pelo discurso.

Minha colaboração foi gravada e poderá ser utilizada de forma impressa, e/ou em vídeo, para internet, documentário e programas de televisão.

BELO HORIZONTE, 24 DE agosto DE 2017

Assinatura do entrevistado: Daniel Gomes Sales



CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Jean marc Bougeant, portador da identidade V06058U, declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado e/ou de participar da pesquisa sobre o discurso dos líderes da torcida organizada Máfia Azul, desenvolvida pelo mestrando Thiago Madureira de Alvarenga, com orientação de Lilian Arão, a quem poderei contatar a qualquer momento pelo telefone 3319-7140 (DELTEC – Departamento de Linguagem e Tecnologia).

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado dos objetivos da pesquisa, que analisa as imagens dos torcedores organizados que emergem pelo discurso.

Minha colaboração foi gravada e poderá ser utilizada de forma impressa, e/ou em vídeo, para internet, documentário e programas de televisão.

BELO HORIZONTE, 15 DE Março DE 2017.

Assinatura do entrevistado:



CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, EDER TOSCANINI GODINHO, portador da identidade M17SGSGG, declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado e/ou de participar da pesquisa sobre o discurso dos líderes da torcida organizada Máfia Azul, desenvolvida pelo mestrando Thiago Madureira de Alvarenga, com orientação de Lilian Arão, a quem poderei contatar a qualquer momento pelo telefone 3319-7140 (DELTEC – Departamento de Linguagem e Tecnologia).

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado dos objetivos da pesquisa, que analisa as imagens dos torcedores organizados que emergem pelo discurso.

Minha colaboração foi gravada e poderá ser utilizada de forma impressa, e/ou em vídeo, para internet, documentário e programas de televisão.

BELO HORIZONTE, 18 DE MAIO DE 2017

Assinatura do entrevistado: \_\_\_\_\_